

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO

SAMANTA KÉLLY MENONCIN PIEROZAN

A METAFORICIDADE DOS *PHRASAL VERBS* CONSTITUÍDOS POR *UP* E *DOWN*:
uma investigação sob a ótica da semântica cognitiva

São Leopoldo

2015

Samanta Kély Menoncin Pierozan

A METAFORICIDADE DOS *PHRASAL VERBS* CONSTITUÍDOS POR *UP* E *DOWN*:
uma investigação sob a ótica da semântica cognitiva

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rove Luiza de
Oliveira Chishman.

São Leopoldo

2015

P615m Pierozan, Samanta Kéllly Menoncin.
A metaforicidade dos phrasal verbs constituídos por up e
down : uma investigação sob a ótica da semântica cognitiva /
Samanta Kéllly Menoncin Pierozan. – 2015.
110 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São
Leopoldo, RS, 2015.
“Orientação: Prof.^a Dr.^a Rove Luiza de Oliveira Chishman.”

1. Phrasal verbs. 2. Teoria da metáfora conceptual.
3. Linguística de corpus I. Título.

CDU: 802.0-25

Samanta Kély Menoncin Pierozan

A METAFORICIDADE DOS PHRASAL VERBS CONSTITUÍDOS POR UP E DOWN:
uma investigação sob a ótica da semântica cognitiva

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rove Luiza de
Oliveira Chishman.

Aprovada em 24/08/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Rove Luiza de Oliveira Chishman (orientadora) – Universidade do Vale do Rio
dos Sinos (UNISINOS)

Prof. Dr. Anderson Berdoldi – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof.^a Dr.^a Débora Taís Batista de Abreu – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL)

AGRADECIMENTOS

Aos meus amores, Gringo, meu porto seguro, e Victor, luz da minha vida. Pelo apoio e compreensão. Vocês são demais!

À Unisinos e à Capes. Pela bolsa de estudo concedida, oportunizando a realização do mestrado.

Aos meus professores e colegas. Pelo conhecimento compartilhado e atenção dispensada a mim.

Aos meus alunos. Pela motivação que a mim despertam à busca do Saber.

Às amizades que cultivo. Pela inspiração.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é investigar a metaforicidade dos Phrasal Verbs (PVs) tendo-se como pilar teorias da semântica cognitiva, principalmente a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980). Além da TMC, no que diz respeito ao significado dos advérbios ou preposições constituintes dos PVs – os quais podem ser chamados de partículas –, consideram-se também as contribuições de Rudzka-Ostyn (2003), a qual utiliza esquemas imagéticos para representar os PVs, e de Lindner (1981), que parte da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987) para analisá-los. Tendo como foco os PVs *up* e *down*, como metodologia, utiliza-se o ferramental da Linguística de Corpus, extraíndo-se os PVs do *Corpus of Contemporary American English* (COCA). Após realizar a seleção dos Phrasal Verbs para análise, relaciona-se o significado dos PVs selecionados com os sentidos e esquemas imagéticos propostos por Rudzka-Ostyn (2003); verificam-se como esses sentidos expressam os esquemas imagéticos propostos; identificam-se as metáforas conceptuais, em especial aquelas do tipo orientacional, conforme Lakoff e Johnson (1980); e verifica-se o mapeamento metafórico das concordâncias analisadas. Os resultados apontam que os PVs, na sua maioria, são metafóricos, e que essa metaforicidade tem forte relação com a semântica das partículas que constituem a construção verbo-partícula. Além disso, espera-se com a presente pesquisa agregar à proposta de caráter pedagógico de Rudzka-Ostyn (2003), contribuindo para o ensino e aprendizagem de PVs.

Palavras-chave: *Phrasal Verbs*. Teoria da Metáfora Conceptual. Linguística de Corpus.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to investigate the metaphor properties of Phrasal Verbs (PVs), based on cognitive semantic theories, especially the Conceptual Metaphor Theory, developed by Lakoff and Johnson (1980). In addition, concerning the meaning of adverbs or prepositions that constitute PVs – which can be called particles –, contributions made by Rudzka-Ostyn (2003), who uses image schemas to represent PVs, and Lindner (1981), who takes into consideration Cognitive Grammar (LANGACKER, 1987) to analyze them, are considered. The up and down particles are the focus of this investigation. Regarding methodology, Corpus Linguistics is used, and the PVs are extracted from the Corpus of Contemporary American English (COCA). After selecting them, the relation between the PVs and Rudzka-Ostyn's image schemas is verified, as well as how their senses express the image schemas proposed by Rudzka-Ostyn (2003); conceptual metaphors, especially the orientational ones, are identified, in accordance with Lakoff and Johnson (1980); and the mapping between conceptual domains is verified. The results point that the PVs are mostly metaphoric, and that its metaphor properties are strongly related to the meaning of the particles that constitute each verb-particle construction. In addition, it is hoped this research adds to the pedagogical proposal of Rudzka-Ostyn (2003), contributing to the teaching and learning of PVs.

Keywords: *Phrasal Verbs*. Conceptual Metaphor Theory. Corpus Linguistics.

“Meaning is what language is all about”.

Langacker

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rudzka-Ostyn - exemplos de trajetor e marco.....	46
Figura 2: Sentido da partícula <i>up</i>	47
Figura 3: Sentido da partícula <i>up</i>	48
Figura 4: Sentido da partícula <i>up</i>	48
Figura 5: Sentido da partícula <i>up</i>	49
Figura 6: Sentido da partícula <i>up</i>	50
Figura 7: Exercício para expandir e testar conhecimento (partícula <i>up</i>).....	51
Figura 8: Sentido da partícula <i>down</i>	52
Figura 9: Sentido da partícula <i>down</i>	53
Figura 10: Sentido da partícula <i>down</i>	54
Figura 11: Sentido da partícula <i>down</i>	54
Figura 12: Domínio: espaço físico não orientado.....	57
Figura 13: Interface ferramental do <i>corpus</i>	66
Figura 14: Forma de pesquisa.....	67
Figura 15: <i>Keyword in Context</i> (KWIC) e etiquetagem morfossintática.....	68
Figura 16: Identificação das classes gramaticais em contexto.....	68
Figura 17: <i>Run up</i> : concordâncias com etiquetagem morfossintática.....	69
Figura 18: Colocações: busca e resultado.....	70
Figura 19: <i>Pos list</i> : busca por construções verbo-partícula.....	71
Figura 20: Forma de busca.....	73
Figura 21: Forma de busca.....	79
Figura 22: Sentidos da partícula <i>up</i>	95
Figura 23: Sentidos da partícula <i>down</i>	96
Figura 24: Os sentidos de <i>up</i> e as metáforas correspondentes.....	97
Figura 25: Os sentidos de <i>down</i> e as metáforas correspondentes.....	98
Figura 26: Metáforas conceptuais para os PVs <i>set up</i> , <i>come up</i> e <i>pick up</i>	98
Figura 27: Metáforas conceptuais para os PVs <i>go down</i> , <i>come down</i> e <i>break down</i>	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplos de uso do PV <i>blow up</i>	12
Quadro 2: Escala da Hierarquia de Rigidez de Fraser: as operações permitidas	26
Quadro 3: Símbolos utilizados nos esquemas de Rudzka-Ostyn	45
Quadro 4: Os sentidos de up e down: uma contribuição de Rudzka-Ostyn (2003).....	55
Quadro 5: Rudzka-Ostyn e Lindner: os sentidos prototípicos de <i>up</i> e <i>down</i>	60
Quadro 6: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, <i>pick up</i>	80
Quadro 7: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, <i>come up</i>	80
Quadro 8: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, <i>set up</i>	80
Quadro 9: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, <i>go down</i>	80
Quadro 10: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, <i>come down</i>	81
Quadro 11: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, <i>break down</i>	81
Quadro 12: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com up (sentido 1).....	85
Quadro 13: elementos focais das concordâncias da Tabela 2	86
Quadro 14: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com <i>up</i> (sentido 2).....	87
Quadro 15: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com <i>up</i> (sentido 4).....	88
Quadro 16: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com <i>up</i> (sentido 5).....	89
Quadro 17: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com <i>down</i> (sentido 1)...	91
Quadro 18: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com <i>down</i> (sentido 3)...	92
Quadro 19: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com <i>down</i> (sentido 4)...	93
Quadro 20: Comparação entre as metáforas conceptuais encontradas neste trabalho e as metáforas encontradas em estudos prévios.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 2: Lista de frequência dos PVs, V-P, mais comuns com <i>up</i>	74
Tabela 3: Lista de frequência dos PVs, V-P-SN, mais comuns com <i>down</i>	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	15
2.1 PVS: QUESTÕES PRELIMINARES	15
2.1.1 Os PVs como construção verbo-partícula	16
2.1.2 PVs como unidades multivocabulares: idiomaticidade e composicionalidade	23
2.2 PVs NA LINGUÍSTICA COGNITIVA	31
2.2.1 Linguística Cognitiva	32
2.2.2 Metáfora conceptual: o que é?	33
2.2.2.1 Conceitos cotidianos estruturados metaforicamente: entre o literal e o idiomático	41
2.3 A METAFORICIDADE DAS PARTÍCULAS <i>UP</i> E <i>DOWN</i>	42
2.3.1 Rudzka-Ostyn: <i>UP</i> & <i>DOWN</i>	43
2.3.1.1 A partícula <i>UP</i>	46
2.3.1.2 A partícula <i>DOWN</i>	51
2.3.2 Lindner: <i>UP</i> e a noção de aproximação	56
2.3.3 Rudzka-Ostyn e Lindner: duas perspectivas diferentes no âmbito da Linguística Cognitiva	60
3 METODOLOGIA.....	62
3.1 O <i>CORPUS</i> DE ESTUDO “COCA” E O FERRAMENTAL DE ANÁLISE.....	64
3.2 COLETA DE DADOS	72
3.3 ETAPAS DE ANÁLISE.....	81
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

*Phrasal Verbs*¹, por vezes chamados de *multiword verbs*, são estruturas geralmente compostas por verbo e preposição, ou verbo e advérbio. Essas combinações apresentam sentidos que não são previsíveis a partir do significado da soma de seus componentes. Por exemplo, na construção *to blow up*, o verbo por si só (*to blow*) significa “soprar”, enquanto a partícula *up* remete à noção de “mais alto/mais acima”; já o PV *to blow up*, conforme o Dicionário de *Phrasal Verbs* Michaelis (2003, p. 7), pode significar (i) “estourar/explodir”, (ii) “ficar irritado de repente”, (iii) “ampliar fotografia ou imagem” e (iv) “encher com ar”. Devido ao uso frequente dessas expressões em língua inglesa, principalmente em situações do cotidiano, trata-se de um tópico essencial no ensino de inglês como Língua Estrangeira (LE). No tocante aos falantes de português como primeira língua, a aprendizagem do fenômeno pode se tornar problemática, uma vez que essas estruturas não são típicas da língua portuguesa.

A perspectiva teórica assumida em livros didáticos e dicionários é comumente a mais tradicional. Nesse âmbito, gramáticos tradicionais defendem que os advérbios ou as preposições constituintes de *phrasal verbs*, os quais são também chamados de partículas, contribuem para o significado total de um PV na mesma proporção que o verbo. Porém, afastando-se dessa visão, abordagens da Linguística Cognitiva (LC) mostram que as contribuições semânticas do verbo e do advérbio/preposição para o significado total do PV não ocorrem, necessariamente, em um mesmo grau (LINDNER, 1991; CAPPELLE, 2005; TYLER e EVANS, 2003; RUDZKA-OSTYN, 2003). Para esses autores, no caso dos *phrasal verbs*, a contribuição semântica da partícula exerce um papel essencial, uma vez que o verbo e a partícula, juntos, motivam um novo significado, o qual geralmente apresenta um forte grau de idiomatidade, ou seja, não é possível predizer seu significado a partir do sentido mais básico de suas partes.

Nesse sentido, ao que tudo indica, é por meio das partículas – elementos que acompanham o verbo na constituição dos PVs –, que ocorre a extensão dos significados, ou seja, os significados novos que são criados a partir do significado ou sentido mais básico de determinada palavra. Portanto, assumindo-se uma visão pautada na Linguística Cognitiva,

¹ Neste trabalho, o termo *Phrasal Verb* também será referenciado como ‘PV’ ou ‘PVs’, quando no plural. Embora, por vezes, linguistas prefiram o termo ‘construções/combinções V-P’, a motivação para o uso da sigla PV está relacionada à não exclusividade dos termos ‘estrutura/construção V-P’ ao inglês, já que esse fenômeno também pode ser encontrado em outras línguas germânicas. Por sua vez, a designação ‘PV’ é comumente utilizada no contexto de estudos de língua inglesa.

considera-se que cada partícula apresenta uma carga semântica significativa, cujas propriedades merecem ser investigadas, principalmente no que se refere às extensões metafóricas por elas motivadas. Esse aspecto remete a um ponto crucial que motiva esta pesquisa: a metaforicidade dos *phrasal verbs*. Retomando o exemplo de *blow up*, é possível perceber que o significado prototípico da partícula – nesse caso, uma preposição – é estendido a outro sentido, formando, junto ao verbo, um novo significado: a partícula *up*, que remete à noção de “mais alto/mais acima” na sua base semântica, tem como um de seus sentidos estendidos, consoante sugerido por Rudzka-Ostyn (2003, p. 86-87), “atingir um limite máximo, a ponto de poder ultrapassar um limite existente”. Conforme as definições mencionadas anteriormente, o Dicionário de *Phrasal Verbs* Michaelis (2003, p. 7) traz exemplos que corroboram essa afirmação:

Quadro 1: Exemplos de uso do PV *blow up*

Sentidos	Exemplos
(i) “estourar/explodir”	“ <i>The motor started smoking and suddenly blew up</i> ” (O motor começou a soltar fumaça e de repente explodiu)
(ii) “ficar irritado de repente”	“ <i>He blew up and told her to leave the room</i> ” (Ele ficou irritado de repente e pediu que ela saísse da sala)
(iii) “ampliar fotografia ou imagem”	“ <i>I’ll ask the photographer to blow this photograph up</i> ” (Eu pedirei ao fotógrafo para ampliar essa fotografia)
(iv) “encher com ar”	“ <i>Could you help me to blow up the balloons for the children’s party?</i> ” (Você poderia me ajudar a encher os balões para a festa das crianças?)

Fonte: (BLOW... [2003]).

Levando-se em conta esses pressupostos, o objetivo geral deste trabalho é investigar a metaforicidade dos PVs, tendo-se como pilar teorias da semântica cognitiva, principalmente a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980). Essa abordagem defende que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem utilizada para causar efeitos, mas que se trata de um recurso predominante no uso cotidiano da linguagem. Considera-se, assim, que a metáfora é a base do nosso sistema conceptual, estruturando nosso modo de ver o mundo. É por meio dessa perspectiva que se propõe refletir sobre a semântica dos PVs, em especial aqueles constituídos pelas partículas *up* e *down*. Essas construções ocorrem em mais de um formato: “verbo-partícula-sintagma nominal objeto” (V-P-SN)² e “verbo-sintagma nominal objeto-partícula” (V-SN-P)³; contudo, a presente pesquisa prioriza as construções em que o verbo é diretamente seguido pela partícula.

Os objetivos específicos são:

² Exemplo: *I picked up my fork.*

³ Exemplo: *I picked my fork up.*

- (i) identificar quais são as metáforas conceituais que motivam os sentidos das partículas *up* e *down*;
- (ii) verificar como os sentidos das partículas *up* e *down* expressam os esquemas imagéticos propostos por Rudzka-Ostyn (2003); e
- (iii) averiguar como ocorre o mapeamento metafórico nos PVs constituídos pelas partículas *up* e *down* nos dados extraídos do *corpus*.

Além da Teoria da Metáfora Conceptual, no que diz respeito ao sentido das partículas, assumem-se também as contribuições de Rudzka-Ostyn (2003), a qual defende que as partículas possuem, além de seus significados prototípicos, sentidos metafóricos ou estendidos, e utiliza esquemas imagéticos para representá-los. Esses esquemas vêm ao encontro desta investigação, já que, em grande parte, trata-se de conceitos abstratos que emergem da experiência com base corpórea. Em termos de contribuição e fundamentação teórica, principalmente com relação aos sentidos das partículas, consideram-se também os estudos de Lindner (1981), que aborda as extensões dos significados de partículas desde antes da consolidação da TMC.

A relevância da investigação sobre PVs se fundamenta tanto na complexidade sintática⁴ quanto semântica de suas construções, além das questões idiomáticas e metafóricas que estão relacionadas ao significado dessas estruturas, principalmente no que se refere à partícula, conforme mencionado anteriormente. Espera-se, assim, contribuir com os estudos descritivos em relação aos PVs, o que conseqüentemente pode oferecer subsídios para o ensino e a aprendizagem desse fenômeno no contexto do inglês como língua estrangeira, de forma que se criem estratégias alternativas à memorização. Assim, acredita-se que os aprendizes possam ter mais facilidade em compreender o fenômeno ao se tornarem conscientes quanto à orientação do sentido das partículas, às extensões metafóricas e às demais particularidades do fenômeno.

Para atingir os objetivos traçados, o presente trabalho estrutura-se da seguinte maneira: o capítulo 2 trata dos pressupostos teóricos, apresentando características sintáticas e semânticas relevantes e que estão relacionadas às construções V-P, em especial aos PVs no formato V-P-SN. Desse modo, averigua-se, na primeira parte do capítulo (subcapítulo 2.1), o que a literatura diz sobre as características gramaticais, idiomáticas e composicionais dos PVs. Na seqüência, no subcapítulo 2.2, procura-se situar os PVs na LC pelo viés da semântica cognitiva, abordando a relação metafórica das construções V-P com as metáforas conceituais,

⁴ A complexidade da estrutura sintática das construções V-P diz respeito à transitividade, ou seja, aos diferentes formatos da estrutura em que a partícula pode assumir diferentes posições na seqüência de palavras.

estabelecidas pela TMC. Conceitos relacionados ao sistema conceptual são tratados nesta parte da dissertação, bem como questões relacionadas à metaforicidade. A partir disso, verificam-se as propriedades semânticas e metafóricas das partículas *up* e *down*, apresentadas no subcapítulo 2.3.

A metodologia adotada para realizar o estudo empírico da pesquisa é retratada no capítulo 3. Uma vez que há a necessidade de coletar dados para evidenciar o fenômeno investigado, considera-se o ferramental da Linguística de Corpus como recurso metodológico. Para isso, utiliza-se um *corpus* adequado e representativo: *The Corpus of Contemporary American English* (COCA). Dessa forma, o capítulo abordará a Linguística de *Corpus* como recurso metodológico, as características e recursos do *corpus* de estudo escolhido e as etapas adotadas no processo metodológico para efetuar a geração e extração dos dados.

O capítulo 5 apresenta a análise e a discussão dos dados, momento tão esperado da pesquisa. E, por último, no capítulo 6, são trazidas as considerações finais, fornecendo um apanhado geral da análise e dos resultados.

Observa-se que, visto que todas as traduções das obras em inglês foram realizadas pela autora, o termo “tradução minha” foi omitido das citações, disponibilizando-se os originais abaixo do texto ou em nota de rodapé – tanto de citações diretas quanto de exemplos em língua inglesa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Considerando a semântica cognitiva como abordagem teórica para investigar os PVs, este capítulo divide-se em três subcapítulos principais. No primeiro, são abordadas questões preliminares relativas aos PVs, incluindo-se os fatores composicionalidade e idiomaticidade, uma vez que possuem forte relação com extensões semânticas, especialmente metafóricas. No segundo subcapítulo, procura-se situar as construções V-P na Linguística Cognitiva, principalmente no que se refere à Teoria da Metáfora Conceptual, tratando-se de questões relacionadas à concepção dos conceitos e aos tipos de metáforas conceptuais relacionados aos PVs, principalmente aquelas concernentes às partículas *up* e *down*.

2.1 PVS: QUESTÕES PRELIMINARES

Este subcapítulo tem como foco os PVs na sua condição de unidade multivocabular, os quais apresentam determinadas características sintático-semânticas. Nesse âmbito, aborda-se tanto o conceito de PV como construção verbo-partícula quanto a sua diferença para um verbo preposicionado. Além disso, como unidade multivocabular, os PVs implicam noções de composicionalidade e fixidez, aspectos que são tema da segunda parte do capítulo.

Conforme referido anteriormente, os PVs são considerados “construções verbo-partícula” (TYLER e EVANS, 2003; LINDNER, 1981; CAPPELLE, 2005), cuja partícula é identificada, por vezes, como um advérbio ou uma preposição. Independentemente da classe gramatical, algumas abordagens teóricas (LINDNER, 1981; CAPPELLE, 2005; TYLER e EVANS, 2003) estabelecem que essa partícula, assim como overbo, contribui para o significado total do PV, produzindo, junto ao verbo, um novo significado. Por esse motivo, os PVs distinguem-se dos chamados verbos preposicionados, os quais, apesar de também serem constituídos de verbo e preposição, não formam um novo significado – trata-se de combinações lexicais fixas; ou seja, o verbo necessita de uma preposição em particular, que deve ser posicionada, obrigatoriamente, logo após o verbo. São exemplos de verbos preposicionados *to depend on* (depende), *to look at* (olhar) e *to dream of/about* (sonhar), que, por sua vez, podem ser comparados com verbos seguidos de preposição na língua portuguesa, como “gostar de” e “depende de”. Contudo, há momentos em que PVs e verbos preposicionados se confundem, podendo ser diferenciados semanticamente; o exemplo clássico *to run up* mostra essa diferença: a combinação V-P pode ocorrer tanto em PVs (*He*

ran up a bill)⁵ quanto em verbos preposicionados (*He ran up a hill*)⁶; contudo, na primeira sentença, percebe-se que os elementos constituintes dessa construção formam um novo significado, enquanto, na segunda sentença, isso não ocorre.

Os PVs são estruturas complexas que podem também estar relacionadas a mais de um significado, o qual pode ser mais literal ou mais figurativo/idiomático – nesse último caso, em que idiomaticidade é fortemente presente, os PVs compõem o grupo dos *idioms*, definido por Kövecses e Szabó (1996) como expressões cujo significado não pode ser previsto pelo significado das partes constituintes. De acordo com Nunberg, Sag e Wasow (1994), denotam certo tipo de fixidez (e.g. *shoot the breeze*)⁷ e referem-se a uma variedade de língua que segue regras do uso convencional de falantes nativos (e.g. *I will be taking na airplane to Paris tomorrow* – gramatical; *I will be flying to Paris tomorrow* – idiomático)⁸.

Contudo, deve-se considerar que os *idioms* também apresentam certo grau de composicionalidade semântica (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994); esse aspecto será abordado a seguir. Além disso, um maior aprofundamento sobre o conceito de partícula também recebe destaque, pois se acredita que é por meio da partícula que ocorrem as extensões metafóricas em termos orientacionais –, ou seja, é a partir da partícula que os significados literais são estendidos a domínios abstratos, como pensamentos, intenções e relações sociais (RUDZKA-OSTYN, 2003). Assim, faz-se necessário também atentar para suas propriedades semânticas e idiomáticas, bem como para suas características sintático-semânticas, para só então se tratar do conceito de metaforicidade.

2.1.1 Os PVs como construção verbo-partícula

Para compreendermos a estrutura complexa que os PVs formam, é necessário que se dê atenção a aspectos tanto da sintaxe quanto da semântica. Partindo-se dessa premissa, a presente pesquisa não se restringe apenas ao olhar da semântica cognitiva; são também considerados autores que se utilizam de conceitos provenientes de outras teorias – Lindner (1981), por exemplo, tem como principal aporte teórico a Gramática Cognitiva (GC), preconizada por Ronald W. Langacker (1987). A GC diz respeito a uma abordagem da LC que oferece uma visão abrangente da estrutura da linguagem, que, por sua vez, é tida como intuitivamente natural, psicologicamente plausível e empiricamente viável. A tese

⁵ Tradução: Ele adquiriu uma conta.

⁶ Tradução: Ele correu até o topo de uma colina.

⁷ Tradução literal: “disparar a briza”. Tradução livre: jogar conversa fora.

⁸ Traduções: Eu pegarei um avião para Paris amanhã / Eu voarei para Paris amanhã

fundamental da GC é que a gramática é simbólica por natureza (LANGACKER, 2008, p. 1 e 9), o que sugere que a gramática é simbólica em todos os seus aspectos, inclusive morfossintáticos. Além disso, para Langacker (1987, p.1), a GC é “[...] um modo de conceber e descrever a estrutura gramatical que acomoda linguagem figurada como um fenômeno natural e esperado, em vez de algo peculiar, problemático.”⁹.

Além disso, também são levados em conta os princípios da Gramática das Construções, teoria essa em que Cappelle (2005) baseia-se para discutir os aspectos e peculiaridades das partículas. Trata-se de uma teoria motivada pela complexidade das construções gramaticais, em especial as expressões idiomáticas. Proposta por Charles Fillmore e Paul Kay (1999), a abordagem defende que "A gramática pode ser modelada em termos de construções em vez de ‘palavras e regras’". (EVANS, 2007, p. 44)¹⁰. Dessa forma, ambas as abordagens permitem que as características gramaticais das construções V-P sejam investigadas, fornecendo aporte teórico para se compreender melhor os diversos aspectos que estão envolvidos na formação dos PVs.

Lindner (1981), que tem como principal aporte a GC, percebe os PVs como verbos complexos, ou seja, acredita-se que o motivo que leva a esse tratamento diz respeito às suas estruturas sintática e semanticamente complexas. De acordo com a autora (1981, p. 2), os PVs podem ser tanto intransitivos, como em (a) *The kite floated up*¹¹ e (b) *John fell ill and threw up*¹², quanto transitivos, como em (c) *John tossed the cat out before going to bed*¹³ e (d) *John ran up a bill*¹⁴. Além disso, podem admitir combinações mais literais, como é o caso dos exemplos (a) e (c), constituídos por verbos de movimento¹⁵ e partículas que denotam certo percurso no espaço, ou combinações mais idiomáticas, cujo significado de seus elementos constituintes, fora da combinação, não é óbvio para o significado do todo.

Assim, o termo “partícula”, frequentemente utilizado ao longo deste trabalho, diz respeito a um dos elementos que constituem os PVs. O conceito de partícula é variável, podendo se referir tanto a uma preposição quanto a um advérbio, ou a ambos. Contudo, o

⁹ No original: “[...] a way of conceiving and describing grammatical structure that accommodates figurative language as a natural, expected phenomenon rather than a special, problematic one”.

¹⁰ No original: “grammar can be modelled in terms of constructions rather than ‘words and rules’”.

¹¹ Tradução: A pipa flutuou.

¹² Tradução: John adoeceu e vomitou.

¹³ Tradução: John livrou-se do gato antes de ir para a cama.

¹⁴ Tradução: John aumentou uma conta/dívida.

¹⁵ Ao contrário da língua inglesa, no português, em que os verbos de movimento geralmente expressam a noção de direção por meio da raiz, é a própria estrutura verbal que transmite a noção de direção ou percurso de movimento. Verbos como “entrar”, “sair” e “descer”, na língua portuguesa, por si só expressam um dado percurso, de modo que é redundante dizer “entrar para dentro” se o verbo “entrar” já traz consigo esse significado.

papel que a partícula exerce na estrutura do PV é diferente da função de preposições e advérbios, uma vez que contribui com o significado do verbo, formando, junto a ele, um novo significado. Porém, na perspectiva tradicional, essa distinção não ocorre, aspecto que se confirma com a afirmação de Palmer (1987, p. 217):

O termo “partícula” tem sido usado a fim de não distinguir, por enquanto, entre preposição e advérbio. Embora seja possível decidir, em quase qualquer sentença, se uma partícula é um advérbio ou uma preposição, uma característica estrita de muitas das partículas, mas não de todas, é que elas podem funcionar tanto como preposição quanto advérbio.¹⁶

Diferentemente de Palmer (1987), Cappelle (2005, p. 459 – 461), sustentado na LC, mais especificamente na Gramática das Construções, defende que as partículas formam uma categoria distinta da categoria das preposições. Conforme o autor:

(i) as partículas alteram a estrutura argumentativa dos verbos com os quais combinam – *stick*, por exemplo, não é em si um verbo transitivo, mas sua combinação com *up* pode ter um SN como objeto direto (*e.g. He stank the place up*¹⁷);

(ii) a partícula é um elemento semântico central em uma combinação – é nesse sentido que Talmy (2003) considera a partícula como um tipo de “satélite” para o verbo com o qual se combina. A partícula expressa o *framing event* (um evento que se refere ao movimento em uma determinada direção/percurso), uma mudança de estado, aspecto verbal ou outras noções, como “realização” e “correlação” – “O ‘framing’ evento não apenas contribui com o conteúdo semântico, como também determina muito da estrutura semântica de um macro evento como um todo”. (TALMY, 2003)¹⁸.

(iii) a partícula pode mudar de posição, como ocorre nos exemplos *shut off the gas* e *shut the gas off*¹⁹, em que o SN objeto pode ocorrer tanto entre o verbo e a partícula quanto depois da partícula;

(iv) a partícula não precisa, necessariamente, combinar com um verbo, como em *Pens down!*²⁰ ou *Away with this rubbish!*²¹; e

¹⁶ No original: “The term ‘particle’ has been used in order not to distinguish, as yet, between preposition and adverb. For although it is possible to decide in almost any sentence whether a particle is an adverb or a preposition, a striking characteristic of many, but not all, of the particles is that they can function as either”.

¹⁷ Tradução: Ele espalhou mau cheiro no lugar.

¹⁸ No original: “The framing event not only contributes its specific semantic content, but also determines much of the semantic structure of the whole-macro-event. Thus, it determines all or most of [...] the overall aspect [...]”.

¹⁹ Tradução: cortar o gás.

²⁰ Tradução: Canetas para baixo!

²¹ Tradução: Fora com este lixo!

(v) a partícula pode encabeçar um sintagma próprio, *particle phrase* – por exemplo, *go [right back in towards the bar]*²² pode ser usado no lugar de *go in*, em que a partícula *in* é tratada como o elemento principal do sintagma da partícula, a partícula *back* como o especificador, o advérbio *right* como o pré-especificador e o sintagma preposicional *towards the bar* como o complemento.

Defendendo a argumentação acima, Cappelle (2005, p. 1) define assim o termo “partícula”:

O termo “partícula” é usado para se referir a uma categoria sintática, ou seja, uma “classe de palavra” ou “categoria gramatical” onde faça par com um substantivo, verbo, etc, cujos membros (previsivelmente chamados de “partículas”) podem ser identificados por suas possíveis posições no que diz respeito ao verbo e sintagma nominal.²³

Para o autor (2005), o termo “partícula” é usado para se referir a uma categoria sintática, ou seja, uma categoria gramatical, podendo ser identificada pela sua possível posição em relação ao verbo e ao SN objeto. Cappelle (2005, p. 77) argumenta que se deve considerar todas as partículas como uma classe distinta das preposições. Contudo, frequentemente encontram-se afirmações de que partículas e preposições são similares ou idênticas (CAPELLE, 2005, p. 82). Langacker (1987, p. 243), por exemplo, diz que “As partículas não se distinguem da classe das preposições: elas são, simplesmente, preposições empregadas em construções gramaticais em que o marco²⁴ parece não ser elaborado, como normalmente é”.²⁵

Quanto ao presente trabalho, não se tem o propósito de discutir se a partícula pertence ou não a uma categoria gramatical própria, mas assume-se que a partícula exerce um papel diferente daquele desempenhado pela preposição, principalmente no que tange às construções V-P, uma vez que se distinguem das combinações verbo-preposição (conhecidos como “verbos preposicionados”) – por exemplo, *He ran up the bill*²⁶ (PV) e *He ran up the hill*²⁷ (verbo preposicionado).

²² Tradução: voltar em direção ao bar.

²³ No original: “The term ‘particle’ is used to refer to a syntactic category, that is, a ‘word class’ or ‘part of speech’ on a par with ‘noun’, ‘verb’, etc., whose members (predictably called ‘particles’) can be identified by their possible position vis-à-vis the verb and an object NP.”

²⁴ Nesse contexto, o termo marco refere-se a um elemento focal e que exerce a função de superfície ou localização onde um dado trajetor se encontra. A relação trajetor-marco é conhecida, em termos da psicologia Gestalt, como figura-fundo.

²⁵ No original: “Particles are not distinct from the class of prepositions: they are simply prepositions employed in grammatical constructions where the landmark happens not to be elaborated, as it otherwise normally is.”

²⁶ Tradução: Ele adquiriu uma conta.

Os diferentes formatos que os PVs podem ter, e que são devidos à possível troca de posição de suas partículas, dizem respeito a uma característica saliente nesse tipo de construção (V-P) e chamam a atenção no presente estudo. Cappelle (2005, p. 82) traz exemplos capazes de demonstrar diferentes posições da partícula *down* - *I took the deer down*²⁸ e *I took down the deer*²⁹ – os quais esclarecem que a capacidade de *down* ocorrer entre o verbo e o SN objeto, por si só, caracteriza-o como partícula.

Conforme Cappelle (2005, p. 8), as partículas podem ser encontradas em sentenças intransitivas (a), (mono-)transitivas (b) e bitransitivas (c). As diferenças entre os padrões de cada exemplo abaixo podem ser chamadas de padrões das partículas (*particle patterns*³⁰).

a. *All the lights went on*³¹.

b. *She tore up the letter.*³²

c. *I'll write you out a check.*³³

Cada um dos padrões acima é composto de um verbo e uma partícula, denominando-se “combinações V-P” ou “construções V-P”. Segundo Cappelle (2005, p. 9), o segundo termo é preferido, muitas vezes, por ser mais transparente que *phrasal verbs*; trata-se de uma expressão não utilizada em outras abordagens teóricas, apesar de que “construções” (ou “padrões”)³⁴ possam ser encontrados na Gramática das Construções e na Gramática Cognitiva.

Considerando-se os objetivos propostos para este trabalho, prioriza-se observar o comportamento semântico dos PVs focando na partícula, mas sem desmerecer a contribuição do verbo, pois, apesar de se acreditar que a partícula é o “coração” da construção V-P, sozinha ela não forma um novo significado. Assumindo esse mesmo propósito, Cappelle (2005, p. 176) observa que, para Guéron (1990), Harley e Noyer (1998), a partícula é considerada o elemento principal em uma frase sintática. De acordo com o autor, a razão que leva a tal argumentação diz respeito às propriedades semânticas da partícula. De qualquer modo, para tratar a partícula como literal ou idiomática, não se pode considerá-la de forma isolada, pois, conforme assegura Cappelle (2005, p. 119), “Apenas quando vista em relação à combinação

²⁷ Tradução: Ele correu até o topo de uma colina.

²⁸ Sentido: eu encaminhei os cervos para uma posição mais abaixo.

²⁹ Sentido: eu encaminhei os cervos para uma posição mais abaixo.

³⁰ Cappelle (2005) propõe *Pattern Grammar* (“a sort of extended construction grammar” [p.44]), uma versão alternativa à Gramática das Construções, visando a possibilitar que se possa olhar para a linguagem sem qualquer filtro teórico, ou seja, sem uma abordagem teórica específica, para que nenhum dos aspectos envolvidos sejam tratados como irrelevantes ou que sejam omitidos.

³¹ Tradução: todas as luzes começaram a funcionar.

³² Tradução: Ela rasgou a carta.

³³ Tradução: Eu preencherei um cheque para você;

³⁴ Cappelle (2005, p. 9) utiliza os termos ‘construções’ e ‘padrões’ como sinônimos.

verbo-partícula, como um todo, que se pode dizer se a partícula está sendo usada em um sentido literal ou idiomático”.³⁵

Diferentemente de abordagens da LC, gramáticos, de modo geral, consideram as partículas como sendo um tipo de preposição e/ou advérbio. Palmer (1987, p. 222), por exemplo, afirma que a partícula de um PV pode ser claramente tratada como um advérbio, uma vez que possui função adverbial. Contudo, mesmo os linguistas tradicionais defendem que os PVs precisam ser distinguidos dos verbos preposicionais³⁶, principalmente no que diz respeito às estruturas transitivas, as quais são seguidas por SN.

A forma com que os verbos preposicionais se apresentam é muito semelhante à dos PVs, além de, conforme Palmer (1987, p. 229), ambos carregarem sentidos relacionados a “direção” e frequentemente direcionarem para um ponto terminal, isto é, refletirem um determinado caminho a ser percorrido e um ponto de chegada. No entanto, a preposição relacionada a um verbo preposicional, por sua vez, não agrega um significado novo ao verbo, diferentemente das estruturas complexas que são os PVs, em que os elementos formam, juntos, um novo significado.

Ainda segundo Palmer (1987, p. 229), a estrutura de um PV não se confunde apenas com a dos “verbos preposicionais”, mas também com a dos verbos seguidos de sintagmas preposicionais. Neste sentido, a sentença *The passenger flew in the plane*³⁷ diz respeito a uma sequência de verbo e preposição, meramente indicando a posição do passageiro durante o voo, neste caso, dentro do avião. Para contrastar as estruturas “verbo preposicionado” e verbos seguidos de sintagmas preposicionais, por vezes chamados por Palmer (1987, p. 229) de “verbo + preposição”, apresenta-se a seguinte sentença: *He walked under the trees*³⁸ – essa sentença pode significar que “ele andou em direção a um lugar sob as árvores” (verbo preposicionado) ou que “ele fez sua caminhada sob as árvores” (verbo + preposição). Basicamente, a maior diferença entre um e outro diz respeito à ênfase prosódica no termo final. Nas palavras do autor: “Com o verbo mais preposição, a preposição, se ocorrer em posição final, não será prosodicamente enfatizada, mas com o verbo preposicional a ênfase pode se dar tanto no verbo quanto na preposição”.³⁹

³⁵ No original: “It is only when viewed in relation with the verb-particle combination as a whole that we can tell whether the particle is being used in a literal or in an idiomatic sense”.

³⁶ Originalmente tratado por ‘*prepositional verbs*’, sua tradução para o português varia entre ‘verbos preposicionais’ e ‘verbos preposicionados’.

³⁷ Tradução: O passageiro voou no avião.

³⁸ Tradução: Ele caminhou abaixo das árvores.

³⁹ No original: “With the verb plus preposition the preposition, if it occurs in final position, will not have an accent, but with the prepositional verb the accent may fall on either verb or preposition”.

O dicionário *Macmillan Phrasal Verbs Plus* (2005)⁴⁰, por sua vez, ao tratar dos PVs transitivos, sugere que os verbos preposicionais sejam vistos como uma espécie de PV (conforme grupo “iii” apresentado a seguir). De acordo com o dicionário, os PVs transitivos são divididos em quatro grupos: (i) PVs separáveis, em que o objeto é posicionado entre o verbo e a partícula ou depois da partícula (se o objeto for um pronome, o objeto deve situar-se entre o verbo e a partícula) – *You bring the car round and I’ll load it up*⁴¹ (**You bring the car round and I’ll load up it*); (ii) alguns poucos casos em que o objeto do PV deve estar entre o verbo e a partícula, independentemente de o objeto ser substantivo, sintagma nominal ou pronome – *I could hardly tell the two women apart*⁴² (**I could hardly tell apart the two women*); (iii) casos de “verbos preposicionais”, que, por sua vez, são inseparáveis, e de “verbos sintagmáticos preposicionais”⁴³, em que o objeto deve ser colocado depois da(s) partícula(s) ou pronome – *I bumped into her in the city centre*⁴⁴ (verbo preposicional) / *They have repeatedly broken the law and got away with it*⁴⁵ (verbos sintagmáticos preposicionais) –, além de um número menor de casos em que o verbo não aceita pronome como objeto – *The victim wasn’t able to put up much resistance*⁴⁶ (**The victim wasn’t able to put up it*); e (iv) PVs formados por três palavras, as quais apresentam dois objetos, um colocado depois do verbo e o outro depois da partícula – *I’ve decided to take you up on that job offer*⁴⁷. Quanto aos PVs intransitivos, por não haver objeto, a estrutura é mais simples: o verbo e a partícula permanecem juntos – *We’ve recorded a new album, and it’s coming out in the spring*⁴⁸.

Ao que se percebe, diversos autores abordam os PVs e outras construções semelhantes, quais sejam “verbo + partícula/preposição”, como uma mesma categoria – *phrasal verbs*. É o caso de Rudzka-Ostyn (2003, p. 1), que, na mesma direção do dicionário *Macmillan*, descreve os PVs como constituídos por um verbo, um advérbio (partícula adverbial) e/ou uma preposição, possibilitando três tipos de combinação: (i) verbo + partícula: *slow down*⁴⁹, *bring up*⁵⁰; (ii) verbo + partícula + preposição: *face up to*⁵¹, *get down to*⁵², *come*

⁴⁰ Trata-se de um dicionário que reflete o trabalho de linguistas cognitivistas – Elizabeth Potter, Rosamund Moon, Jonathan Marks, Bryan Fletcher, Sylvie De Cock, Adrian Underhill e Kerry Maxwell – em que há a representação de redes semânticas dos significados básicos e idiomáticos das partículas ilustradas por diagramas, que facilitam o entendimento de suas extensões metafóricas.

⁴¹ Tradução: Você traz o carro de volta e eu o carregarei.

⁴² Tradução: Eu mal pude distinguir as duas mulheres.

⁴³ Os ‘verbos sintagmáticos preposicionais’, originalmente tratados por ‘*phrasal-prepositional verbs*’, dizem respeito à seguinte estrutura: verbo + partícula + preposição.

⁴⁴ Tradução: Eu topei com ela no centro da cidade.

⁴⁵ Tradução: Eles repetidamente quebraram a lei e escaparam impunes.

⁴⁶ Tradução: A vítima não foi capaz de demonstrar muita resistência.

⁴⁷ Tradução: Eu decidi aceitar sua oferta de trabalho.

⁴⁸ Tradução: Nós gravamos um novo álbum e será lançado na primavera.

⁴⁹ Tradução: diminuir o ritmo/a velocidade.

*up with*⁵³; e (iii) verbo + preposição: *refer to*⁵⁴, *look at*⁵⁵, *depend on*⁵⁶, os quais são chamados de “verbos preposicionais”. Ao que tudo indica, essas combinações implicam problemas no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem dos PVs, geralmente pautado na memorização de formas e significados. É por esse motivo que essas variadas combinações V-P são encontradas em diversas publicações didáticas e dicionários como sendo pertencentes a uma mesma categoria.

A partir do que foi apresentado até aqui, percebe-se que a estrutura sintática dos PVs pode variar consideravelmente, podendo ser julgada complexa, pois não se limita a um único padrão sintático, ou mesmo semântico. Essas combinações complexas admitem tanto significados literais quanto idiomáticos. Logo, seus sentidos podem ser analisados como tendo diferentes graus de composicionalidade e idiomaticidade, os quais podem ser percebidos por uma escala que, de um lado, é representada por um nível mais composicional, de sentidos mais prototípicos e, do outro, um nível mais idiomático. Isso acontece porque a contribuição dos elementos que constituem os PVs ocorre em diferentes níveis.

Logo, faz-se necessário investigar a composição semântica dos PVs, em especial suas propriedades idiomáticas, que estão relacionadas às extensões dos sentidos – geralmente metafóricos. Mas o que se tem a dizer sobre a idiomaticidade dos PVs?

2.1.2 PVs como unidades multivocabulares: idiomaticidade e composicionalidade

Tratar de composicionalidade e idiomaticidade em Phrasal Verbs remete à categoria dos *idioms*. Por essa razão, procura-se descrever primeiramente o que são os *idioms*, bem como os aspectos que eles envolvem, para então explorar a composicionalidade e o fenômeno da idiomaticidade.

De modo geral, os *idioms* são vistos como expressões linguísticas cujo significado total não pode ser predito pelo significado de suas partes constituintes; é o caso de *run down* na sentença *He was ran down crossing the road*⁵⁷, em que o significado de *run down* (atropelar) parece ser não composicional, uma vez que *down* significa “abaixo” e *run* tem como significado básico e principal “correr”.

⁵⁰ Tradução: criar/educar; introduzir um assunto numa conversação.

⁵¹ Tradução: encarar/enfrentar algo.

⁵² Tradução: começar a fazer/pôr a mão na massa.

⁵³ Tradução: bolar/conceber.

⁵⁴ Tradução: referir-se a algo/alguém.

⁵⁵ Tradução: olhar para algo/alguém.

⁵⁶ Tradução: depender de algo/alguém.

⁵⁷ Tradução: Ele foi atropelado ao atravessar a estrada.

Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 492) afirmam que os *idioms* são considerados uma categoria vaga: de um lado, há exemplos prototípicos, como os sintagmas idiomáticos *kick the bucket*⁵⁸, *take care of*⁵⁹ ou *keep tabs on*⁶⁰, os quais são seguidos por sintagmas nominais; e, de outro lado, categorias periféricas, como sequências formulaicas, frases fixas, colocações, clichês, ditados populares, provérbios e alusões. Assim, conforme os autores, os *idioms* fazem parte do espaço lexical multidimensional, caracterizado por um número distinto de propriedades que constituem os níveis semântico, sintático, poético, discursivo e retórico. De acordo com esses estudiosos (1994, p. 493), o termo *idiom* tem dois sentidos: (i) denota certo tipo de frase fixa [e.g. *shoot the breeze*] e (ii) refere-se a uma variedade linguística que segue regras do uso convencional de falantes nativos – (e.g.: *I will be taking an airplane to Paris tomorrow*⁶¹ (gramatical) e *I will be flying to Paris...*⁶² (mais idiomático). Ambos os sentidos conectam-se entre si, uma vez que estão entranhados na cultura de um povo.

Para Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 498), a grande dificuldade em analisar os *idioms* emerge da confusão que há entre as suas propriedades semânticas e os exemplos prototípicos que a classe apresenta, como: (i) relativa convencionalidade, que é determinada pela discrepância entre o significado de um sintagma idiomático e o significado predito de cada uma de suas partes, bem como as operações que envolvem a composição semântica, estando relacionada ao conhecimento que o falante tem; (ii) opacidade (ou transparência), que diz respeito à facilidade com que se pode depreender o significado dos *idioms* a partir dos significados de suas partes; e (iii) composicionalidade, que se refere ao grau em que o significado de uma expressão pode ser analisado em termos da contribuição semântica de suas partes. É importante pontuar que convencionalidade, para os autores, está relacionada às condições de uso de cada elemento constituinte de uma dada expressão. Cappelle (2005, p. 6) complementa: “Combinações que não são, ou, pelo menos, não muito, idiomáticas podem ser ‘estereotipadas’”. Isso quer dizer que algumas combinações podem ser unidades fixas (convencionalizadas) – seus componentes são frequentemente encontrados juntos”⁶³. Em suma, para os autores, compreender o comportamento dos *idioms* implica observar todas as propriedades semânticas envolvidas ao fenômeno.

⁵⁸ Tradução literal: “chutar o balde”; Tradução livre: falecer (equivalente ao ‘bater as botas’ na língua portuguesa)

⁵⁹ Tradução: cuidar de alguém/algo.

⁶⁰ Tradução: vigiar.

⁶¹ Tradução: Eu pegarei um avião para Paris amanhã.

⁶² Tradução: Eu voarei para Paris...

⁶³ No original: “Combinations that are not, or not very, idiomatic may still be ‘stereotyped’. By this we mean that they may be fixed (conventionalized) units – their components may be frequently found together”.

Os diferentes níveis de contribuição semântica dos elementos que constituem os PVs, conforme aqui já mencionado, trazem à tona a questão da composicionalidade e idiomaticidade desses verbos complexos. Tanto a idiomaticidade quanto a composicionalidade dos PVs ocorrem em diferentes graus, que podem ser representados ao longo de um *continuum*, podendo ser mais ou menos composicionais, ou ainda, mais ou menos idiomáticos. A ideia de um *continuum* parte da proposta de Fraser (1970), a qual estabelece uma escala de hierarquia de rigidez a fim de identificar as possíveis diferenças estruturais das expressões idiomáticas. Essa escala, originalmente chamada de “Frozenses Hierarchy” (FRASER, 1970, p. 39), permite distribuir as expressões idiomáticas em um *continuum* que, em um extremo, trata das expressões menos rígidas (mais flexíveis) e, no outro extremo, as expressões mais rígidas, assim representadas:

L6 – Irrestrito

L5 – Reconstituição

L4 – Extração

L3 – Permutação

L2 – Inserção

L1 – Adjunção

L0 – Rigidez completa / Totalmente congelada⁶⁴

Por meio da proposta de Fraser, apresentada acima, as expressões idiomáticas distribuem-se ao longo de um *continuum* onde em um polo há as expressões mais flexíveis (L6) e no outro polo as expressões mais rígidas (L0). A interpretação desses níveis diz respeito às operações sintáticas relacionadas ao funcionamento das expressões idiomáticas. Nesta direção, Leme (2008, p. 23 – 24) sintetiza, em forma de tabela, quais são essas operações sintáticas e, além disso, explora exemplos que contemplam tais operações, conforme pode ser observado no Quadro 2:

⁶⁴ No original: L6 – Unrestricted / L5 – Reconstitution / L4 – Extraction / L3 – Permutation / L2 – Insertion / L1 – Adjunction / L0 – Completely Frozen.

Quadro 2: Escala da Hierarquia de Rigidez de Fraser: as operações permitidas

Nível	Operação Permitida	Exemplos
L6 Irrestrito	Qualquer tipo de operação sintática.	Não há expressões idiomáticas neste nível
L5 Reconstituição	A reorganização da estrutura da expressão idiomática.	Who let the cat out of the bag ? It was let out by George ⁶⁵ .
L4 Extração	A retirada de um elemento da expressão.	Who let the cat out of the bag ? I was let out by George. (...of the bag)
L3 Permutação	A troca de posição entre os objetos direto e indireto.	He bought the oranges up from all the groves ⁶⁶ . He bought up all the oranges from the groves and drove up the price ⁶⁷ .
L2 Inserção	A adição de um constituinte não idiomático.	She didn't spill a single bean .
L1 Adjunção	A nominalização geruntiva: o acréscimo do genitivo 's.	John kicked the bucket . John's kicking the bucket made everybody sad.
L0 Rigidez completa	Nenhuma operação é permitida.	Face the music . By and large your plan is good.

Fonte: adaptada de Leme (2008, p. 23 – 24)

Apesar da presente pesquisa não ter como foco investigar o nível de rigidez de expressões idiomáticas, os dados apresentados acima são relevantes para que se possa perceber o grau de complexidade das estruturas aqui tratadas e a dimensão dos aspectos relacionados a elas.

A distribuição das expressões idiomáticas ao longo de um *continuum*, para se observar o nível de rigidez, pode servir como parâmetro para distribuir expressões em termos de nível de composicionalidade. É nesta direção que se diz que as construções V-Pmais transparentes, cujos significados podem ser preditos mais facilmente, uma vez que estão relacionados aos sentidos básicos de seus elementos constituintes, são ditas “mais composicionais”. Já os PVs

⁶⁵ Tradução: Quem deixou o gato fora da sacola? Ele foi deixado fora por George.

⁶⁶ Tradução: Ele comprou as laranjas de todos os arvoredos.

⁶⁷ Tradução: Ele comprou todas as laranjas dos arvoredos e fez que o preço baixa-se.

cujos significados opacos não podem ser previstos pelas suas partes, ao menos não por meio do significado prototípico de ambos os seus constituintes, são conhecidos como “mais idiomáticos”.

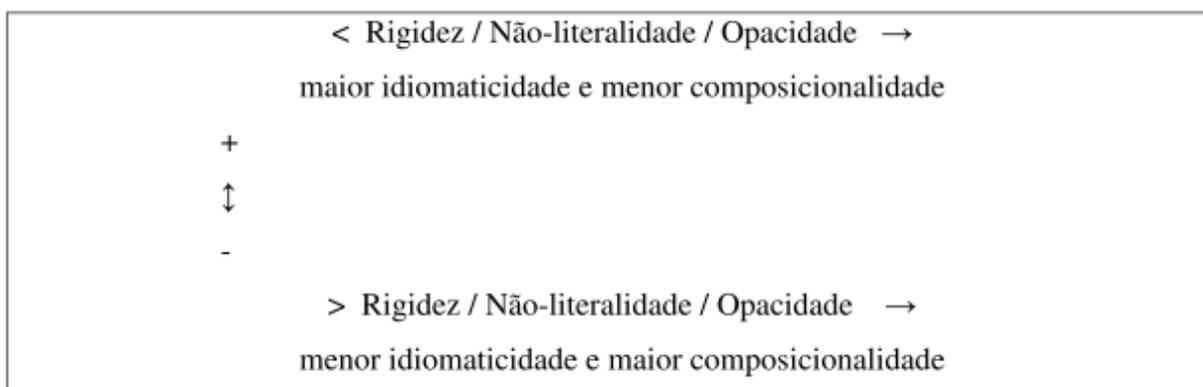
Feitas essas considerações, assume-se, neste trabalho, que tanto a idiomaticidade quanto a composicionalidade dispõem-se ao longo de um *continuum* em que, de um lado, acomodam-se as expressões linguísticas mais composicionais e, de outro, as mais idiomáticas. Essa proposta é realizada por Fernando (1996, apud LEME, 2008, p. 42), que elenca a idiomaticidade de expressões em uma escala de graduação, ou seja, distribuídas em um *continuum*, afirmando ser esta a melhor forma de dispor a diversidade linguística. Essa escala é marcada por três grupos, conforme apresentado por Leme⁶⁸ (2008, p. 41 e 52): (i) expressões idiomáticas puras, (ii) expressões semi-idiomáticas e (iii) expressões idiomáticas literais.

A escala aqui apresentada, proposta por Fernando (1996), vincula-se diretamente à questão da composicionalidade, visto que tem relação com a previsibilidade de uma expressão linguística a partir do sentido básico dos elementos que a constituem. Leme (2008) também apresenta contribuição de sua autoria no que diz respeito ao modo de distribuir as variações idiomáticas e composicionais ao longo de um *continuum*. A autora considera, em um dos extremos, a noção de “maior idiomaticidade e menor composicionalidade” e, de outro, a de “menor idiomaticidade e maior composicionalidade”.

Em suma, considerando a estreita relação que há entre expressões idiomáticas e fenômenos semânticos que podem ser observados ao longo de um *continuum*, utiliza-se da figura ilustrada por Leme (2008, p. 58) para que se possa visualizar, de forma sucinta, como esses fenômenos dispõem-se e quais são as variações das expressões idiomáticas e sua influência nas características dessas expressões.

⁶⁸ Apesar de Leme (2008) não ser uma linguista de renome e em virtude de eu não ter tido acesso à obra ‘*Idioms and Idiomacity*’ (FERNANDO, Chitra, 1996), obra citada na pesquisa de Leme, faço referência à autora, uma vez que a mesma desenvolveu uma belíssima tese, tratando de forma consistente assuntos também de interesse do presente estudo.

Figura: Fenômenos semânticos distribuídos ao longo de um *continuum*



Fonte: LEME, 2008, p. 58. As variações das expressões idiomáticas e sua influência nas características destas expressões

A noção de que tanto a idiomaticidade quanto a composicionalidade ocorrem em diferentes níveis e em um mesmo *continuum* vai de encontro com aquilo que algumas teorias assumem, como no caso da gramática gerativa, que trata a idiomaticidade como totalmente não composicional, conforme Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 491, 498) afirmam. Essa mesma visão arbitrária é assumida por Fraser (1970), que, ao estabelecer a escala de hierarquia de rigidez, deixou de identificar a relação entre idiomaticidade e composicionalidade por ter apenas analisado combinações lexicais em termos de suas propriedades sintáticas. No que diz respeito aos estudos de Fraser, Lindner (1981, p. 22, 50) assegura que o estudioso teve parte de seu livro dedicado à análise de mudanças estruturais de determinadas combinações idiomáticas, que não sofriam alterações de sentido com a troca de seus elementos. A autora (1981) também afirma que Fraser, ao investigar as combinações V-P idiomáticas, tratou dos significados mais prototípicos como “analisáveis”; já as construções envolvendo o uso não prototípico dos componentes foram definidas como “não analisáveis”, ao menos não completamente – o que parece é que, mesmo Fraser sabendo que outras características e fenômenos pudessem ser analisados, limitou-se a reconhecer as combinações em apenas duas categorias: “completamente analisáveis” ou “opacas”. No que diz respeito a essa dicotomia, Lindner (1981, p. 45) assume “analisabilidade” como uma questão de diferentes graus. Para a autora, “uma estrutura complexa é analisável na medida em que algumas das características particulares (para nossos propósitos, significados) de seus componentes tornam-se salientes no significado do todo.”⁶⁹

⁶⁹ No original: “a complex structure is analyzable to the extent that some facet (for our purposes, the meanings) of its components are saliente in the meaning of the whole”.

A discussão acima torna pertinente salientar as palavras de Leme (2008), que, ao investigar a idiomaticidade e a composicionalidade de expressões idiomáticas da língua inglesa, diz: “se o sentido idiomático de uma expressão não é arbitrário, ele deve carregar, então, uma motivação composicional” (LEME, 2008, p. 51).

Em suma, idiomaticidade e composicionalidade são fenômenos de propriedade semântica que estão relacionados e dispostos em uma mesma constante e vão de encontro à noção arbitrária, que trata expressões idiomáticas como sendo ausentes de composicionalidade e opacidade de seus sentidos, além de não apresentarem rigidez estrutural. Teóricos como Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 491) estabelecem que:

[...] há fortes razões para acreditar que a maioria das frases idiomáticas são, de fato, semanticamente composicionais, e o fenômeno da idiomaticidade é fundamentalmente semântico por natureza⁷⁰.

Segundo os autores (1994, p. 496), há dois tipos de expressões idiomáticas: (i) *idiomatically combining expressions* (“expressões combinadas idiomaticamente”) e *idiomatic phrases* (“sintagmas idiomáticos”). Quanto ao primeiro tipo, os autores utilizam o termo para se referir aos *idioms* cujas partes carregam significados idiomáticos identificáveis (o que não quer dizer que sejam, necessariamente, transparentes). Desta forma, quando um falante ouve a expressão *spill the beans*, usada com o significado de “divulgar uma informação”, assume-se que *spill* denota “divulgar” e *beans* a informação que é divulgada. Contudo, os autores fazem a seguinte ressalva:

O que isto quer dizer é que o verbo “derramar” não é sinônimo de “divulgar”, a não ser que “spill” combine com o termo “the beans”. O mesmo se dá com a palavra “beans” (feijão/ vagem), que só pode significar “informação” se co-ocorrer com o verbo “spill” (derramar). (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994, p. 496).⁷¹

Nunberg, Sag e Wasow (1994) asseguram que expressões como *spill the beans* apresentam uma dependência entre os elementos, não sendo possível substituir qualquer uma das partes por outro item lexical, pois isso acarretaria a perda do sentido idiomático da expressão. Para os teóricos (1994), “[...] surge através de uma convenção que atribui significados às partes quando estas ocorrerem juntas”⁷².

⁷⁰ No original: “[...] there are compelling reasons to believe that the majority of phrasal idioms are in fact semantically compositional, and the very phenomenon of idiomacity is fundamentally semantic in nature”.

⁷¹ No original: “This is not to say, of course that ‘spill’ can have the meaning ‘divulge’ when it does not co-occur with ‘the beans’, or that ‘beans’ can have the meaning ‘information’ without ‘spill’”.

⁷² No original: “[...] it arises through a convention that assigns particular meanings to its parts when they occur together”.

Todavia, como os próprios autores afirmam, nem todos os *idioms* são combinações idiomáticas, como é o caso dos “sintagmas idiomáticos” cuja interpretação figurativa não pode ser distribuída por seus elementos constituintes. Expressões como *saw logs*⁷³, *kick the bucket*⁷⁴ e *shoot the breeze*⁷⁵ são citadas pelos estudiosos como exemplos desse grupo e afirmam que “[...] devem fazer parte do léxico como sintagmas completos.”⁷⁶

Apesar de os autores reconhecerem os sintagmas idiomáticos como expressões que apresentam relativa transparência, já que há certa motivação semântica (e.g. *saw logs* é de fácil interpretação para quem conhece a atividade “serrar lenhas” e percebe semelhança entre os sons das duas atividades, serrar lenha e dormir) e que, além disso, podem herdar propriedades semânticas de seus elementos, esses sintagmas não são reconhecidos como combinações idiomáticas:

[...] como observado em Nunberg 1977, “kick the bucket” não pode ser utilizado para se referir a uma morte prolongada, como em “??Ela tem morrido nos últimos seis meses”. Presumivelmente, isso reflete na suposição de que qualquer cenário possa **licenciar** esta metáfora, a precisão de “kick” (chutar uma bola) teria de ser preservada na interpretação idiomática. Ainda, “kick the bucket” não é uma expressão combinada idiomáticamente, no sentido de que não se pode analisá-la pelos seus constituintes sintáticos como expressões referenciais. (NUNBERG, SAG E WASOW, 1994, p. 497). (NUNBERG, SAG E WASOW, 1994, p. 497).⁷⁷

Assim, é possível afirmar que, apesar de linguistas formalistas⁷⁸ tratarem a não composicionalidade como uma das principais características dos *idioms*, percebe-se que, a partir da revisão até aqui apresentada, os *idioms* não são de todo não composicionais.

Entendido o fenômeno “idiomaticidade” e sua relação com “composicionalidade” e reforçando que tanto um quanto o outro estão dispostos em um mesmo *continuum* (porém, em diferentes extremos e graus), concorda-se com a posição de Leme (2008, p. 65), que defende que “a parcial composicionalidade das expressões idiomáticas está comumente relacionada com a possibilidade de realizar mudanças na sua estrutura devido ao caráter metafórico que os itens em questão adquirem”. Logo, *idioms* podem ser composicionais (pelo menos em algum

⁷³ Tradução: roncar.

⁷⁴ Tradução: falecer.

⁷⁵ Tradução: bater papo.

⁷⁶ No original: “[...] [they] must therefore be entered in the lexicon as complete phrases”.

⁷⁷ No original: “[...] as noted in Nunberg 1977, ‘kick the bucket’ cannot be used to refer to a protracted death, as in ‘??She has been kicking the bucket for the last six months’. Presumably this reflects an assumption that whatever the scenario that might license this metaphor, the punctuality of ‘kick’ would have to be preserved in the idiomatic interpretation. Still, ‘kick the bucket’ is not an idiomatically combining expression, in the sense that we cannot analyse the syntactic constituents as referring expressions” (NUNBERG, SAG E WASOW, 1994, p. 497).

⁷⁸ Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 498) citam: Katz e Postal (1963), Fraser (1970), Katz (1973), Chomsky (1980), Machonis (1985) e Linden (1992).

grau) e seus sentidos figurados são motivados por relações metafóricas que se dão pelo conhecimento de mundo que os falantes possuem.

Para Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 504), a interpretação da composição idiomática diz respeito ao mapeamento dos sentidos básicos para os idiomáticos, cujos sentidos são homomorfos e estão relacionados a certas propriedades dos componentes de um dado *idiom*. Os estudiosos ainda afirmam que esses mapeamentos, que são metafóricos e que partem de um sentido concreto para um mais abstrato, não explicam totalmente a raridade de significados idiomáticos concretos que há em alguns *idioms*. Porém, há contextos em que a referência metafórica de entidades concretas, ações e situações são comuns – o próprio discurso cotidiano é repleto de referências metafóricas às pessoas. Além disso, muitos verbos que denotam atividades concretas (*i.e.* físicas) são usados metaforicamente para se referirem a outras atividades concretas.

É neste sentido que se diz que há PVs com significados mais básicos e outros com significados mais idiomáticos, em que os graus idiomático e composicional são variáveis. Entretanto, o uso frequente de PVs com propriedades idiomáticas leva a crer, por vezes, que se trata de *idioms*, premissa essa que não é assumida no presente trabalho, visto que nem todos os PVs têm a idiomaticidade como sua característica mais marcante. A propósito, ao se tratar de construções V-P, faz-se necessário ressaltar que os elementos constituintes não são idiomáticos *in isolation*, como diz Cappelle (2005, p.119): “É apenas quando visto em relação à combinação verbo-partícula, como um todo, que podemos dizer se a partícula está sendo usada em seu sentido literal ou idiomático”.⁷⁹

Abordados esses aspectos, o próximo subcapítulo tem o objetivo de situar os PVs na Linguística Cognitiva pelo viés da semântica cognitiva, relacionando as construções V-P com as metáforas estabelecidas pela Teoria da Metáfora Conceptual.

2.2 PVs NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Neste subcapítulo, procura-se situar os PVs pela perspectiva da semântica cognitiva, que parece ser um modelo mais consistente e bem fundamentado do que abordagens tradicionais para explicar as metáforas que motivam o significado dos PVs.

⁷⁹ No original: “It is only when viewed in relation with the verb-particle combination as a whole that we can tell whether the particle is being used in a literal or in an idiomatic sense”.

O próximo subcapítulo introduz a Linguística Cognitiva, relacionando esse empreendimento com o estudo dos Phrasal Verbs. O subcapítulo seguinte aborda a Teoria da Metáfora Conceptual e seus princípios fundamentais.

2.2.1 Linguística Cognitiva

Foram as pesquisas de George Lakoff, Ronald Langacker e Leonard Talmy que deram origem, entre o final dos anos 70 e início dos anos 80, à Linguística Cognitiva, movimento que considera como primordial a análise da base conceitual e experiencial das categorias linguísticas. Trata-se de um conjunto de abordagens que percebe a linguagem como parte da capacidade cognitiva do ser humano (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 4) e que tem forte interesse por: (i) características estruturais da categorização da linguagem (*i.e.* protótipo, polissemia, modelos cognitivos, imagens mentais e metáfora); (ii) princípios funcionais da organização linguística (*i.e.* iconicidade e naturalidade); (iii) interface conceptual entre a semântica e a sintaxe (explorado pela Gramática Cognitiva e pela Gramática das Construções); (iv) conhecimento experiencial e pragmático da língua em uso; e (v) relações entre linguagem e pensamento. Nesse sentido, para os autores, trata-se de uma abordagem flexível que não se limita a uma única teoria da linguagem.

Além disso, a LC afasta-se da perspectiva modular proposta pelo gerativismo e assume, da mesma maneira que a Psicologia Cognitiva, que a interação entre o homem e o mundo é mediada pelas informações que estão na mente. Entretanto, diferentemente da Psicologia Cognitiva, Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 5) afirmam que a LC refere-se de modo mais específico à linguagem natural quando trata de organização, processamento e transmissão de informação. Logo, para os autores, “a linguagem é vista como um repositório do conhecimento de mundo, uma coleção estruturada de categorias significativas que nos ajudam a lidar com as novas experiências, bem como informações já armazenadas”.⁸⁰

A Linguística Cognitiva estabelece uma semântica cognitiva, defendendo que a mente é corporificada e que a conceptualização e a razão estão relacionadas a processos imaginativos (metáforas, metonímias, protótipos, espaços mentais etc.).

De acordo com Lakoff (1987 apud EVANS; GREEN, 2006, p. 157-163), a semântica cognitiva pode ser caracterizada por alguns princípios, dentre eles: (i) a estrutura conceptual é corporificada, ou seja, a natureza da organização conceptual emerge da experiência corpórea;

⁸⁰ No original: “language, then, is seen as a repositior of world knowledge, a structured collection of meaningful categories that help us deal with new experiences and store information about old ones”.

(ii) a estrutura semântica⁸¹ é uma estrutura conceptual, uma vez que é comparada a conceitos; (iii) a representação do significado é enciclopédica, pois unidades linguísticas são vistas como pontos de acesso para o conhecimento em relação a um determinado conceito; e (iv) o significado é construído no nível conceptual, sendo que esta comparação é possível em virtude do processo dinâmico, em que os itens lexicais são considerados pontos de acesso para o conhecimento e para um conjunto de operações conceptuais.

Conforme Kovács ([2008?], p. 143), os autores Bolinger (1971), Lipka (1972), Sroka (1972) e Fraser (1976) – considerados por ele como gramáticos tradicionais – assumem os PVs como combinações arbitrárias, caracterizados apenas por suas propriedades sintáticas, considerando somente o significado espacial e aspectual da partícula constituinte. Em contrapartida, de acordo com a autora, linguistas cognitivos, como Lindner (1981), Lakoff (1987), Rudzka-Ostyn (2003) e Tyler e Evans (2003), consideram que os significados das partículas de PVs formam uma rede de sentidos relacionados de modo sistêmico. Esses últimos estudiosos também assumem que as estruturas linguísticas são motivadas pelos processos cognitivos – a metaforização é um exemplo. É por esse viés que Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1980) também afirmam que o sistema conceptual humano é estruturado e definido metaforicamente, já que a organização conceptual é baseada em princípios formados estruturalmente, onde determinados conceitos (os mais abstratos) são compreendidos em termos de outros, mais concretos – esse é o tema do próximo subcapítulo, cerne das metáforas conceptuais.

2.2.2 Metáfora conceptual: o que é?

Para o consenso geral, as metáforas não passam de figuras de linguagem usadas para causar efeitos. Entretanto, Lakoff e Johnson (1980, p. 3) colocam que, na visão da LC, a “metáfora é difundida na vida cotidiana, não apenas na língua, mas no pensamento e na ação⁸²” e que nosso sistema conceptual é basicamente metafórico por natureza; são nossos conceitos que estruturam o modo como percebemos e nos referimos ao mundo e às pessoas. Conforme Kövecses (2002, p. 4), a metáfora conceptual consiste em dois domínios, em que um é entendido em termos de outro; os domínios conceptuais (fonte e alvo) dizem respeito a qualquer organização coerente de experiência.

⁸¹ Evans e Green (2006, p. 164) definem estrutura semântica como o significado convencionalmente associado a outras palavras e outras unidades linguísticas.

⁸² Tradução minha.

Contudo, normalmente, não se é consciente quanto ao sistema conceptual, ou seja, na maioria das situações do dia a dia, age-se involuntariamente, tanto no que diz respeito ao pensamento quanto às ações. Logo, vale salientar que esse mesmo sistema conceptual é usado para a comunicação. Como exemplo, Lakoff e Johnson (1980, p. 4) apresentam a relação entre o conceito DISCUSSÃO e a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, uma metáfora que se manifesta na linguagem cotidiana:

É importante perceber que falamos sobre discussões apenas em termos de guerra. De fato, podemos vencer ou perder discussões. Vemos a pessoa com quem estamos discutindo como um oponente. Defendemos os próprios posicionamentos, mas atacamos os alheios. Perdemos e ganhamos fundamentos. Planejamos e usamos estratégias. Diante de uma posição injustificável, abandona-se ou parte-se para uma nova linha de ataque. Muitas das coisas feitas em uma discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Embora não haja uma batalha concreta, existe uma batalha verbal, refletida pela estrutura de uma discussão – ataque, defesa, contra-ataque, etc.⁸³

Essa metáfora, DISCUSSÃO É GUERRA, é vivenciada culturalmente, mas não em todos os tipos de sociedade, estruturando (parcialmente⁸⁴) as ações realizadas em uma discussão; trata-se de uma forma de discurso estruturada em termos de batalha. “A essência da metáfora é compreender e experiênciar uma coisa em termos de outra”⁸⁵ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 5).

Lakoff e Johnson (1980, p. 9) procuram utilizar conceitos metafóricos mais específicos, mas uma metáfora conceptual específica pode ser subcategorizada e a relação existente entre essas subcategorizações envolve relações de acarretamento entre as metáforas; por exemplo: TEMPO É DINHEIRO⁸⁶ acarreta TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, que, por sua vez, acarreta TEMPO É UM PRODUTO VALIOSO. Nessa mesma direção, os autores declaram: “Em geral, os conceitos metafóricos não são definidos em termos de

⁸³ No original: “It is important to see that we don’t just talk about arguments in terms of war. We can actually win or lose arguments. We see the person we are arguing with as an opponent. We attack his positions and we defend our own. We gain and lose ground. We plan and use strategies. If we find a position indefensible, we can abandon it and take a new line of attack. Many of the things we do in arguing are partially structured by the concept of war. Though there is no physical battle, there is a verbal battle, and the structure of an argument – attack, defense, counterattack, etc. – reflects this.”

⁸⁴ Lakoff e Johnson (1980, p.13) argumentam que, ao dizer “*a concept is structured by a metaphor*”, significa ‘parcialmente estruturado’ – um dado conceito pode ser estendido de algumas formas, mas não em outras, já que podem ser condicionados por modelos culturais.

⁸⁵ No original: “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another”

⁸⁶ Conforme notação estabelecida pelos autores, as metáforas conceptuais são sempre apresentadas em caixa alta.

imagens concretas [...], mas em termos de categorias mais gerais, como algo mais superficial” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 45).⁸⁷

Na primeira edição de *Metaphors we live by*⁸⁸, Lakoff e Johnson defenderam a existência de diferentes tipos de metáforas conceituais, as quais, de acordo com Kövecses (2002, p. 33,40), são caracterizadas em termos de suas funções cognitivas. Essa categoria diz respeito às “metáforas ontológicas”, que promovem a compreensão das experiências em termos de objetos e substâncias e que, apesar de não serem tão bem delimitadas, servem como base para as “metáforas estruturais” (casos cujos conceitos são metaforicamente estruturados em termos de outros, ou seja, referem-se ao mapeamento realizado entre um domínio-fonte e um domínio-alvo), e às “metáforas orientacionais”, as quais organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro, levando em conta a coerência entre metáforas. Contudo, Lakoff e Johnson, na edição de 2003 da obra acima mencionada, assumem uma nova postura com relação aos tipos de metáforas. Os autores afirmam que dividir as metáforas em três tipos foi algo artificial⁸⁹, pois todas as metáforas conceituais são estruturais e ontológicas e muitas delas são orientacionais. Mesmo assim, vale verificar a definição desses três tipos pré-estabelecidos para que se possa compreender como se dá a conceptualização metafórica como um todo.

No que diz respeito às **metáforas orientacionais**, a sua maioria relaciona-se às orientações espaciais, como: *acima-abaixo, dentro-fora, frente-trás, em cima de-fora de, profundo-raso, central-periférico*.⁹⁰ De acordo com Lakoff e Johnson (1980, p. 14), essas orientações espaciais surgem do fato de termos um corpo do tipo que temos e que esse corpo funciona de determinada maneira no ambiente físico, baseando-se nas experiências físicas e culturais. Por exemplo, em HAPPY IS UP (FELIZ ESTÁ PARA CIMA), o conceito HAPPY é orientado por UP, levando à expressão do inglês *I'm feeling up today*⁹¹ - *isso ocorre porque o conceito “felicidade” remete à postura ereta humana como um sinal positivo*. Conforme os autores, “ainda que as oposições polares, acima-abaixo, dentro-fora, etc., sejam físicas por

⁸⁷ No original: “In general, metaphorical concepts are defined not in terms of concrete images (...), but in terms of more general categories, like passing”.

⁸⁸ Observa-se que, edição de 2003, os autores colocam em posfácio que essa divisão de tipologias de metáforas é algo artificial, conforme será abordado posteriormente neste capítulo.

⁸⁹ Nas palavras dos autores (1980, p. 264) “The division of metaphors into three types – orientational, ontological, and structural – was artificial”.

⁹⁰ No original: “up-down, in-out, front-back, on-off, deep-shallow, central-peripheral”.

⁹¹ No sentido de sentir-se bem/animado(a).

natureza, as metáforas orientacionais, que se baseiam nessas oposições, podem variar de uma cultura a outra.”⁹².

Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 17 – 18), as metáforas orientacionais, por terem orientação espacial, fundamentam a maior parte dos conceitos que organizamos em relação a outro conceito e apresentam uma sistematicidade interna – por exemplo, FELIZ ESTÁ PARA CIMA define um sistema interno coerente, uma vez que não se trata de casos isolados e aleatórios; o sistema seria incoerente se “Estou me sentindo para cima” significasse “Estou me sentindo feliz”, e se “Meu animo elevou-se” significasse “Fiquei mais triste”. Além disso, há uma sistematicidade externa global no que diz respeito às várias metáforas espaciais, definindo coerência⁹³ entre elas – por exemplo: BOM É PARA CIMA orienta PARA CIMA o bem-estar geral, tornando-se coerente em relação a casos como FELICIDADE ESTÁ PARA CIMA, SAÚDE ESTÁ PARA CIMA, etc. Essas metáforas fundamentam-se nas experiências físicas e culturais, ajudando a compreender um conceito por meio de uma base experiencial. Por existirem vários tipos de bases experienciais, a coerência parece ser a razão que motiva a escolha por uma ou outra. No entanto, por vezes, é difícil distinguir as bases físicas das culturais, pois a escolha por uma base física tem a ver com a coerência cultural.

Os autores apresentam dez metáforas orientacionais e sugerem como cada conceito metafórico forma-se a partir da experiência física e cultural.

- a) FELIZ ESTÁ PARA CIMA; TRISTE ESTÁ PARA BAIXO: posturas caídas estão tipicamente relacionadas à tristeza e depressão, enquanto posturas eretas se relacionam com estados emocionais positivos.
- b) CONSCIENTE ESTÁ PARA CIMA; INCONSCIENTE ESTÁ PARA BAIXO: os humanos e a maioria dos outros mamíferos dormem em posição horizontal, deitados, e se levantam quando acordam.
- c) SAÚDE E VIDA ESTÃO PARA CIMA; DOENÇA E MORTE ESTÃO PARA BAIXO: doenças graves nos forçam a deitar.
- d) TER CONTROLE OU FORÇA ESTÁ PARA CIMA; ESTAR SUJEITO A CONTROLE OU FORÇA ESTÁ PARA BAIXO: o tamanho físico tipicamente diz respeito à força física e o vitorioso de uma luta está/fica geralmente no topo.

⁹² No original: “though the polar oppositions up-down, in-out, etc., are physical in nature, the orientational metaphors based on them can vary from culture to culture”.

⁹³ Para Lakoff e Johnson (1980, p. 41), a ‘coerência’ diz respeito à forma na qual conceptualizamos nossa experiência.

- e) **MAIS ESTÁ PARA CIMA; MENOS ESTÁ PARA BAIXO:** ao adicionar mais de uma substância ou de objetos físicos a um contêiner ou pilha, o nível dessa substância aumenta.
- f) **ACONTECIMENTOS FUTUROS PREVISÍVEIS ESTÃO PARA CIMA (e A FRENTE):** normalmente os olhos de uma pessoa se direcionam de acordo com seus movimentos (em frente, para frente). Quando um objeto se aproxima de uma pessoa (ou vice-versa), o objeto parece ser bem maior. Desde que o fundo⁹⁴ (*ground*) seja percebido como fixo, a parte de cima do objeto parece estar se movendo acima do campo de visão da pessoa.
- g) **ALTO STATUS ESTÁ PARA CIMA; BAIXO STATUS ESTÁ PARA BAIXO:** a posição social está correlacionada a poder (social) e poder (físico) está para cima.
- h) **BOM ESTÁ PARA CIMA; RUIM ESTÁ PARA BAIXO:** felicidade, saúde, vida e controle, coisas que caracterizam o que é bom para uma pessoa, estão para cima.
- i) **VIRTUDE ESTÁ PARA CIMA; DEPRAVAÇÃO ESTÁ PARA BAIXO:** uma vez que **BOM ESTÁ PARA CIMA** (se considerado por alguém como base física) relaciona-se à metáfora **SOCIEDADE É UMA PESSOA** (em uma versão em que você não se identifica com sua sociedade), ser virtuoso é agir de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade ou pessoa para que se possa manter o bem-estar. **VIRTUDE ESTÁ PARA CIMA** porque ações virtuosas estão relacionadas com bem-estar social, da sociedade ou do ponto de vista de alguém. Uma vez que as metáforas com base social são parte da cultura, é o ponto de vista da sociedade que é considerado.
- j) **RACIONAL ESTÁ PARA CIMA; EMOCIONAL ESTÁ PARA BAIXO:** na nossa cultura, as pessoas percebem-se no controle sobre animais, plantas e seus meios físicos – razão que as colocam em uma posição acima e lhes dá controle. Portanto, **CONTROLE ESTÁ PARA CIMA** fornece uma base para **HOMEM ESTÁ PARA CIMA**, que, por sua vez, possibilita **RAZÃO ESTÁ PARA CIMA**.

Conforme Lakoff e Johnson (1980, 1987), as metáforas não podem ser compreendidas de modo independente da sua base experiencial – “Na realidade, acreditamos que nenhuma metáfora jamais pode ser compreendida ou mesmo representada adequadamente de modo

⁹⁴ De acordo com Evans (2007), ‘fundo’ (*‘ground’*) é definido, na Gramática Cognitiva, como um termo que se refere a qualquer enunciado que inclua participantes, o tempo da fala e o contexto físico imediato; interpretações subjetivas e objetivas são entendidas por meio da noção de ‘fundo’ (p. 98). Trata-se da ideia de ‘figura e fundo’ desenvolvida na Psicologia Gestalt e aplicada na linguística cognitiva, em particular por Leonard Talmy, na sua abordagem de sistema de estruturação conceptual (ibidem, p. 79).

independente de sua base experiencial.”⁹⁵ (p. 19) – e os principais valores culturais são coerentes com as estruturas metafóricas (p. 22). Na mesma direção, Kövecses (2002, p. 36) diz que o sentido de coerência metafórica está relacionado com o modo uniforme como os conceitos alvo são conceptualizados.

Mantendo o foco nas partículas *up* e *down*, para mais bem explicar a relação entre metáforas espaciais e as experiências culturais da sociedade, Lakoff e Johnson (1980, p. 22) listam alguns valores sociais:

- a) “Mais é melhor” é coerente com MAIS ESTÁ PARA CIMA e BOM ESTÁ PARA CIMA, enquanto que “menos é melhor” não é coerente;
- b) “Maior é melhor” é coerente com MAIS ESTÁ PARA CIMA e BOM ESTÁ PARA CIMA. No entanto, “menor é melhor” não é coerente;
- c) “O futuro será melhor” é coerente com O FUTURO ESTÁ PARA CIMA e BOM ESTÁ PARA CIMA, mas “o futuro será pior” não é coerente;
- d) “Haverá mais no futuro” é coerente com ALTO STATUS ESTÁ PARA CIMA e O FUTURO ESTÁ PARA CIMA.

Lakoff e Johnson dizem que é possível perceber que os valores sociais apresentados acima não são independentes, mas formam um sistema coerente, relacionando-os a conceitos metafóricos. Contudo, pode haver conflito entre os valores, pois as metáforas também se submetem às subculturas. Os autores afirmam que MAIOR É MELHOR pode conflitar com HAVERÁ MAIS NO FUTURO – ou seja, deve-se comprar um carro possante, que pode tomar boa parte dos salários futuros de alguém devido à quantidade de parcelas ao longo do tempo, ou comprar um carro menor e mais barato? – há algumas subculturas americanas⁹⁶ em que se compra um carro possante sem se preocupar com o futuro. Porém, houve um tempo (antes da inflação e crise de energia) em que possuir um carro pequeno era considerado alto *status* – tempo em que VIRTUDE ESTÁ PARA CIMA e ECONOMIZAR É VIRTUOSO tinham prioridade em relação à metáfora conceptual MAIOR É MELHOR.

De modo geral, as mesmas orientações espaciais (acima-abaxo, dentro-fora, frente-trás, ligado-desligado, profundo-raso, central-periférico) perpassam diferentes culturas, mas seus conceitos variam de acordo com os valores de uma determinada sociedade. Elas fornecem a base para compreender conceitos em termos de orientações, mas não se trata de uma base rígida.

⁹⁵ No original: “In actuality we feel that no metaphor can ever be comprehended or even adequately represented independently of its experiential basis”.

⁹⁶ Lakoff e Johnson (1980, p. 23) citam esse exemplo como pertencente à cultura americana, mas tal situação se enquadra a várias outras, como a brasileira.

Com relação às **metáforas ontológicas**, para Lakoff e Johnson (1980, p. 25), compreender as experiências em termos de objetos e substâncias permite selecionar algumas partes da experiência e tratá-las como entidades ou substâncias de modo uniforme. Mesmo quando algo não está claramente delimitado, nós o categorizamos, agrupamos ou quantificamos. Isso ocorre porque os propósitos humanos requerem limites e, neste sentido, é possível delimitar entidades por meio de uma superfície.

Essas experiências físicas, de acordo com os autores, proveem várias outras metáforas ontológicas, alterando o modo de perceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias. A experiência de “elevar preços”, por exemplo, pode ser metaforicamente percebida por meio da entidade “adversário”.

Lakoff e Johnson (1980) defendem que essas metáforas são utilizadas para fins propositais: referir, quantificar, identificar aspectos ou causas, estabelecer metas ou motivar ações. Os estudiosos apresentam dois exemplos de como a metáfora ontológica A MENTE É UMA ENTIDADE ocorre em nossa cultura: (i) A MENTE É UMA MÁQUINA [*e.g. I'm a little rusty*⁹⁷ today – Eu estou um pouco enferrujado hoje / *He broke up* – Ele terminou (um relacionamento)] e (ii) A MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO/FRÁGIL [*e.g. I'm going to pieces* – Eu estou em pedaços / *He cracked up* – Ele teve um colapso (físico ou emocional)].

As metáforas ontológicas abrangem as chamadas metáforas de contêiner. Sobre isso, Lakoff e Johnson (1980, p. 29) afirmam: “Cada um de nós é um contêiner, com uma superfície delimitadora e uma orientação dentro-fora. Projetamos nossa própria orientação dentro-fora em outros objetos físicos que são delimitados pelas superfícies”⁹⁸. Por exemplo, uma determinada cidade corresponde a uma área delimitada – um CONTÊINER – e é por isso que se diz *There's a lot of land in Kansas*⁹⁹. Seguindo a mesma ideia, substâncias também são vistas como contêineres – ao entrar em uma banheira, você entra na água; neste sentido, tanto banheira quanto água são vistas como contêineres, sendo o primeiro elemento um CONTÊINER OBJETO e o segundo um CONTÊINER SUBSTÂNCIA.

O campo visual também é visto como um contêiner, pois, de acordo com Lakoff e Johnson (1980, p. 30), ao olhar para um local, o campo de visão define um território delimitado, ou seja, a parte que se deseja observar. Além disso, as metáforas ontológicas também servem para compreender eventos, ações, atividades e estados. Nesse sentido,

⁹⁷ Grifos dos autores.

⁹⁸ No original: “Each of us is a container, with a bounding surface and an in-out orientation. We project our own in-out orientation onto other physical objects that are bounded by surfaces”.

⁹⁹ Tradução: Há muita terra no Kansas.

“eventos e ações são conceptualizados metaforicamente como objetos, atividades como substâncias, estados como contêiners”¹⁰⁰. Conforme os autores, de modo geral, as atividades são vistas metaforicamente como SUBSTÂNCIAS e, portanto, como CONTÊINERES, uma vez que essas atividades são vistas como contêineres para ações e para outras atividades que as constituem.

Todavia, Kövecses (2002, p. 34,40) afirma que as metáforas ontológicas fornecem pouca estrutura cognitiva para os conceitos alvo, parecendo prover, meramente, um *status* ontológico para categorias gerais dos conceitos alvo abstratos. Em resumo, essas metáforas não tratam de correspondências bem definidas entre os domínios, pois levam a uma compreensão muito geral em termos de domínio-alvo. Mesmo assim, as metáforas ontológicas são consideradas importantes, uma vez que servem como base para as metáforas estruturais e, é por este viés, que Lakoff e Johnson (1980/2003, p. 264) assumem como artificial a divisão das três metáforas, já que todas elas são tanto estruturais quanto ontológicas.

No que diz respeito às **metáforas estruturais**, a fundamentação se dá nas correlações sistêmicas na experiência, também influenciando as experiências e as ações, ou seja, essas metáforas implicam em estruturar uma determinada experiência em termos de uma outra. Nessa direção, Lakoff e Johnson (1980, p. 65) mencionam as metáforas TRABALHO É UM RECURSO e TEMPO É UM RECURSO, afirmando que ambas baseiam-se na experiência e consideram recursos materiais. Os recursos materiais podem referir-se a matérias-primas e fontes de combustível, em que tanto um quanto outro podem ser quantificados e receber um valor. Além disso, são considerados um tipo de substância, servindo para um propósito final e que se esgotam pelo uso progressivo. Nesse sentido, considerando o caso de fazer um produto com matéria-prima, nota-se que este exigirá certa quantidade de trabalho e, geralmente, quanto mais trabalho houver, mais se produz. Assim, a mesma proporção de trabalho e produto acaba atribuindo um valor em termos de tempo que se leva para produzir certo produto. Logo, o processo envolvido fornece a fundamentação da metáfora TRABALHO É UM RECURSO e, desde que o trabalho possa ser quantificado em relação ao tempo, o que geralmente ocorre em uma sociedade industrial, chega-se à base da metáfora TEMPO É UM RECURSO.

De acordo com esses autores, essa metáfora estrutural complexa, dentre outras, emprega metáforas ontológicas: TRABALHO É UM RECURSO usa UMA ATIVIDADE É

¹⁰⁰ No original: “events and actions are conceptualized metaphorically as objects, activities as substances, states as containers”.

UMA SUBSTÂNCIA; TEMPO É UM RECURSO usa TEMPO É UMA SUBSTÂNCIA. E são essas duas substâncias que permitem que trabalho e tempo sejam quantificados.

Também vale reforçar que as metáforas conceptuais surgem naturalmente, ou seja, o falante não percebe, necessariamente, que há metaforicidade naquilo que diz ou faz quando se utiliza da linguagem. De acordo com a TMC as metáforas são inerentes ao pensamento humano e, portanto, estão presentes em toda e qualquer linguagem. Nessa mesma direção, Gibbs (2006, p. 4) afirma que são muitas as evidências que apoiam as abordagens centrais, na Linguística Cognitiva, sobre metáforas do tipo conceptual. Essas evidências estão relacionadas a pesquisas históricas, que tratam da evolução dos significados das palavras, e à sistematicidade e uso de expressões metafóricas nas mais variadas comunidades linguísticas.

Contudo, ressalta-se que a TMC não é apoiada de modo unânime – sofre críticas, principalmente por não fundamentar o porquê certos conceitos não são projetados, mapeados, entre um domínio e outro¹⁰¹.

2.2.2.1 Conceitos cotidianos estruturados metaforicamente: entre o literal e o idiomático

Como já visto, Lakoff e Johnson (1980, p. 46) assumem que as metáforas conceptuais estruturam, parcialmente, os conceitos cotidianos e que essas estruturas são refletidas na nossa linguagem. Logo, muitas expressões linguísticas emergem das experiências da vida cotidiana, as quais têm relação estreita com metáforas conceptuais. Sentenças como “Esse é o **fundamento/alicerce** para sua teoria?”, “A teoria precisa de mais **suporte**”, “O argumento é **pouco firme**” e “Nós precisamos construir um argumento **forte** para isso” podem estar relacionadas à metáfora conceptual TEORIAS (e ARGUMENTOS) SÃO CONSTRUÇÕES. A metáfora conceptual IDEIAS SÃO ALIMENTOS, por sua vez, pode originar, por exemplo, expressões linguísticas como: “Há muitos fatos para eu **digerir**”, “Eu não consigo **engolir** essa reclamação”, etc.

Há várias outras metáforas conceptuais que se pode citar e que estão relacionadas a diversos domínios. COMPREENDER É VER, por exemplo, está implícita em expressões como “Não estou **vendo** onde queres chegar com essa explicação”, “Ele me fez **ver os problemas** dessa teoria” e “**Vejo essa decisão** de outro ponto de vista”.

¹⁰¹ Na obra *Metaphors We Live By* (1980), Lakoff e Johnson não discutem “domínios”, mas sim “conceitos”, como do tipo argumento e guerra. Porém, na obra *Philosophy in the flesh* (1999), os autores descrevem as metáforas como mapeamentos do domínio sensorio-motor (*sensorimotor domains*) para o domínio da experiência subjetiva (*domains of subjective experience*).

Para Lakoff e Johnson (1980, p. 52), todos os conceitos estruturados metaforicamente são parciais, o que pode estar refletido no léxico, inclusive nas expressões fixas. O uso do termo “parcial” se justifica porque, assim como dito anteriormente, um dado conceito pode ser estendido de algumas formas, mas não de outras (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 13). Os estudiosos também afirmam que os conceitos são estruturados de modo sistemático, sendo possível utilizar expressões de um domínio para falar sobre outros domínios. Para eles, em muitos casos, as expressões do cotidiano não dizem respeito ao domínio literal da linguagem, mas sim ao domínio da linguagem figurativa/imaginativa. Relacionando tal argumentação ao fenômeno dos PVs, em especial àqueles que são idiomáticos, e considerando sua difícil previsibilidade do significado, Kövecses (2002, p. 206) defende que o que determina o significado de uma expressão figurativa é o domínio-alvo da metáfora conceptual. Assim, o recurso de mapear propriedades de um domínio conceptual a outro provê fundamentação para diversas expressões linguísticas, que, por sua vez, baseiam-se em conceitos do cotidiano. A partir das considerações feitas até aqui, reconhece-se que as metáforas são um recurso natural das línguas e funcionam como um instrumento para criar um novo conhecimento, partindo das experiências que os indivíduos, ou grupos sociais, têm com relação ao mundo com que interagem. A metáfora conceptual, em especial, trata-se de um fenômeno cognitivo que tem forte relação com as noções corpóreas, motivando as expressões metafóricas.

Apesar de TMC, preconizada por Lakoff e Johnson (1980), servir de aporte teórico para a investigação dos PVs, os estudiosos não se adentram à relação metáfora-*phrasal verbs*. Neste sentido, assumindo que os PVs, por muitas vezes, são metafóricos e que suas partículas apresentam forte carga semântica, faz-se necessário investigar a contribuição de outros autores em termos dos sentidos das partículas, que vão dos mais básicos (literais) aos mais figurativos.

O próximo subcapítulo trata do sentido das duas partículas que são o foco deste trabalho – *up* e *down* – a partir dos trabalhos de Rudzka-Ostyn (2003) e Lindner (1981).

2.3 A METAFORICIDADE DAS PARTÍCULAS *UP* E *DOWN*

Os PVs referem-se a construções que admitem um vasto número de combinações, básicas ou idiomáticas, considerando diversas partículas. No que diz respeito ao presente estudo, limita-se a explorar a semântica das partículas *up* e *down*, as quais, dentro de uma construção, apresentam tanto sentidos concretos quanto abstratos. Analisar essas construções implica considerar questões como composicionalidade, idiomaticidade e metaforicidade; há

um especial interesse pelas combinações de caráter idiomático, uma vez que estas levam ao reconhecimento da metaforicidade, fenômeno central deste trabalho.

Sendo assim, este trabalho considera as contribuições de duas autoras que se valem de diferentes perspectivas no âmbito da semântica cognitiva – Rudzka-Ostyn (2003) e Lindner (1981) – mas que, ao mesmo tempo, contribuem significativamente para o propósito desta investigação, pois abordam os variados sentidos das partículas *up* e *down*, tanto em termos de significados prototípicos quanto de significados idiomáticos, relacionando-os a elementos focais em representações conceptuais. A contribuição de Rudzka-Ostyn (2003) também ocorre no âmbito pedagógico, pois a autora, além de fazer uso de esquemas imagéticos que dizem respeito a diferentes sentidos das partículas, também propõe uma série de exercícios envolvendo cada um dos sentidos, com vistas a sua aplicação no ensino.

Logo, ao reconhecer que a interpretação dos PVs podem se dar pela abordagem da semântica cognitiva, procura-se investigar os sentidos estendidos e metafóricos das partículas, relacionando-os a esquemas imagéticos¹⁰². Salienta-se também que ambas as estudiosas utilizam elementos focais para constituírem seus esquemas imagéticos, como “figura e fundo” e “trajetor e marco”.

Nos próximos subcapítulos, serão detalhadas as abordagens de Rudzka-Ostyn (2003) e de Lindner (1981), ressaltando-se que, embora nenhuma das autoras se utilize propriamente de metáforas conceptuais em sua análise, ambas corroboram a pertinência da Teoria da Metáfora Conceptual para se analisar a metaforicidade dos PVs. Além disso, as autoras contribuem significativamente para o propósito desta investigação, pois tratam dos variados sentidos das partículas *up* e *down* – tanto em termos de significados prototípicos quanto de significados idiomáticos –, relacionando-os a elementos focais em representações conceptuais.

2.3.1 Rudzka-Ostyn: *UP & DOWN*

Sustentando-se na perspectiva da semântica cognitiva, mais precisamente na abordagem das metáforas conceptuais, Rudzka-Ostyn (2003, p. 3 - 4) trata dos PVs como estruturas que apresentam tanto sentidos prototípicos quanto estendidos. Neste sentido, Rudzka-Ostyn (2003, p. 3) defende que, quando uma construção V-P é formada por um verbo

¹⁰² De acordo com Evans (2007, p. 106), os esquemas imagéticos dizem respeito a representações conceptuais abstratas que emergem da interação direta que se tem com o mundo, derivando das experiências sensoriais e perceptuais, ou seja, da experiência corporificada.

com significado transparente e uma partícula com sentido espacial, o PV pode ser compreendido mais facilmente. Contudo, muitos dos PVs são idiomáticos, o que, de modo geral, deve-se ao uso estendido ou metafórico da partícula constituinte. Logo, conforme a autora, “em alguns casos, não é suficiente saber o significado do verbo e o da partícula para entender o significado do PV como resultado da combinação de ambas as partes¹⁰³” (RUDZKA-OSTYN, 2003, p. 5).

O que se verifica, em muitos casos, é que não basta saber o significado isolado dos itens lexicais que formam um PV, pois a figuratividade faz-se fortemente presente no que tange à “construção V-P” com significado único. Ainda assim, de acordo com Rudzka-Ostyn (2003, p. 5-6), obtendo-se uma visão da partícula por seu sentido literal e os sentidos estendidos metaforicamente, os diferentes significados de um PV, inclusive os mais abstratos, tornam-se relativamente próximos.

Além disso, a autora destaca a capacidade humana de falar sobre abstrações (tempo, emoções, relações sociais, interações, pensamentos etc.), as quais não se pode ver, mas podem ser percebidas em virtude das experiências. Para ela, assim como para Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1980), a linguagem é essencialmente metafórica, pois faz-se uso de expressões linguísticas baseadas em entidades concretas/físicas para se referir a abstrações de alto nível, ou seja, uma realidade abstrata é concebida e caracterizada em termos de uma realidade mais concreta. É a partir desse aspecto que se pode compreender como os PVs, especialmente aqueles constituídos por partículas com significados estendidos, podem ser explicados por meio de projeções entre domínios¹⁰⁴ abstratos em termos de domínios concretos.

Para perceber e conceber essas realidades mais abstratas, a autora utiliza símbolos que se referem a esquemas imagéticos, identificados no Quadro 3.

¹⁰³ No original: In some cases, it is not enough to know the separate meanings of a verb and a particle to understand the meaning of the phrasal verb resulting from combining both.

¹⁰⁴ De acordo com Evans (2007, p. 61), um domínio conceptual trata, relativamente, das estruturas complexas do conhecimento que se referem a aspectos coerentes da experiência.

Quadro 3: Símbolos utilizados nos esquemas de Rudzka-Ostyn

	representa o campo visual
	representa o trajetor (TR), que pode ser uma entidade física ou abstrata
Os marcos (LM) são representados por qualquer uma das formas abaixo:	
	a) representa um contêiner
	b) representa uma superfície ou um objeto, cujo TR está relacionado
	c) representa um grupo ou conjunto de entidades
	d) representa uma massa flutuante, um LM sem limites precisos (e.g. o 'ar' ou 'nosso meio')
	um seta pontilhada indica movimento do TR e o impacto que ele pode causar no LM
	uma linha com uma seta indica uma escala ao longo da qual o TR se move ou está localizado

Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 11) – (descrições adaptadas).

Nessa contexto, um esquema imagético é a representação mental de uma relação espacial. Para compreender os esquemas imagéticos propostos pela autora, primeiramente, é necessário familiarizar-se com algumas noções que são a base da percepção humana de mundo. Conforme Rudzka-Ostyn (2003, p. 9), inconscientemente, o ser humano foca em uma entidade (em movimento) e então a vê defronte uma superfície ou contêiner. O que a autora quis dizer refere-se aos termos “figura” e “fundo”, que, de acordo com Evans (2007, p. 79), foram desenvolvidos pela Psicologia Gestalt e aplicados na LC, em particular por Leonard Talmy, na sua abordagem de sistema de estruturação conceptual.

A entidade em movimento (figura) corresponde ao “trajetor”, originalmente conhecido por *trajector* e representado por “TR”; e o contêiner ou superfície (fundo) corresponde ao “marco”, que tem como nome original *landmark* e é representado pela sigla “LM”¹⁰⁵. Tanto o *Trajector* quanto o *landmark* dizem respeito a elementos focais, postulados por Ronald Langacker (1987). Segundo Evans (2007, p. 214), o TR e o LM referem-se às relações de proeminência dos participantes em uma dada cena, refletindo um fenômeno perceptual mais geral que é o da relação figura-fundo. O autor também afirma que, conforme Langacker, as funções gramaticais sujeito e objeto são reflexos da organização trajetor-marco (e.g. O carro passou a garagem).

Nessa mesma direção, Rudzka-Ostyn (2003, p. 10), ao fazer uso desses elementos focais, define o TR como qualquer entidade na qual nossa atenção possa focar, seja um objeto, uma pessoa ou mesmo um sentimento ou pensamento; enquanto o LM diz respeito a entidades físicas, que geralmente são maiores, imóveis e mais fáceis de serem identificadas, se comparadas ao trajector; sendo assim, o LM também serve como ponto de referência para localizar uma entidade abstrata menor. A imagem a seguir exemplifica a identificação de trajectores e marcos conforme os exemplos dados pela autora.

Figura 1: Rudzka-Ostyn - exemplos de trajector e marco

	moving entity	point/container/surface
	trajector	landmark
John went home.	John	home
The plane managed to land on the runway.	plane	runway
The lamp is hooked on the ceiling.	lamp	ceiling
There is a fly on the wall.	fly	wall
He put his handkerchief in his pocket.	handkerchief	pocket
Ten convicts broke out of the prison.	convicts	prison

Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 10).

2.3.1.1 A partícula *UP*

De acordo com Rudzka-Ostyn (2003, p. 75), *up* é a partícula mais usada na língua inglesa. Seu uso frequente se explica pela experiência cotidiana (física e abstrata) que se tem em relação a movimentos ou posições ascendentes. A autora apresenta 170 exemplos de PVs constituídos pela partícula, sendo que a maioria deles apresenta mais de um sentido relacionado. Esses sentidos, estendidos metaforicamente, partem do sentido mais prototípico da partícula, o qual diz respeito à verticalidade ascendente e é representado por Rudzka-Ostyn através do esquema imagético “posição superior ou mover em direção a um lugar mais alto”.

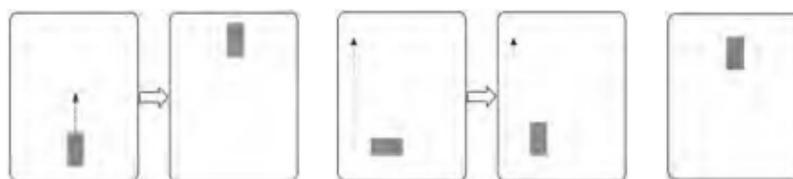
Em sua obra *Word Power: phrasal verbs and compounds*, diversos sentidos são apresentados por meio de esquemas imagéticos que são explorados em exercícios práticos. Os exercícios conduzem o aprendiz a averiguar seu nível de compreensão entre as combinações V-P, associando-as aos esquemas apresentados. Assim, os diferentes sentidos da partícula *up* são descritos, e cada exemplo apresentado diz respeito à figura ilustrada na sequência, de modo que se possa associar os PVs aos seus respectivos esquemas imagéticos.

Na sequência, são abordados os sentidos de *up* apontados pela autora.

UP: posição superior ou mover em direção a um lugar mais alto

Tipicamente, o sentido espacial de *up* representa o movimento de um lugar mais baixo a um lugar mais alto (e.g. *Could you go up and see whether the baby is asleep?*¹⁰⁶). Contudo, a partícula também pode tratar de situações em que a entidade muda de uma posição horizontal para uma vertical (e.g. *We all stood up when the president entered*¹⁰⁷). Além disso, pode não haver realmente uma mudança de lugar; isso ocorre quando a posição de dada entidade já está em um nível superior a outras (e.g. *Put the bottle up on the shelf*¹⁰⁸). Os esquemas são apresentados na Figura 2.

Figura 2: Sentido da partícula *up*



Fonte: Rudza-Ostyn (2003, p. 75).

UP (to): visar ou atingir um objetivo, um fim, um limite

A partícula *up*, além de referir-se a movimento ascendente, também pode indicar movimento em direção ao lugar em que a entidade está ou, pelo menos, deveria estar, principalmente quando ela é combinada com a partícula *to* – não se trata, necessariamente, de um movimento ascendente/acima. Essas descrições podem ser evidenciadas nos exemplos *Several passengers rushed up to the waiting bus*¹⁰⁹ e *On cold wet mornings I cannot start my old car up*¹¹⁰. O esquema desse sentido de *up* está representado na Figura 3.

¹⁰⁶ Tradução: Você poderia subir e ver se o bebê está dormindo?

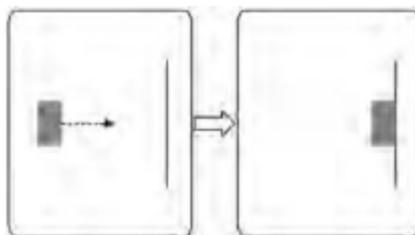
¹⁰⁷ Tradução: Todos nós levantamos quando o presidente entrou.

¹⁰⁸ Tradução: Coloque a garrafa na prateleira.

¹⁰⁹ Tradução: Diversos passageiros foram as pressas para o ponto de ônibus.

¹¹⁰ Tradução: Nas manhãs úmidas e frias eu não consigo ligar meu carro velho.

Figura 3: Sentido da partícula *up*



Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 77).

Norte é UP, sul é DOWN

Uma vez que o norte está convencionalmente representado no topo da página dos mapas, torna-se comum perceber essa área geográfica como *up* (e.g. *Let's leave London and go up to Edinburgh for the weekend*¹¹¹), assim como a parte sul é percebida como *down*, conforme mostra a Figura 4.

Figura 4: Sentido da partícula *up*



Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 80).

UP: mover para um nível, valor ou medida superior

Este sentido diz respeito a domínios abstratos que, de modo geral, recebem atributos, os quais são tratados em termos de domínios mais concretos. Essa correspondência de um domínio concreto a um abstrato é possível a partir da noção espacial, que se expressa por meio da noção de verticalidade. Trata-se de domínios que envolvem temperatura, categorias sociais e profissionais, atitudes, conhecimento, opiniões, sentimentos, posse, acessibilidade a coisas, graus de intensidade etc. Conforme Rudzka-Ostyn (2003, p. 80), o que eleva ou o que é bom, bonito, gratificante, forte, sólido, corajoso ou positivo está no topo da dimensão

¹¹¹ Tradução: Vamos sair de Londres e ir para Edimburgo no final de semana.

vertical, ou seja, acima (*up*), e o que decai/decrece ou o que é ruim, feio, triste, pequeno, fraco, frágil, acobardado ou negativo está na base dessa linha vertical de avaliação, isto é, está abaixo (*down*). Os exemplos abaixo podem representar alguns desses domínios:

*Judy's temperature is going up, she may be getting flu*¹¹² (temperatura)

*I hope to move up to a management position within five years*¹¹³ (categoria profissional)

*At 16, Joe is very mature, he has really grown up very fast*¹¹⁴ (atitude)

*I need to brush up my English*¹¹⁵ (conhecimento)

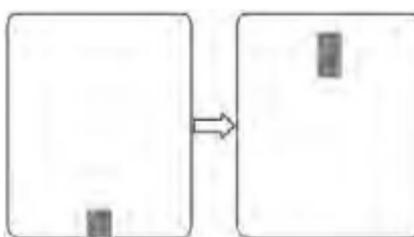
*She cheered up when she saw the presents her friends had brought*¹¹⁶ (sentimento)

*As granny is slightly deaf, you have to speak up a bit*¹¹⁷ (grau de intensidade)

UP: o que está acima é mais visível, acessível e conhecido

Entidades, concretas ou abstratas, e que estão ou chegam em um nível ou local mais elevado são percebidas mais facilmente, pois chamam mais atenção (ver Figura 5). Além disso, uma das características de muitos verbos que combinam com a partícula *up* é a de tornar mais visível e conhecido o que estava omitido ou desconhecido. Como exemplos, pode-se considerar: *He was determined to bring the issue up at the meeting*¹¹⁸ / *The mistake in the fabric won't show up once the dress is made*¹¹⁹.

Figura 5: Sentido da partícula *up*



Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 85).

¹¹² Tradução: A temperatura de Judy está subindo, ela pode estar pegando uma gripe.

¹¹³ Tradução: Eu espero subir para uma posição gerencial dentro de cinco anos.

¹¹⁴ Tradução: Aos 16, Joe é muito maduro, ele realmente cresceu muito rápido.

¹¹⁵ Tradução: Eu preciso desenferujar meu inglês.

¹¹⁶ Tradução: Ela se animou quando viu os presentes que seus amigos trouxeram.

¹¹⁷ Tradução: Como a vovó é um pouco surda, você tem de falar um pouco mais alto.

¹¹⁸ Tradução: Ele estava determinado a trazer o assunto à tona na reunião.

¹¹⁹ Tradução: O erro no tecido não aparecerá uma vez que o vestido estiver feito.

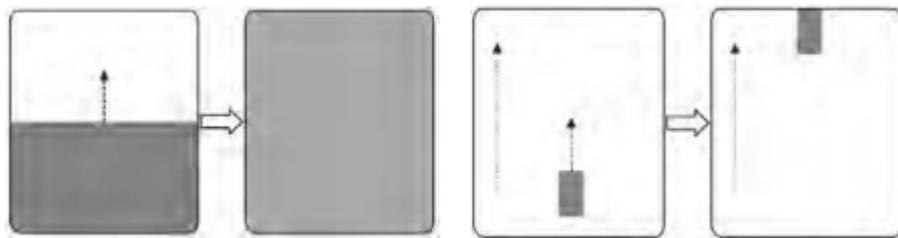
Up: cobrir uma área completamente/atingir o limite máximo

Up, além de indicar o alcance de limites abstratos, também indica que um objeto, no seu todo, pode ser afetado por uma ação. Dessa forma, dizer *Cut up the meat!* significa cortar toda a carne, em cubos/pedaços, e não apenas parte dela. Na mesma linha, pode-se verificar, na sentença *Mary gave up the idea of leaving*¹²⁰, que *up* aponta para um “nível” em que a ideia é considerada desinteressante e, portanto, abandonada” (RUDZKA-OSTYN, 2003, p. 87).

Além disso, a autora afirma ser possível perceber que, às vezes, *up* expressa chegada a um topo, podendo ser o ponto mais alto de uma trajetória vertical ou a fronteira de uma dada localização, etc. Essa noção de topo ou de fronteira pode ser estendida metaforicamente em termos de qualquer limite abstrato.

A Figura 6 corresponde aos esquemas imagéticos desse sentido de *up*.

Figura 6: Sentido da partícula *up*



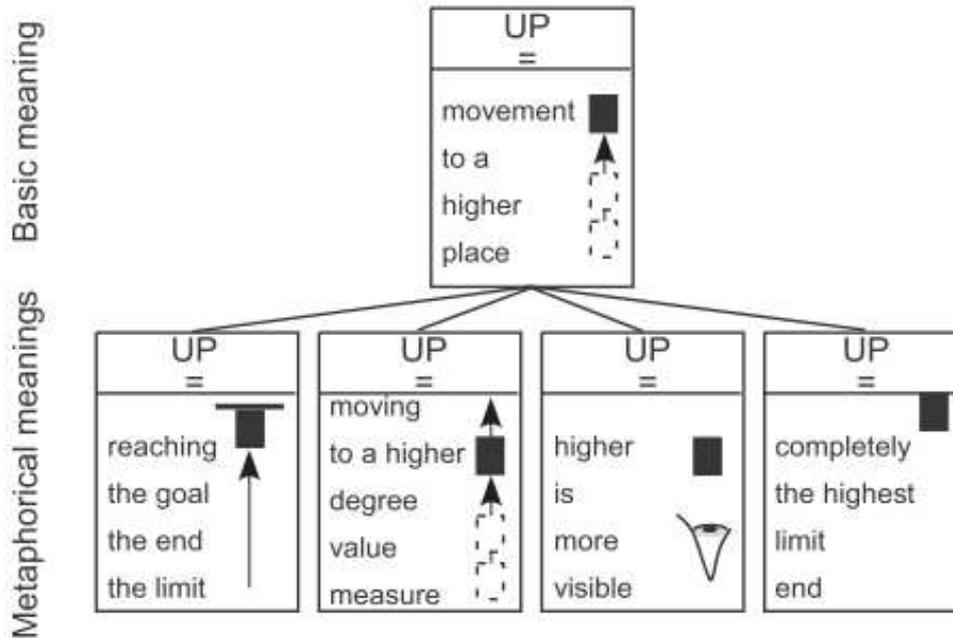
Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 86).

Esta investigação sobre a semanticidade dos PVs, mais especificamente a metaforicidade envolvida, não aborda a série de exercícios utilizados por Rudzka-Ostyn (2003), uma vez que este trabalho não se detém sobre as implicações pedagógicas do fenômeno. Contudo, cabe destacar que o último exercício, que utiliza esquemas, leva a refletir sobre o uso da partícula *up* de modo a relacionar seu significado básico a extensões metafóricas – o que parece ser relevante para este trabalho, já que diz respeito às propriedades e extensões semânticas do fenômeno investigado, conduzindo à interpretação do significado total dos PVs. O objetivo da atividade, reproduzida na Figura 7, é expandir e testar o conhecimento em relação à partícula *up*.

¹²⁰ Tradução: Mary desistiu da ideia de partir.

Figura 7: Exercício para expandir e testar conhecimento (partícula *up*)

Explain the schema underneath to a person who is not familiar with the cluster of related meanings of 'up'. Give examples wherever you can.



Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 103).

A partir do exercício acima, pode-se criar um amplo leque de exemplos, relacionando significados de diferentes níveis composicionais, além de promover o uso de domínios mais concretos para se referir a domínios abstratos, com sentidos estendidos metaforicamente.

2.3.1.2 A partícula *DOWN*

De acordo com Rudzka-Ostyn (2003, p. 104), após *up*, *out* e *off*, *down* é a partícula mais utilizada. O movimento e a orientação de *down*, que se dá tanto no nível concreto quanto no nível abstrato ou metafórico, são comuns às experiências cotidianas. Essa relação de orientação e experiência está associada ao modo como se percebe *down* – como sendo posição inferior e em oposição à partícula *up*. Essa orientação baseada na experiência física e cultural ocorre porque o sistema conceitual é controlado pela posição vertical do corpo humano, conforme explicam Lakoff e Johnson (1980, p.14).

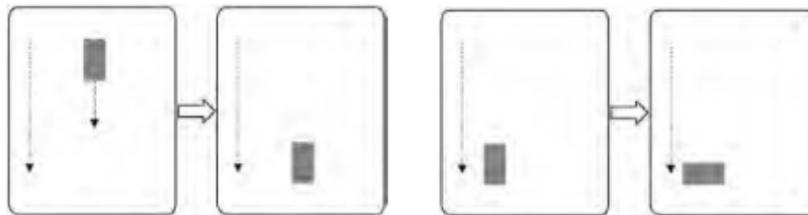
Na continuidade, são trazidos os sentidos de *down* ilustrados pela autora. O primeiro sentido, “movimento de um lugar mais alto para um mais baixo”, refere-se ao sentido mais prototípico da partícula.

DOWN: movimento de um lugar mais alto para um mais baixo

Frequentemente, *down* indica que um objeto é deslocado de um ponto mais alto para um ponto mais baixo (e.g. *Could you go down to the cellar and bring us up a few bottles of beer?*¹²¹). No entanto, nem sempre há mudança da localização em si, mas da posição de um determinado objeto da vertical para a horizontal. Rudzka-Ostyn exemplifica dizendo que uma árvore, quando cortada, tem sua posição modificada, da vertical para a horizontal (e.g. *Large trees are hauled down from the mountains and taken to the saw mill*¹²²).

Além disso, a autora afirma que o uso de *down* também indica a mudança de posição de apenas parte de uma entidade (e.g. *sit down, kneel down*¹²³) e que, quando nenhum movimento ocorre, a entidade é posicionada mais abaixo do que de costume, ou sua posição fica mais na horizontal do que na vertical (e.g. *The doctor asked me to strip down for the medical check-up*¹²⁴). Os exemplos a que se fez menção aqui são representados pela Figura 8.

Figura 8: Sentido da partícula *down*



Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 104).

DOWN: tempo e movimento orientados geograficamente

Dois usos metafóricos de *down* dizem respeito ao tempo e à orientação geográfica de um objeto ou lugar.

O tempo, visto como uma superfície, refere-se, com frequência, a um ponto no tempo, posterior a outro ponto (e.g. *She will go down in history as the greatest opera singer*¹²⁵).

Em relação à orientação geográfica indicada por *down*, seu uso aponta para uma entidade que se move para o sul ou está localizada no sul de um dado lugar (e.g. *Let's leave Edinburgh and go down to London*¹²⁶).

¹²¹ Tradução: Você poderia descer no porão e nos trazer algumas garrafas de cerveja?

¹²² Tradução: Árvores de grande porte são arrastadas montanhas abaixo e levadas para as serrarias.

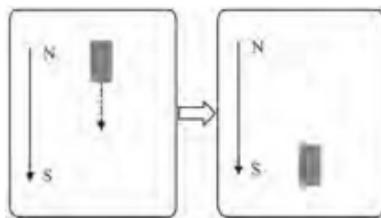
¹²³ Tradução: sentar, ajoelhar.

¹²⁴ Tradução: O médico pediu que eu me despisse para o exame médico.

¹²⁵ Tradução: Ela será lembrada na história como a melhor cantora de ópera.

A Figura 9 representa os exemplos dados.

Figura 9: Sentido da partícula *down*



Fonte: Rudza-Ostyn (2003, p. 106).

DOWN: redução de intensidade, qualidade, quantidade, tamanho, grau, valor, atividade, status, força...

Segundo Rudzka-Ostyn (2003, p. 107), a maioria dos usos espaciais e literais de *down* indica que uma entidade deslocou-se, ou foi deslocada, de um lugar mais alto para um mais baixo. Essas mudanças no espaço associam-se a diferenças que ocorrem em termos de vários domínios abstratos, como volumes, temperaturas, peso, preços, emoções, senso de importância ou respeito, relações sociais, poder etc. – cujas associações metafóricas expressam redução de intensidade e valor. A Figura 10 e os exemplos abaixo, extraídos de Rudzka-Ostyn, ilustram alguns desses domínios.

*I don't know why, but I really feel down these days*¹²⁷ (emoção)

*Fierce competition brought prices down*¹²⁸ (preço)

*The university cut down scholarships by 25% to save money*¹²⁹ (volume/quantidade)

*The government is trying to put down all political opposition*¹³⁰ (poder)

*A true friend never lets you down*¹³¹ (relações sociais)

*At the meeting I explained that we had to change, but people talked me down*¹³² (senso de respeito/desrespeito)

¹²⁶ Tradução: Vamos partir de Edimburgo e ir/descer para Londres.

¹²⁷ Tradução: Eu não sei porquê, mas eu realmente me sinto para baixo nestes dias.

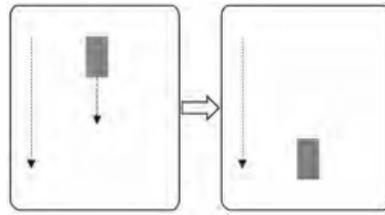
¹²⁸ Tradução: Uma competição intensa fez os preços caírem.

¹²⁹ Tradução: A universidade cortou as bolsas de estudo de 25% para economizar.

¹³⁰ Tradução: O governo está tentando derrubar todas as oposições políticas.

¹³¹ Tradução: Um amigo verdadeiro nunca te deixa cair/prá baixo.

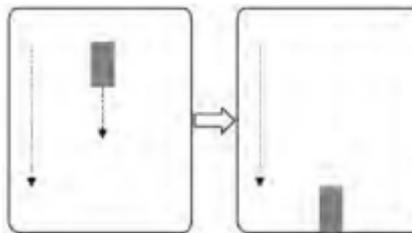
¹³² Tradução: Na reunião eu expliquei que nós tínhamos de mudar, mas o pessoal fez pouco caso de mim.

Figura 10: Sentido da partícula *down*

Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 107).

DOWN: atingir um objetivo, realização, limite em uma escala para baixo

Uma variedade de verbos combinados com *up* representa intensidade e completude de ações. Da mesma forma, muitos verbos combinados com *down* também expressam completude/realização, porém dizem respeito ao nível mais baixo da escala de grau, valor, medida, etc. As sentenças a seguir ilustram este sentido, enquanto a Figura 11 ilustra este uso: (i) *Several houses and shops burned down in the devastating fire*¹³³, (ii) *Our cat is so old and ill, we'll have to ask the vet to put her down*¹³⁴ e (iii) *I could not finish my article because my computer broke down*¹³⁵.

Figura 11: Sentido da partícula *down*

Fonte: Rudzka-Ostyn (2003, p. 111).

DOWN: movimentos de comer ou escrever

Conforme Rudzka-Ostyn (2003, p. 112), “considerando o movimento descendente que acompanha alimentação e escrita, não é surpresa que muitos dos verbos que expressam essas atividades contenham a partícula *down*”, como em *He was so hungry that he wolfed down a*

¹³³ Tradução: Diversas casas e lojas queimaram no incêndio devastador.

¹³⁴ Tradução: Nosso gato está tão velho e doente que teremos de pedir ao veterinário para sacrificá-lo.

¹³⁵ Tradução: Eu não consegui terminar meu artigo porque meu computador quebrou.

*whole chicken*¹³⁶ e *She put down every single word uttered by the professor*¹³⁷. Além disso, a autora afirma que a partícula também pode ser associada não só a verbos, mas a substantivos e advérbios para formar nomes compostos e que constituem novos significados, como *downstairs* (andar de baixo), *downfall* (queda) e *upside down* (ao contrário/de cabeça para baixo).

Os sentidos de *up* e *down*, assim como seus respectivos esquemas imágicos, propostos por Rudzka-Ostyn (2003), são de grande valia para esta pesquisa, uma vez que servirão como fundamentação para identificar os sentidos pelos quais os PVs analisados se relacionam. Por este motivo, torna-se importante retomá-los, sistematizando-os no Quadro 4. Nota-se que cada partícula contempla seis sentidos, os quais são numerados para facilitar a identificação dos mesmos quando estes são mencionados mais adiante, ao longo da discussão dos dados. É importante salientar que o sentido 1, tanto de *up* quanto de *down*, corresponde ao significado mais prototípico. Segue Quadro 4:

Quadro 4: Os sentidos de up e down: uma contribuição de Rudzka-Ostyn (2003)

UP	DOWN
(1) Posição superior ou mover em direção a um lugar mais alto	(1) Movimento de um lugar mais alto para um mais baixo
(2) Visar ou atingir um objetivo, um fim, um limite	(2) tempo e movimento orientados geograficamente
(3) Norte	(3) redução de intensidade, qualidade, quantidade, tamanho, grau, valor, atividade, status, força, etc.
(4) Mover para um nível, valor ou medida superior	(4) atingir um objetivo, realização, limite em uma escala para baixo
(5) O que está acima é mais visível, acessível e conhecido	(5) sul
(6) Cobrir uma área completamente/atingir um limite máximo	(6) movimento de comer e escrever

Fonte: Rudzka-Ostyn (2003)

¹³⁶ Tradução: Ele estava tão faminto que devorou um frango inteiro.

¹³⁷ Tradução: Ela anotou (ou criticou) todas as palavras proferidas pelo professor.

A análise de Rudzka-Ostyn é complementada pelo trabalho de Lindner (1981), que examina o fenômeno dos PVs sob a perspectiva da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1980). No que diz respeito à partícula *up*, além da noção de verticalidade ascendente, a autora apresenta o esquema de aproximação/objetivo orientado, que será detalhado a seguir.

2.3.2 Lindner: *UP* e a noção de aproximação

Embora não se trate de um olhar voltado à Teoria da Metáfora Conceptual, o trabalho de Lindner complementa a análise de Rudzka-Ostyn, no sentido de conduzir a uma melhor compreensão de como ocorre a conceptualização dos sentidos das partículas como elementos constituintes dos PVs. De acordo com a autora (1981), o maior desafio de sua pesquisa foi mostrar o quanto as partículas são significativas para as “construções V-P” e o quanto contribuem, quase que invariavelmente, ao significado de um PV. Esse desafio se deu porque, na época, alguns estudiosos, como Fraser (1976), afirmavam que as partículas não eram significativas e que a maioria das construções (V-P) deveria ser listada no léxico como expressão idiomática arbitrária e não analisável. Dessa forma, para que Lindner pudesse fundamentar sua abordagem de estudo, ela selecionou um *corpus* com 600 PVs com *out* e 1200 com *up*. A estudiosa sugere analisar as estruturas complexas pela “saliência”¹³⁸ de seus componentes na estrutura composicional.

Conforme Lindner (1981, p. xii), as partículas *up* e *out* são caracterizadas por uma hierarquia esquemática – “uma rede de significados específicos em conjunto com generalizações (esquemas), extraídos pelos falantes em vários níveis de especificidade”¹³⁹. No que diz respeito à partícula *up*, a autora apresenta dois esquemas principais – “verticalidade ascendente” e “aproximação” – que, por sua vez, se conectam por uma série de semelhanças de família¹⁴⁰. Nas palavras de Lindner (1981, p. 147): “(...) verticalidade não é uma noção

¹³⁸ De acordo com Lindner (1981, p. 49), a saliência é intuitivamente entendida como ‘proeminência cognitiva’, que para ela é uma questão de grau, ou seja, os componentes podem ser salientes em vários graus, pois, em estruturas complexas, os componentes não contam com igual saliência.

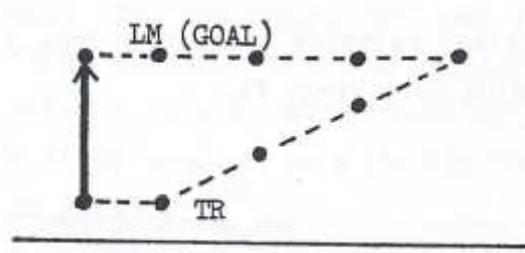
¹³⁹ No original: “a network of specific meanings together with the generalizations (schemas) speakers extract from them at various levels of specificity”.

¹⁴⁰ O termo original, “*family resemblances*”, relaciona-se com os atributos mais salientes e melhores “exemplos” das categorias. De acordo com o manual ‘*The Handbook of Cognitive Linguistics*’ (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 146), as categorias são definidas de modo menos rígido que o modelo clássico (critérios necessários e suficientes): “if no definition in terms of necessary and sufficient attributes is available for a category, then that category is defined less rigidly than the classical model of definitions predicts”. Essas noções foram formuladas, primeiramente, dentro da filosofia de Wittgenstein (1953) e Quine (1953, 1960) e, em seguida, na psicologia por Rosch (1973). Wittgenstein mostrou que um conceito, como ‘jogo’, não poderia ser adequadamente definido de acordo com o modelo clássico. Em vez disso, os membros dessa categoria compartilham algumas características que estão relacionadas com o que ele chamou de semelhança de família.

central para a maioria das versões de UP, no entanto, aproximação é¹⁴¹, o que não nega “verticalidade” como sendo o sentido ainda mais prototípico. Em seu estudo, a autora (p. xii e 229) também procura relacionar as partículas *out* e *up* com *in* e *down*, respectiva ou aleatoriamente, afirmando que, em alguns domínios, o inverso de *up* não é *down*, mas sim *out*. Por exemplo, *roll up* (enrolar algo) e *roll out* (estender algo).

No que se refere à noção de aproximação/objetivo orientado, para Lindner, o sentido “aproximação” da partícula *up*, menos prototípico que seu sentido vertical, caracteriza uma trajetória em direção a um objetivo – semelhante à partícula *to*, que também caracteriza a aproximação como objetivo. De acordo com a autora (1981, p. 179), “no espaço, o caminho é um conjunto de pontos contínuos e ordenados que aproximam um dado LM [*marco*] até que o objetivo seja alcançado”¹⁴². A trajetória do objetivo-orientado é definida em um espaço físico não orientado – a sentença *He walked/rushed/came up and said hello*¹⁴³ ilustra o sentido de aproximação e a Figura 12, o uso.

Figura 12: Domínio: espaço físico não orientado



Fonte: Lindner (1981, p. 24).

Conforme Lakoff e Johnson (1980 apud LINDNER, 1981, p. 181), o sentido de aproximação de *up* no espaço pode ter uma base experiencial em termos de verticalidade, em que as coisas que se aproximam de nós parecem ficar maiores ou, ao menos, assim parece no nosso campo de visão. Quanto ao objetivo, *up* “pode ser derivado do fato de que valores são concebidos como organizados ao longo de um eixo vertical” (evocam alta qualidade, elevada opinião etc.).

¹⁴¹ No original: “[...] verticality is not a central notion for the majority of versions of UP, but rather, something like ‘approach’ is”.

¹⁴² No original: In space, the path is an ordered, continuous set of points which more and more closely approximate a goal LM until the goal is reached.

¹⁴³ Tradução: Ele veio e disse olá.

Lindner estabelece que “verticalidade” e “aproximação” são dois polos ao longo de um *continuum* das versões de *up*. Essa segunda versão de *up* também está relacionada a sentidos estendidos, conforme apresentado na sequência.

UP: tempo organizado espacialmente

Quando um tempo é organizado espacialmente, vários objetivos podem estar envolvidos. Esses objetivos dizem respeito ao LM. Este sentido pode ser ilustrado na seguinte sentença: *Move the deadline up by an hour*¹⁴⁴.

UP: interação afetiva e social

Este sentido refere-se a uma trajetória, estendida em termos de um eixo vertical, organizando relações dominantes e subordinadas. A sentença *He always tries to kiss/cozy/play/make/suck up to his teachers*¹⁴⁵ explana esse sentido.

UP: eventos

Eventos ou declarações culminam com uma conclusão, que, por sua vez, serve de LM para a partícula *up*. Este caso pode ser observado na sentença *What is this paper leading up to?*¹⁴⁶.

UP: níveis

Este sentido é válido para as duas versões de *up* apontadas por Lindner. No espaço, os sentidos de *up* são organizados em torno de um eixo vertical e representam posições que, de alguma maneira, definem esse eixo. Na mesma direção, as noções abstratas também são conceptualizadas em termos de níveis, organizando, por exemplo, quantidades (*My investments evened up in no time*¹⁴⁷), competência ou conhecimento (*I can bone up; I can study up*)¹⁴⁸ ou ainda padrões de conduta (*He doesn't measure up*¹⁴⁹).

¹⁴⁴ Tradução: Adiante o prazo por uma hora.

¹⁴⁵ Tradução: Ele sempre puxa o sado dos seus professores.

¹⁴⁶ Tradução: O que esse jornal está dizendo? / A que se refere este artigo?

¹⁴⁷ No original: Meus investimentos não se ajustaram em momento algum.

¹⁴⁸ Eu consigo melhorar/aprender mais.

UP: combinação, conexão e associação

Por este sentido, a partícula *up* dispõe de uma trajetória de “longe” para “perto”, o que pode ser notado nas sentenças *He connected up the phone*¹⁵⁰ e *Hook up the appliances*¹⁵¹.

Além dos cinco sentidos de aproximação apresentados anteriormente, outros atributos também estão relacionados à partícula. Segundo Lindner (1981), a noção de aproximação/objetivo-orientado também diz respeito ao *up* reflexivo, em que, resumidamente falando, as subpartes envolvidas servem tanto de TR como de LM para outras subpartes, equivalendo a mudanças na forma do objeto. Além disso, constituem uma trajetória externa.

Por fim, de acordo com Lindner, há ainda o *up* completivo, ou perfectivo, que envolve a ideia de conclusão, relacionada à noção de atingir um objetivo, podendo ocorrer de duas formas: (i) agindo sobre toda a substância de seu objeto ou (ii) efetuando uma mudança de estado suficientemente saliente em seu objeto.

É importante observar que Lindner relaciona ambos os sentidos prototípicos de *up* – chamados por ele de UP-1 (verticalidade ascendente) e UP-2 (aproximação/objetivo orientado) – com a abordagem de Lakoff e Johnson, visto que ambas teriam como base o eixo vertical pautado na experiência corpórea:

Há várias conexões diretas entre UP-1 e UP-2. Lakoff e Johnson (1980) e outros sugerem que a abordagem de UP no espaço possa ter um base experiencial na verticalidade em que as coisas se aproximam de nós e parecem ficar maiores; a parte superior dessas coisas sobe e torna-se visível em nosso campo de visão. UP como objetivo pode também derivar do fato de os valores serem concebidos como organizados ao longo de um eixo vertical. As coisas boas são geralmente resultantes de nossos esforços, daí o nosso objetivo. Nesse sentido, a abordagem de UP pode ser inseparável da verticalidade na medida em que é estendida para organizar valores e objetivos que são valorizados. (LINDNER, 1981, p. 181)¹⁵².

De acordo com o trecho anterior, fica claro que, conforme Lindner, os dois principais sentidos de *up* mantêm forte relação.

¹⁴⁹ Ele não está à altura.

¹⁵⁰ Ele ligou o telefone.

¹⁵¹ Ligue os aparelhos.

¹⁵² No original: “There are several, more direct connections between UP-1 and UP-2. Lakoff and Johnson (1980) and others have suggested that the approach UP in space may have an experiential basis in verticality in that things which approach us seem to get larger, their tops moving up in our field of vision. UP as goal may also derive from the fact that values are conceived of as organized along a vertical axis. Good things are generally want we strive for, hence our goal. In this sense, the approach UP may be inseparable from verticality insofar as verticality is extended to organize value and insofar as goals are valued.

atribuir grande importância às metáforas conceituais na formação dos verbos de duas ou mais palavras [...] a autora não as explora, pelo menos não de forma explícita [...]

O capítulo seguinte tratará dos procedimentos metodológicos que norteiam este trabalho, detalhando-se o ferramental do *corpus* e as etapas de análise dos PVs.

3 METODOLOGIA

Como já apresentado no capítulo 2, esta pesquisa propõe-se a (i) identificar quais são as metáforas conceptuais que motivam os sentidos das partículas *up* e *down*, e (ii) verificar como os sentidos das partículas *up* e *down* expressam os esquemas imagéticos propostos por Rudzka-Ostyn e (iii) averiguar como ocorre o mapeamento metafórico nos PVs constituídos pelas partículas *up* e *down* nos dados extraídos do *corpus*. Para isso, adota-se a Linguística de Corpus como recurso metodológico, a fim de coletar os dados necessários metodologia empírica, a qual possibilita a exploração de dados linguísticos a por meio de diferentes e variadas ferramentas.

Acredita-se que somente por meio da utilização de uma metodologia empírica é que se pode realizar este trabalho de forma rigorosa, tornando os dados, bem como a investigação como um todo, consistentes e, conseqüentemente, confiáveis. De acordo com Grondelaers, Geeraerts e Speelman (2007, p. 149), a utilização de *corpora* estendeu-se à comunidade mais ampla da LC a partir de Kemmer e Barlow (2000); porém, os *corpora* já faziam parte de estudos europeus, como os de Rudzka-Ostyn (1988), Goossens (1990), Dirven e Taylor (1988), Schulze (1988), Geeraerts, Grondelaers e Bakema (1994).

Atualmente, a variedade de *corpora* é ampla e conta, em especial, com recursos tecnológicos, cabendo ao pesquisador identificar os melhores *corpora* para sua investigação. Conforme Berber Sardinha (2004), os *corpora* dizem respeito a coletâneas de textos, escritos ou de transcrições de fala, mantidas em arquivo de computador, os quais são acessados através do ferramental da Linguística de Corpus. É importante que um dado *corpus* seja representativo e que possua ferramentas adequadas ao processo de coleta de dados.

No que diz respeito à representatividade, Halliday (1991, 1992 apud SARDINHA, 2004, p. 23) afirma que a linguagem é um sistema probabilístico, em que certos traços são mais recorrentes que outros e que, assim, a probabilidade linguística está fortemente ligada à representatividade de um *corpus*. De acordo com Tagnin (2011, p. 360), ainda não há um consenso para a definição de “representatividade”, mas a autora garante que um *corpus* é representativo daquilo que se deseja estudar e que “cabe ao criador do *corpus* estabelecer os critérios que garantam essa representatividade”. Em suma, diz-se que, quanto maior um *corpus*, mais representativo ele é, mas deve-se sempre ter em mente a pergunta: “representativo do quê e para quem?” (SARDINHA, 2004, p. 23). Portanto, pode-se dizer que vários aspectos são considerados ao se apontar um *corpus* como representativo ou não representativo.

Um dos aspectos que está no pilar da formação de um *corpus* diz respeito à sua autenticidade, que, por consequência, acaba refletindo sobre questões que definem sua representatividade. De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 19), a “autenticidade dos textos subentende textos escritos por falantes nativos” e produzidos naturalmente, ou seja, “os textos não podem ser produzidos com o propósito de serem alvo de pesquisa linguística, e não podem ter sido criados em linguagem artificial [...]”.

O *corpus* de estudo escolhido para a presente pesquisa, *The Corpus of Contemporary American English* (COCA), é considerado suficientemente acessível e representativo no que se refere aos propósitos deste estudo; trata-se de um *corpus* online, o qual não exige instalação de qualquer programa eletrônico e conta com ferramentas úteis para a extração de dados.

Neste capítulo, propõe-se explicitar a metodologia utilizada para realizar o estudo empírico. Três subcapítulos o compõem: (3.1) o *corpus* de estudo COCA e o ferramental de análise, (3.2) coleta de dados e (3.3) etapas de análise. Neste sentido, primeiramente, faz-se uma apresentação, de cunho teórico, da Linguística de Corpus, em que aspectos relevantes para a pesquisa devem ser considerados, além de se abordar o *corpus* eletrônico COCA, de onde os dados são coletados. A partir disso, aborda-se a parte da coleta de dados, em que se descrevem os processos de tomada de decisão que conduzem a metodologia. Nesse processo, além de se definir quais são as construções V-P que serão analisadas, fazem-se a verificação e a extração de concordâncias relacionadas a essas construções, as quais também serão observadas no momento tão esperado do estudo – a análise e a discussão dos dados. O critério que se utiliza para estabelecer quais e quantas concordâncias devem ser extraídas para caracterizar a metafóricidade das partículas (*up* e *down*) foi a frequência de ocorrência.

Para se chegar aos resultados, é importante que se tenha conhecimento da função e dos aspectos que envolvem a Linguística de Corpus, além de um conhecimento aprofundado do *corpus* investigado – como utilizar seu ferramental a favor da pesquisa, por exemplo. Contudo, é por meio da perspectiva da semântica cognitiva, aliada a procedimentos metodológicos, que é possível compreender melhor a metafóricidade das combinações V-P, comprovando que os PVs, na sua maioria, possuem base metafórica no que tange ao seu significado. Nesse sentido, salientam-se dois aspectos relevantes que explicam o porquê de se utilizar Linguística de Corpus para estudar metáforas: (i) em princípio, a compreensão de qualquer fenômeno linguístico pode ser beneficiada com uma análise sistemática de uma ampla quantidade de dados; e (ii) a partir das afirmações que se tem, confirmando que as metáforas são frequentes na linguagem, o fenômeno, por si só, merece estudo.

Este capítulo envolve três momentos importantes para a presente pesquisa, que abrangem a análise da estrutura do *corpus* – promovendo o domínio dos recursos que o COCA oferece e a otimização de sua utilização no processo de coleta de dados –, a extração dos dados em si e, por último, as etapas de análise.

3.1 O *CORPUS* DE ESTUDO “COCA” E O FERRAMENTAL DE ANÁLISE

Conforme já dito, há vários aspectos que devem ser considerados para tornar um *corpus* como sendo representativo e adequado. Neste sentido, escolheu-se o COCA como *corpus* de pesquisa devido (i) ao seu livre acesso, (ii) à forma ampla e balanceada, (iii) à sua atualização constante, (iv) à possibilidade em comparar frequências entre períodos distintos¹⁵³ (de 1990 até 2012, ano da última atualização), e (v) à facilidade de busca por palavras, frases e categorias gramaticais que sua arquitetura permite. Contudo, anteriormente aos motivos citados acima, o destaque dado ao *corpus* em algumas obras lidas – Tagnin (2013), Tagnin e Viana (2011), O’Keeffe e McCarthy (2010) e Berber Sardinha (2004) – influenciaram sua escolha.

O COCA foi criado por Mark Davies, da Brigham Young University (Utah – EUA), em 1990, e contém mais de 450 milhões de palavras. De acordo com Davies (2009, p. 161), ele foi formulado para ser comparado ao BNC, em termos de tipos de textos. No *corpus*, os textos, que contêm etiquetas morfossintáticas, estão distribuídos entre cinco variedades de gêneros¹⁵⁴ – oral (20%), ficção (20%), revistas populares (20%), jornais (20%) e trabalhos acadêmicos (20%) –, o que o torna um *corpus* balanceado¹⁵⁵. Conforme Davies (2009, p. 162), anualmente¹⁵⁶, os textos contidos em cada gênero são balanceados entre suas publicações. Algumas das publicações presentes na categoria “revistas populares”, por

¹⁵³ Apesar de essa ferramenta não ser utilizada na presente pesquisa, em termos de estudos futuros, a possibilidade de comparar frequências entre períodos distintos é considerada relevante, já que os PVs podem ser analisados a partir de várias focagens.

¹⁵⁴ Bakhtin (1992, p. 127) define os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana. Entretanto, a Linguística de *Corpus* refere-se a gêneros como uma perspectiva que foca em características linguísticas que são usadas para estruturar textos. Essas características linguísticas ocorrem, geralmente, apenas uma vez no texto. Basicamente, os gêneros dizem respeito às variedades de textos (BIBER, 2010, p. 241).

¹⁵⁵ Berber Sardinha (2004, p. 20) define ‘equilibrado/balanceado’ pelos seus componentes (gêneros, textos, etc.) que são distribuídos em quantidades semelhantes, ou seja, o número de gêneros e textos se assemelham. Tagnin (2011, p. 357) aponta o balanceamento do *corpus* como “um processo pelo qual se garante que dois *corpora* sejam construídos de maneira similar quanto a origem, gênero, extensão, período de produção dos textos, ou quaisquer outros critérios que sejam relevantes para a pesquisa a que se destinam”.

¹⁵⁶ Contudo, a última atualização verificada ocorreu no ano de 2012.

exemplo, são: *Time*, *Men's Health*, *Good Housekeeping*, *Cosmopolitan*, *Fortune*, *Christian Century*, *Sports Illustrated*.

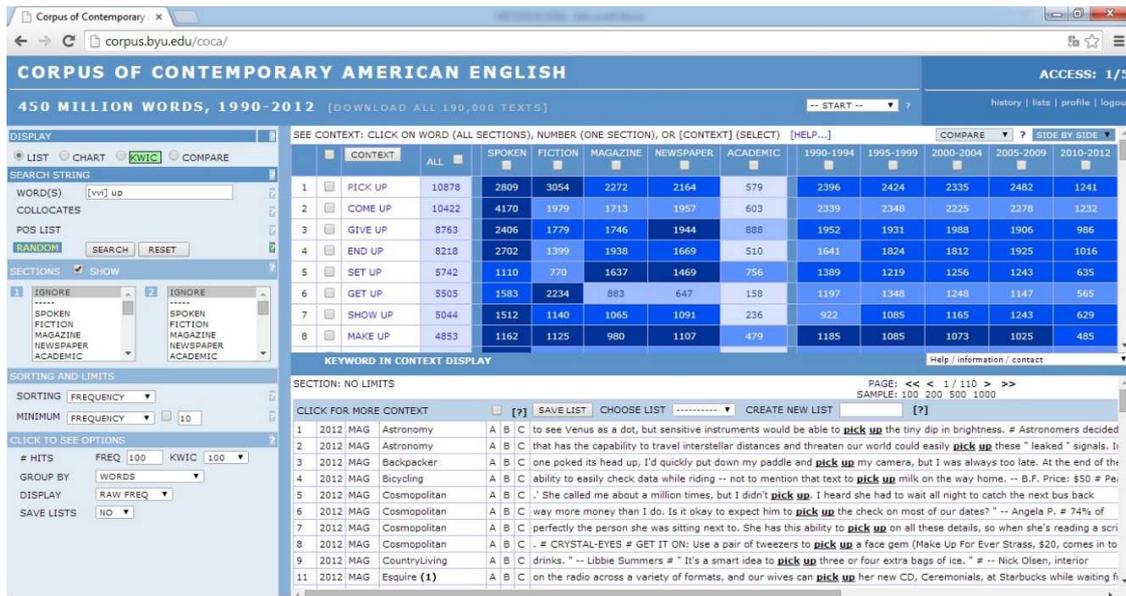
Conforme verificado no COCA, o *corpus* apresenta uma interface com outros *corpora*, inclusive o *British National Corpus* (BNC), e permite a busca por frases ou palavras exatas, curingas (*wildcards*), lemas, classes gramaticais e combinações. O *corpus* também dispõe de buscas com base semântica, possibilitando identificar frequências e distribuição de sinônimos, além de permitir que essas frequências sejam contrastadas em diferentes gêneros linguísticos.

Trata-se de um *corpus* que possibilita verificar a linguagem que está em uso pelos falantes nativos, bem como mudanças linguísticas ocorridas ao longo do tempo. Portanto, considerando suas características, o COCA apresenta autenticidade, representatividade e adequação a esta pesquisa. De modo a comprovar o caráter desse *corpus*, apresenta-se a sua interface ferramental, mais especificamente os recursos que devem ser conhecidos para que seja feita a extração de PVs constituídos pelas partículas *up* e *down*, já que o *corpus* em si é bem completo e amplo, abrangendo diversos recursos que permitem explorar vários aspectos da linguagem. Sendo assim, após apresentar a disposição panorâmica dos recursos do *corpus*, exploram-se os ferramentais utilizados nesta pesquisa. Neste trabalho, os seguintes recursos do COCA serão utilizados:

- a) KWIC: mostra o termo de busca em contexto;
- b) etiquetagem morfossintática: identifica as classes gramaticais das palavras; por estar integrado à ferramenta KWIC, as marcações morfossintáticas aparecem em contexto;
- c) *words*: busca por palavras ou frases;
- d) *collocates*: busca por colocações;
- e) *pos list*: lista de comandos relativa às classes gramaticais.

A interface do COCA é detalhada a seguir.

Em termos de disposição panorâmica do COCA, pode-se dizer que o *corpus* possui uma interface *web* para consulta semelhante à maioria dos programas concordanceadores *on-line*. Como demonstração, a Figura 13 se refere à busca por PVs constituídos pela partícula *up* [verbo (forma infinitiva) + *up*]. Na parte superior e direita da tela, é possível visualizar uma lista de ocorrências/entradas colocadas por ordem de frequência, que também permite verificar as frequências relacionadas aos diferentes gêneros e períodos dispostos no *corpus*. Para analisar as concordâncias de uma determinada entrada da lista, *e.g. pick up*, basta clicar sobre a ocorrência desejada; dessa forma, as concordâncias serão apresentadas em KWIC (*Keyword in Context*), conforme parte inferior e direita da tela.

Figura 13: Interface ferramental do *corpus*

Fonte: COCA.

A parte esquerda da tela, ampliada na Figura 14 para melhor visualização, é o menu que permite realizar a pesquisa. A seção *Display* diz respeito à **forma de pesquisa**; aqui o usuário especifica os dados de busca, escolhendo o tipo de lista de frequência que deseja: (i) *list* (refere-se a uma lista de palavras ou colocações/combinções de palavras); (ii) *chart* (“diagrama” – mostra, em forma de diagrama/gráfico, a comparação de frequências de uma palavra em diferentes gêneros ou período); (iii) *KWIC* (“palavra em contexto” – lista a palavra-chave em contextos com sua respectiva etiquetagem morfosintática, ideal para examinar classes gramaticais que seguem determinada palavra ou frase); e (iv) *compare* (utilizado para comparar diferenças de uso, permitindo identificar sinônimos ou mesmo diferenças definidas culturalmente entre duas palavras ou colocações).

Figura 14: Forma de pesquisa

The screenshot displays the COCA search interface. At the top, under the 'DISPLAY' section, the 'KWIC' radio button is selected. Below this, the 'SEARCH STRING' section contains a text input field for 'WORD(S)', a 'COLLOCATES' section, and a 'POS LIST' section. A 'RANDOM' button is highlighted in green, along with 'SEARCH' and 'RESET' buttons. The 'SECTIONS' section is currently set to 'SHOW' (unchecked) and contains two identical lists of sections: '1 IGNORE', 'SPOKEN', 'FICTION', 'MAGAZINE', 'NEWSPAPER', and 'ACADEMIC'. The 'SORTING AND LIMITS' section shows 'SORTING' set to 'FREQUENCY' and 'MINIMUM' set to 'FREQUENCY' with a value of '10'. A 'CLICK TO SEE OPTIONS' link is at the bottom.

Fonte: COCA.

Considerando que os PVs se confundem com verbos preposicionados, a ferramenta KWIC, que se refere à disposição de um dado termo de busca, ou nóculo, em relação ao texto que está inserido, é importante para este estudo, pois, neste *corpus*, além de se mostrar a(s) palavra(s) em contexto, conta-se com o recurso de etiquetagem morfosintática (*i.e.* o recurso KWIC e recurso de etiquetagem morfosintática apresentam-se, no COCA, de modo integrado) – o que permite distinguir PVs de “verbos preposicionados” mais facilmente. Cada cor representa uma classe gramatical, conforme a Figura 15.

Figura 15: *Keyword in Context* (KWIC) e etiquetagem morfossintática

Fonte: COCA.

Figura 16: Identificação das classes gramaticais em contexto

noun pronoun proper noun adjective verb adverb preposition

Fonte: COCA.

Supondo um particular interesse pelo PV *run up* (ver Figura 17), como se pode diferenciar um PV de um verbo preposicionado? Levando em conta que as partículas dos PVs exercem função adverbial, mesmo quando se trata de preposições, percebe-se, por exemplo, a diferença entre ambos nas linhas 49 e 53: a concordância na linha 49 refere-se a um PV e, na linha 53, a um verbo preposicionado, conforme aponta a etiqueta morfossintática.

Figura 17: *Run up*: concordâncias com etiquetagem morfosintática

ID	Year	Genre	Title	Context	Keyword in Context
42	2003	MAG	FieldStream	A B C	to setting a pace, you ca n't be expected to run up mountains but you are going to have to climb those
43	2005	FIC	Callaloo	A B C	the side of his mouth to Rabbit : Fox tried to run up on me once but he ai n't my type . He
44	2012	FIC	Bk:JaneAustenMarriage	A B C	'd loaned him , not to mention the debt he 'd run up on my credit cards when his own were maxed out and
45	1995	FIC	VirginiaQRev	A B C	, looking at her dress again . " Some things you run up on your sewing machine belong in the Stone Age . Why
46	1995	ACAD	BioCyle	A B C	sections , each sloping in opposite directions so that windrows run up one side to crest and down the other side . Usable
47	1992	MAG	Conservation	A B C	a good number of lake trout in the river ; Lakers run up rivers at the fall and tend to concentrate in large pools
48	2010	NEWS	Chicago	A B C	up a ladder , pull hundreds of pounds of hose or run up steps without getting winded . # For two months Tirado , Brown
49	2010	SPOK	CNN_Brown	A B C	has become an absolute cash cow for doctors . They have run up the biggest bill in the country using your tax dollars .
50	2009	SPOK	NPR_NewsNotes	A B C	built-in deficit we 've ever had . The current year will run up the biggest deficit we 've ever had . It will be
51	1990	FIC	Mov:TotalRecall	A B C	Richter and Helm , now behind him , shoot as they run up the escalator Quid hurls the remains of the corpse at
52	1999	FIC	FantasySciFi	A B C	gate , " Clare ordered , out of breath from her run up the hill Men obeyed . She turned to her mounted
53	2007	SPOK	Fox_Journal	A B C	he may survive Iowa . GIGOT : So he has to run up the middle basically in the other two decide to ...
54	2008	NEWS	Chicago	A B C	pass , the Bears call time out to set up a run up the middle where McKie is stuffed for no gain .
55	2001	SPOK	ABC_GMA	A B C	hand-done , from France . GIBSON : That 's going to run up the price Ms-WALN : And this also has a detachable
56	1999	FIC	FantasySciFi	A B C	into the old crevasse . Carl stumbled and slipped trying to run up the ravine straddling the widening crack . From behind he
57	1999	NEWS	Houston	A B C	quarter with a 44-21 lead because he did n't want to run up the score # Jeers - To Saints coach Mike Ditka
58	1990	FIC	Mov:FlightDragon	A B C	of reporters , television people , photographers , etc . They run up the steps fast Peter as they head toward the entrance to
59	1992	FIC	Mov:1492: Conquest of Parad...	A B C	a large group of YOUNG MEN , shouting with excitement , run up the street and brush past them . Then more people .
60	2000	FIC	Storyworks	A B C	sharing Let 's go . Storyteller 2 : The cats run up the tree after them . Storyteller 1 : Snowbell finds a
61	2006	FIC	LiteraryRev	A B C	passing cars on old Route 22 caused strips of light to run up the walls to the rafters and disappear . Odd ideas flopped
62	2004	NEWS	USAToday	A B C	, " Dean said . Dean was " too quick to run up the white flag , " Wright says in his book ,
63	2005	FIC	BkJuv:Emperor	A B C	of the long ladders to each unit . The soldiers could run up the wide rungs at almost full speed , and it would
64	2010	SPOK	PBS_NewsHour	A B C	those families who have created businesses out of the garage , run up their credit cards ; working evenings , years and years ,
65	2008	NEWS	CSMonitor	A B C	borrowers are likewise finding it hard to borrow and run up their debt We have not seen a real downturn

Fonte: COCA.

A seção *Search Strings*, ou tipos de consulta, possibilita realizar a pesquisa por (i) *word(s)*, (ii) *collocates* ou (iii) *pos list*.

O primeiro tipo, *word(s)*, permite que a busca seja feita por palavras ou frases e que esses termos sejam visualizados em formatos distintos. Para se obter todas as formas sintáticas de uma palavra, a pesquisa pode ser por lema, bastando colocar a palavra entre colchetes; por exemplo: os resultados da busca [give] são *give* (167155), *given* (94310), *gave* (88879), *giving* (48149), *gives* (39480), *giveth* (65) e *gived* (5) – os números entre parênteses correspondem à frequência. Para buscar sinônimos de uma determinada palavra, é necessário digitar “[=palavra]”; esse meio de consulta não permite a busca de sinônimos por colocações. Não sabendo exatamente a palavra ou colocação de busca, a pesquisa também pode ser realizada por classes gramaticais, que o sistema reconhece por curingas representacionais, como substantivos [n*], verbos [v*], adjetivos [j*] etc. Não é necessário memorizar esses símbolos: basta clicar no menu *pos list*¹⁵⁷ e selecionar a categoria gramatical que se deseja.

O segundo tipo, *collocates*, se refere aos colocados, que, nesta ferramenta, diz respeito a uma determinada palavra (escolhida pelo usuário) que ocorre na extensão da concordância entre até dez palavras antes ou depois da palavra ou frase pesquisada. Os “colocados”, ou “colocações”, também conhecidos por *chunks*, são chamados por Tagnin (2013) de

¹⁵⁷ O termo ‘*pos list*’ equivale a ‘*parts of speech*’, conhecido na língua portuguesa como ‘classes/categorias gramaticais’.

“coligações”¹⁵⁸; contudo, no presente estudo, não se faz distinção entre os termos, sendo ambos tratados como sinônimos. Além disso, a ferramenta “colocados” permite que a pesquisa seja feita por PVs separáveis ou não separáveis.

Dessa forma, ao considerar *get up* como exemplo ilustrativo, para verificar suas devidas concordâncias, é necessário digitar *get* no campo *word(s)* e *up* em *collocates* (ou vice-versa, pois a ordem não importa). Próximo ao menu *collocates*, há dois campos que permitem selecionar, em cada, um número – trata-se do alcance/extensão do colocado a ser pesquisado: o número no primeiro campo permite selecionar em até qual posição se deseja que o colocado apareça antes da palavra ou frase pesquisada; e o número no segundo campo indica em até qual posição se deseja que o colocado ocorra depois da palavra ou frase pesquisada. Assim, para a busca “*word(s): [get] / collocates: up*”, sugere-se usar o número “zero” no primeiro campo (porque não se deseja que *up* apareça antes de *get*) e “três” no segundo. Esse tipo de busca permite a verificação de ocorrências constituídas por PVs separáveis e não separáveis; entretanto, não dispõe das etiquetas morfossintáticas das concordâncias em contexto. A Figura 18 ilustra esse exemplo.

Figura 18: Colocações: busca e resultado

The screenshot shows the COCA search results for the query "get" with collocates "up". The interface includes a search bar with "get" in the "WORD(S)" field and "up" in the "COLLOCATES" field. The results are displayed in a table with columns for rank, year, genre, and context. The first few results are:

Rank	Year	Genre	Context
1	2012	MAG	Astronomy A B C still be solid, but the ice would have melted to liquid and could be getting dredged up into the atmosphere slowly over time.
2	2012	MAG	Backpacker A B C the water you'll need, and gather your ingredients close at hand. Avoid getting up and down repeatedly, risking a spill. # "
3	2012	MAG	Backpacker A B C it's the perfect multitasking solution. " Downside? You'll get asked to get up and make coffee for everyone. \$450; 2 lbs. 7 oz
4	2012	MAG	ChristCentury A B C opening prayer. Kendra leads our singing, and Ryan preaches. Laura and Matt get up from their pews and walk to the table.
5	2012	MAG	ChristCentury A B C professor Diogenes Allen lecture on the sacred and secular for an hour. Afterward I got up and said to him, " Where I come
6	2012	MAG	ChristCentury A B C in the incarnation and our wholesale bemoaning of the way that the " secular " gets mixed up with the Christmas celebration
7	2012	MAG	Cosmopolitan A B C design consultancy called Red Antler, takes a different tack. " Sometimes, I get so hung up on trying to find a solution for or
8	2012	MAG	Cosmopolitan A B C brains respond to that type of structure. # Agree to a random date. Get set up with your neighbor's grandson or go with you
9	2012	MAG	Cosmopolitan A B C damage. # FACT # Sag happens naturally, thanks to gravity, and it gets ramped up after you've had a baby and begin brea
10	2012	MAG	Cosmopolitan A B C you owned the floor when it came to showing off. Fast-forward two decades, get yourself up in front of your friends, and gra

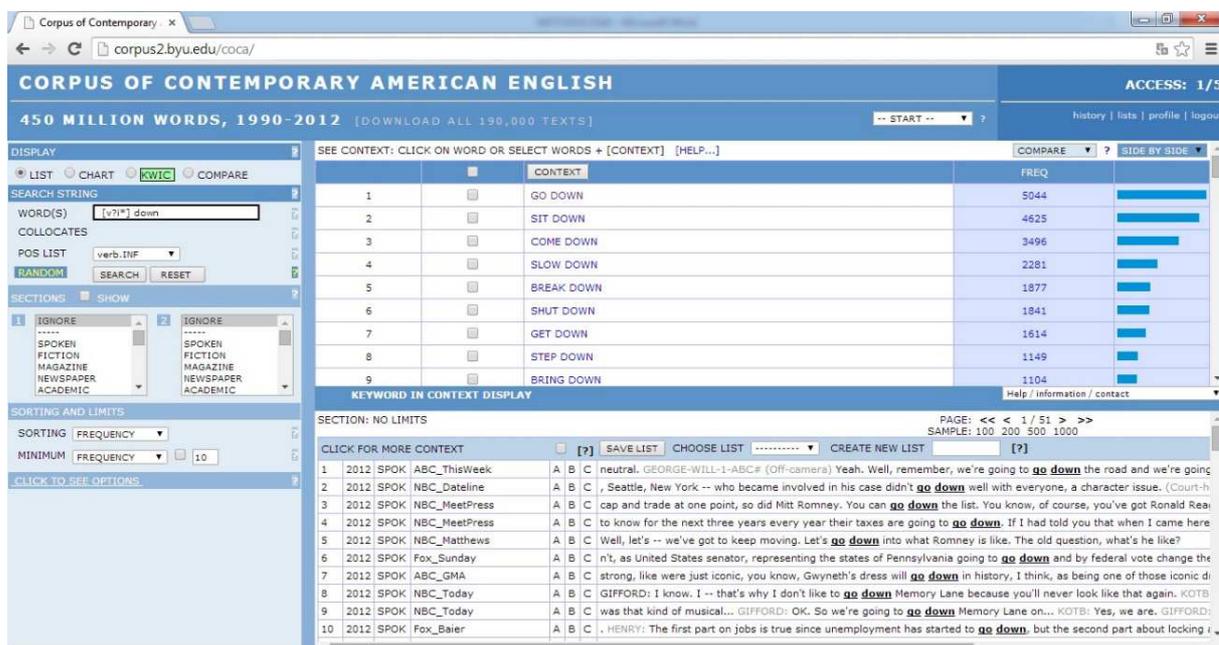
Fonte: COCA.

¹⁵⁸ De acordo com Tagnin (2013, p. 53-54, 151), ‘colocações’ referem-se a combinações lexicais consagradas de duas ou mais palavras de conteúdo (e.g. repolho roxo, mundos e fundos), enquanto que as ‘coligações’ são combinações consagradas de elementos linguísticos em que o colocado é uma categoria ou estrutura gramatical (e.g. look at, mad about).

Querendo verificar as linhas de concordâncias em contexto com suas devidas etiquetas morfossintáticas, basta digitar *get up* no campo *word(s)* para resultar em ocorrências constituídas por PVs não separáveis e na forma apresentada do verbo, neste caso, infinitiva. Para averiguar as diferentes lematizações do verbo, é necessário colocá-lo entre colchetes.

Finalmente, o terceiro tipo, **pos list**¹⁵⁹, refere-se a uma lista de comandos relativa às classes gramaticais, que são representadas por curingas. Para ativá-lo, é necessário posicionar o cursor no campo *word(s)* ou no campo *collocate*, clicar em *pos list* e então escolher a categoria gramatical que corresponde ao curinga (em inglês, *wildcard*). Por exemplo, para buscar os verbos (forma infinitiva) mais frequentes com a partícula *down*, seguem-se os seguintes passos: posicionar o cursor no campo *word(s)*; localizar e selecionar a parte do discurso que corresponde aos verbos na forma infinitiva (“verb.INF” ou “verb.INF/LEX”), na lateral do campo *pos list*; aparecerá, respectivamente “[v?i*]” ou “[vvi*]” no campo de busca por palavra; logo, basta digitar *down*. O resultado é demonstrado na Figura 19.

Figura 19: *Pos list*: busca por construções verbo-partícula



Fonte: COCA.

A busca ilustrada na Figura 19 relaciona PVs não separáveis. Para efetuar a busca por construções em que o verbo e a partícula são separáveis, tem-se, como uma das opções,

¹⁵⁹ Cabe apontar que “Pos” é uma abreviação de *part of speech*.

adicionar dois asteriscos entre o curinga e a partícula – os asteriscos devem estar entre espaços simples, isto é, “[vvi*] ** *down*”.

Neste subcapítulo, procurou-se descrever os caminhos que tornam possível a extração de dados autênticos e que venham ao encontro dos objetivos da presente pesquisa. Esses caminhos apresentam informações relevantes quanto ao *corpus* investigado e o seu ferramental de análise. A partir desse momento, parte-se para a coleta de dados, de modo que se possa detalhar os passos tomados para a extração dos dados, bem como os resultados desse procedimento.

3.2 COLETA DE DADOS

Sustentando-se no referencial teórico apresentado anteriormente, verifica-se que as construções V-P, de modo geral, são altamente polissêmicas, ou seja, um mesmo PV apresenta diferentes acepções. Desse modo, acredita-se que um determinado PV pode evidenciar mais de um dos sentidos propostos por Rudzka-Ostyn (2003), que, conseqüentemente, podem ser motivados por metáforas conceituais distintas. Conforme já abordado nos pressupostos teóricos desta pesquisa, essa motivação metafórica tem relação com a idiomaticidade das construções, ou seja, os PVs não separáveis, no formato V-P-SN, tendem a ser mais idiomáticos do que as combinações no formato V-SN-P, já que a idiomaticidade é motivada por metáforas conceituais – conforme Kövecses e Szabó (1996, p. 334), nem todas as expressões linguísticas metafóricas baseadas em metáforas conceituais são idiomáticas; entretanto, a maioria das expressões idiomáticas é metafórica.

Neste sentido, assumem-se algumas tomadas de decisões que conduzem à coleta de dados.

- a. Como primeira etapa de seleção dos PVs para análise, identificar os 100 PVs, no formato V-P-SN, mais frequentes do *corpus* da pesquisa, ou seja, os 50 PVs mais frequentes para cada partícula;
- b. A partir dessa lista de PVs mais frequentes, verificar, no dicionário especializado *Macmillan Phrasal Verbs Plus*, quais são as três construções com *up* e as três construções com *down* que apresentam maior número de acepções. A seleção dos PVs para análise a partir do número de acepções constante no *Macmillan Phrasal Verbs Plus* mostra-se relevante porque, ao que tudo indica, pode evidenciar mais de um dos sentidos assumidos como referenciais para esta análise;
- c. Na sequência, averiguar quais são as 10 primeiras concordâncias do *corpus* COCA constituídas pelos seis PVs selecionados, considerando todas as formas de

lematização dos verbos para cada agrupamento. Buscam-se e averiguam-se essas seqüências de concordâncias por meio da ferramenta KWIC, extraindo-as e armazenando-as em formato “.xlsx”. Posteriormente, identificam-se e descartam-se, manualmente, os agrupamentos lexicais que não se tratam de PVs, pelo menos não no que tange à definição de PVs assumida por esta pesquisa.

Logo, considerando a execução dessas tomadas de decisões para o processo de coleta de dados, indicadas acima (etapas “a” e “b”), para os PVs constituídos pela partícula *up*, verificam-se, primeiramente, os 50 agrupamentos lexicais não separáveis mais frequentes. Como critério para verificar uma ampla variedade de PVs, faz-se a busca por construções com verbos na forma infinitiva e a partícula *up* [verbo (infinitivo) + partícula (*up*)], ou seja, neste primeiro momento, são desconsiderados os PVs constituídos por verbos flexionados, evitando-se a repetição de um mesmo tipo de combinação. Com relação à busca de concordâncias constituídas por PVs que tenham *down* como elemento composicional, são seguidos os mesmos procedimentos adotados para a geração e extração dos dados que tem *up* como componente.

É possível verificar a forma de busca na Figura 20¹⁶⁰ e os resultados nas Tabelas 2 e 3.

Figura 20: Forma de busca

The screenshot displays the COCA search interface. At the top, the 'DISPLAY' section has radio buttons for 'LIST', 'CHART', 'KWIC' (selected), and 'COMPARE'. Below this is the 'SEARCH STRING' section, where the 'WORD(S)' field contains '[vvi*] up'. There are also fields for 'COLLOCATES' and 'POS LIST' (set to 'verb.INF/LEX'). A 'RANDOM' button is highlighted in yellow, and 'SEARCH' and 'RESET' buttons are also visible. The 'SECTIONS' section shows two columns, both labeled '1' and '2', with a 'SHOW' checkbox. Each column contains a list of categories: 'IGNORE', 'SPOKEN', 'FICTION', 'MAGAZINE', 'NEWSPAPER', and 'ACADEMIC'. The 'SORTING AND LIMITS' section at the bottom has a 'SORTING' dropdown set to 'FREQUENCY' and a 'MINIMUM' dropdown also set to 'FREQUENCY' with a value of '10' in an adjacent input field. A 'CLICK TO SEE OPTIONS' link is at the very bottom.

Fonte: COCA.

¹⁶⁰ A figura 21 representa a forma de busca para os PVs com a partícula *up*, mas a mesma forma de busca se aplica para os PVs com partícula *down*.

Tabela 1: Lista de frequência dos PVs, V-P, mais comuns com *up*

Linhas	PVs	Frequência	Linhas	PVs	Frequência
1	PICK UP	10923	26	HOLD UP	1423
2	COME UP	10506	27	ADD UP	1371
3	GIVE UP	8830	28	SIGN UP	1366
4	END UP	8260	29	BLOW UP	1290
5	SET UP	5769	30	BACK UP	1256
6	GET UP	5594	31	TURN UP	1165
7	SHOW UP	5097	32	FOLLOW UP	1155
8	MAKE UP	4917	33	COVER UP	1067
9	STAND UP	4720	34	SHUT UP	1060
10	KEEP UP	4605	35	SIT UP	1027
11	GO UP	4204	36	SPEED UP	1014
12	WAKE UP	3454	37	LINE UP	865
13	GROW UP	3305	38	MOVE UP	850
14	PUT UP	3104	39	SPEAK UP	825
15	CLEAN UP	3056	40	HANG UP	760
16	TAKE UP	2975	41	STAY UP	757
17	CATCH UP	2953	42	SHORE UP	737
18	OPEN UP	2675	43	FILL UP	733
19	LOOK UP	2442	44	WARM UP	720
20	WIND UP	1903	45	PULL UP	716
21	LIVE UP	1784	46	RISE UP	682
22	BUILD UP	1732	47	THROW UP	681
23	BRING UP	1602	48	CALL UP	654
24	BREAK UP	1576	49	CLEAR UP	606
25	STEP UP	1529	50	DRESS UP	601

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 2: Lista de frequência dos PVs, V-P-SN, mais comuns com *down*

Linhas	PVs	Frequência	Linhas	PVs	Frequência
1	GO DOWN	5044	26	FALL DOWN	424
2	SIT DOWN	4625	27	TEAR DOWN	397
3	COME DOWN	3496	28	DRIVE DOWN	394
4	SLOW DOWN	2281	29	CLOSE DOWN	379
5	BREAK DOWN	1877	30	SHOOT DOWN	348
6	SHUT DOWN	1841	31	PAY DOWN	323
7	GET DOWN	1614	32	COOL DOWN	321
8	STEP DOWN	1149	33	KNOCK DOWN	305
9	BRING DOWN	1104	34	HUNT DOWN	297
10	CUT DOWN	1025	35	TONE DOWN	220
11	LIE DOWN	1002	36	SLIDE DOWN	211
12	TRACK DOWN	994	37	BURN DOWN	210
13	LOOK DOWN	930	38	MOVE DOWN	205
14	CRACK DOWN	856	39	NAIL DOWN	200
15	SETTLE DOWN	818	40	STRIKE DOWN	200
16	CALM DOWN	817	41	ROLL DOWN	192
17	PUT DOWN	797	42	WIND DOWN	190
18	WALK DOWN	715	43	PULL DOWN	178
19	LAY DOWN	674	44	CLIMB DOWN	177
20	WRITE DOWN	660	45	PLAY DOWN	169
21	TURN DOWN	611	46	DIE DOWN	167
22	TAKE DOWN	556	47	TRICKLE DOWN	167
23	PIN DOWN	448	48	SET DOWN	163
24	RUN DOWN	447	49	REACH DOWN	153
25	HOLD DOWN	435	50	STAND DOWN	151

Fonte: elaborada pela autora.

A partir dessas duas listas de PVs mais frequentes, verifica-se, no dicionário especializado *Macmillan Phrasal Verbs Plus*¹⁶¹, quais são as três construções com *up* e as três construções com *down* que apresentam maior número de acepções. Logo, os PVs selecionados são: *pick up, come up, set up, go down, come down e break down*.

O PV *pick up*, o mais frequente da lista de ocorrências, apresentando 10.923 entradas¹⁶², conta com 18 acepções¹⁶³; são elas:

1. Levantar algo/alguém;
2. Levar alguém em um veículo;
3. Aprender/fazer algo novo;
4. Notar/reparar algo novo;
5. Começar algo depois de uma pausa;
6. Melhorar;
7. Tomar algo nas mãos;
8. Colocar coisas em um lugar bem arranjado/arrumado;
9. Levar alguém em seu veículo;¹⁶⁴
10. Contrair uma doença;
11. Comprar algo;
12. Receber um sinal eletrônico;
13. Vento: ficar mais forte;
14. Ganhar dinheiro;
15. Conquistar um prêmio;
16. Prender alguém;
17. Tentar iniciar uma relação sexual;
18. Ordenar/arrumar um lugar.

O segundo PV selecionado, entre os constituídos por *up*, é *come up*. Essa combinação diz respeito ao segundo PV mais frequente entre as ocorrências no formato V-P-SN,

¹⁶¹ Observa-se que o dicionário *Macmillan Phrasal Verbs Plus* foi escolhido pelo fato de exibir os sentidos dos PVs de maneira inter-relacionada, apresentando redes semânticas organizadas conforme a partir da polissemia dos PVs. Foram encontrados outros dicionários especializados de PVS; contudo, esses materiais exibiam seus sentidos de forma desconexa, dando a entender que a memorização seria a única forma de apreender seus significados.

¹⁶² Na Linguística de Corpus a palavra “entrada” é por vezes utilizada como termo equivalente a “ocorrência”.

¹⁶³ No original: 1. lift sb/sth; 2. take sb in a vehicle; 3. learn/do sth new; 4. notice sth; 5. start sth after a pause; 6. improve; 7. take sth in your hands; 8. put things in a tidy place; 9. take sb in your vehicle; 10. get an illness; 11. buy sth; 12. receive an electronic signal; 13. wind: become stronger; 14. earn money; 15. win a prize; 16. arrest sb; 17. try to start a sexual relationship; 18. make a place tidy.

¹⁶⁴ Observa-se que esse sentido é praticamente uma repetição do sentido 2.

apresentando 10.506 entradas no *corpus* COCA e 14 acepções¹⁶⁵ no dicionário *Macmillan Phrasal Verbs Plus* (2005). As acepções são:

1. Ir falar com alguém;
2. Tornar disponível;
3. Problema: necessário ser tratado com [...];
4. Ser mencionado;
5. Acontecer em breve;
6. Viajar em direção ao norte;
7. Informações sobre computador;
8. Quando alguém está doente;
9. Alcançar um ponto/nível superior;
10. Referência a sol, lua e estrelas;
11. Ganhar dinheiro com um bilhete;
12. Planta: começar a crescer;
13. Ser julgado em corte;
14. Ir para a universidade.

O terceiro PV, em termos de maior número de acepções, diz respeito à combinação *set up*. Esse PV, averiguado em 5.769 entradas, é o quinto mais frequente entre as ocorrências do *corpus* no formato V-P-SN. De acordo com o *Macmillan Phrasal Verbs Plus*, *set up* conta com 10 acepções¹⁶⁶:

1. Começar um negócio;
2. Organizar ou planejar algo;
3. Construir algo;
4. Tornar um equipamento pronto para uso;
5. Fazer com que algo aconteça;
6. Fazer alguém sentir-se melhor;
7. Fazer com que as pessoas culpem alguém indevidamente;
8. Dar dinheiro a alguém (por um negócio/casa);
9. Ajudar as pessoas a iniciarem um relacionamento;

¹⁶⁵ No original: 1. go to speak to sb; 2. become available; 3. problem: need to be dealt with; 4. be mentioned; 5. be happening soon; 6. travel further north; 7. about computer information; 8. when sb is sick; 9. reach a higher point/level; 10. about the sun/moon/stars; 11. win money with a ticket; 12. plant: start to grow; 13. be judged in court; 14. go to university.

¹⁶⁶ No original: 1. start a business etc; 2. organize or plan sth; 3. build sth; 4. make equipment ready to use; 5. make sth happen; 6. make sb feel good; 7. make people blame sb wrongly; 8. give sb money for a business/house; 9. help people start a relationship; 10. make a noise.

10. Fazer barulho.

O PV *go down*, o mais frequente da lista de ocorrências no formato V-P-SN, conta com 5.044 ocorrências. Esse PV apresenta 19 acepções¹⁶⁷; são elas:

1. Diminuir;
2. Ser lembrado/recordado;
3. Fazer pessoas reagirem;
4. Piorar;
5. Sol/lua: deixarem de ser vistos;
6. Computador: parar de funcionar;
7. Luzes: ficarem menos brilhantes;
8. Estar longe;
9. Ir debaixo da água;
10. Cair;
11. Viajar para o sul;
12. Engolir comida;
13. Parar de aumentar;
14. Ser derrotado;
15. Ser movido para um inferior no esporte;
16. Ir para a prisão;
17. Acontecer;
18. Viajar para um lugar menor;
19. Deixar a universidade.

Com relação ao PV *come down*, este apresenta 3.496 ocorrências no formato V-P-SN, sendo o terceiro PV mais frequente no *corpus* de pesquisa em termos da partícula *down*. O dicionário *Macmillan Phrasal Verbs Plus* mostra que *come down* tem 11 acepções¹⁶⁸, distribuídas no seguinte modo:

1. Mover para baixo;
2. Sobre níveis/preços etc.;
3. Sobre construções;

¹⁶⁷ No original: 1. become less; 2. be remembered/recorded; 3. make people react; 4. become worse; 5. sun/moon: stop being seen; 6. computer etc: stop working; 7. lights: become less bright; 8. be long; 9. go under water; 10. Fall; 11. travel South; 12. swallow food; 13. stop being swollen; 14. be defeated; 15. be moved to a lower group in sport; 16. go to prison; 17. Happen; 18. travel to a smaller place; 19. leave university.

¹⁶⁸ No original: 1. move downwards; 2. about levels/prices etc; 3. about buildings; 4. about rain/snow; 5. about aircraft; 6. travel further South; 7. decide to support/ oppose sth; 8. reach a lower point/level; 9. agree about a lower price; 10. feel normal again after excitement; 11. leave a university.

4. Sobre chuva/neve;
5. Sobre aeronave;
6. Viajar em direção ao sul;
7. Decidir apoiar/opor-se a algo;
8. Alcançar um ponto/nível inferior;
9. Concordar sobre um preço inferior;
10. Sentir-se normal após uma empolgação/excitação;
11. Deixar a universidade.

Finalmente, *break down*, o quinto PV mais frequente das linhas de ocorrências (1.877 entradas), tem como elemento principal a partícula *down* nas construções V-P. Esse PV, de acordo com o *Macmillan Phrasal Verb Plus*, conta com 8 acepções¹⁶⁹, conforme segue:

1. Sobre máquinas/veículos;
2. Quando um relacionamento/discussão acaba;
3. Dividir um total;
4. Começar a chorar;
5. Fazer com que uma porta/muro caia;
6. Fazer progresso através da remoção de dificuldade;
7. Separar algo em partes;
8. Adoecer mentalmente.

Importa ressaltar que essas acepções evidenciam que as construções investigadas possuem muitos sentidos figurados, os quais são extensões de sentidos mais literais. Contudo, os sentidos apresentados pelo dicionário são bem específicos – poucas dessas acepções auxiliam o aprendiz a ter uma compreensão integrada de como o significado das construções pode ser tão variado, mesmo que a partícula seja a mesma. Dessa forma, esses dados evidenciam mais uma vez a relevância de se abordar os PVs a partir de metáforas conceptuais e esquemas imagéticos.

Tendo apresentado os 6 PVs selecionados e a justificativa para o critério de seleção, inicia-se a etapa “c”, a qual conduzirá à coleta das concordâncias analisadas. Essas concordâncias dizem respeito aos PVs selecionados, os quais são tidos como nódulos. Nesta nova etapa, consideram-se todas as formas de lematização dos verbos para cada agrupamento encontrado e selecionado por meio do processo gerado anteriormente. Buscam-se e

¹⁶⁹ No original: 1. about machines/vehicles; 2. when a relationship/discussion ends; 3. divide a total; 4. start to cry; 5. make a door/wall fall down; 6. make progress by removing difficulty; 7. separate sth into parts; 8. become mentally ill.

averiguam-se as dez primeiras ocorrências da sequência de concordâncias através da ferramenta KWIC, extraindo-as e armazenando-as em formato “.xlsx”. Posteriormente, identificam-se e descartam-se, manualmente, os agrupamentos lexicais que não se tratam de PVs.

Sendo assim, segue-se a busca por ocorrências, as mesmas listadas na Tabela 2. A Figura 21 ilustra a forma de busca para o PV mais frequente entre os não separáveis, isto é, no formato V-P-SN (e.g. *pick up*).

Figura 21: Forma de busca

The screenshot shows the COCA search interface with the following settings:

- DISPLAY:** KWIC (selected), LIST, CHART, COMPARE.
- SEARCH STRING:** WORD(S) [pick] up, COLLOCATES, POS LIST.
- Buttons:** RANDOM, SEARCH, RESET.
- SECTIONS:** SHOW (checkbox), 1 IGNORE, 2 IGNORE.
- IGNORE Lists:** SPOKEN, FICTION, MAGAZINE, NEWSPAPER, ACADEMIC.
- DISPLAY / SORT:** DISPLAY ALPHABETICAL, SORT L - - - 1 2 3 R *.
- CLICK TO SEE OPTIONS:** # HITS, FREQ 100, KWIC 100.

Fonte: COCA.

Os resultados da busca por “[pick] up”, bem como dos demais PVs mais frequentes e que contam com diversas acepções, conforme verificado no dicionário *Macmillan Phrasal Verbs Plus*, estão reproduzidos nos quadros a seguir. Esses quadros, elaborados em Excel, trazem a ilustração dos seis PVs selecionados.

Quadro 6: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, *pick up*

1	1993 MAG	MotherEarth	our home ? " On August 17 , 1992 , I	picked up	Hurricane Andrew 's image from a Russian satellite . I tracked
2	1992 MAG	MotherJones	to death . " # Back in his office , Zelman	picked up	his messages . More congressional aides had called from
3	2003 MAG	USCatholic	" # " But are n't you curious ? " Barbara	picked up	a letter she 'd set aside . " Listen -- this
4	2005 NEWS	Denver	his six-week rotation in psychiatry , for example , " they	picked up	all the patients here and moved them to Fitzsimons , "
5	1994 FIC	Commentary	be alarmed ; he often dozed off after eating . She	picked up	the tray , put it on the night table , then
6	1996 FIC	LiteraryRev	heard the invaders ? I had forgotten to listen . Lulwa	picked up	the knife , started chopping again . The onion fell away
7	1991 FIC	KenyonRev	that evening and haggled the price down for us . She	picked up	our mail and delivered it herself , she got free medicine
8	1994 FIC	Sagewoman	goddess , and I slept . # In the morning I	picked up	my astrology books and began to study . And over every
9	2003 FIC	FantasySciFi	" Oh , are we there already ? " # Kelly	picked up	his book bag while the Navatar opened the door for him
10	2007 FIC	FantasySciFi	and strength only carried him for a few minutes . He	picked up	the football and stepped outside , flinging it down the street

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 7: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, *come up*

1	1992 SPOK	CNN_Politics	attack on his character , which it was n't . He	came up	to me and tried to have a photo opportunity . I
2	1999 FIC	FantasySciFi	it soon , whenever you are ready . " My hands	came up	to my chest and touched the tiny breasts there . It
3	2005 MAG	AmSpect	Lake , basking in the good aura , and a couple	came up	to me a few minutes ago . They were a good-looking
4	1999 SPOK	Ind_NewsForum	think that David Stern has moved off that number . He	came up	to 52 percent , and the players union was actually at
5	1995 SPOK	NPR_ATC	here . Not surprisingly , the issue of moving the trial	came up	. Defense attorneys for Timothy McVeigh and Terry Nichols say
6	2012 FIC	Analog	' while I was talking to my wife , and those	came up	. " # Susan loomed in . There were several about
7	2004 SPOK	NPR_FreshAir	. GROSS : Can I ask you about the character you	came up	with of Fred Garvin : Male Prostitute ? Mr-AYKROYD : The
8	2008 NEWS	Atlanta	in 2008 for the Dodgers and Padres . # " I	came up	here just to say thank you , " Maddux said to
9	2004 FIC	Bk:Conquistador	, then so be it . The SWAT troopers ' heads	came up	; something was going on , and they were getting the
10	1997 MAG	Ebony	about it does n't help the work . When that question	came up	, I was like , Here we go . Let 's

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 8: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, *set up*

1	2001 NEWS	CSMonitor	# Staff *1/2 When a millionaire gambling magnet (Cleese)	sets up	a cross-country race between a group of contestants , they
2	2008 MAG	ChristCentury	trains pastors to stand in judgment of the texts . This	sets up	the pastors for a jolt when they find themselves in the
3	1990 NEWS	NYTimes	from supplying news to broadcasters , CBS responded in 1933 by	setting up	its own news-gathering unit . CBS News reports during World
4	1994 MAG	TodaysParent	ones who take care of him . " She also began	setting up	a support network of friends and neighbours . The phone
5	2007 ACAD	ArtBulletin	. Brilliant sunlight floods over the skirt of her dress ,	setting up	a contrast with her head , which is hidden in shadow
6	2011 SPOK	NBC_Today	' This 'll work . Trust me . I 've been	setting up	this joke for six years now . KOTB: All right .
7	2010 ACAD	CommunCare	to achieve . He is positive about Labour 's idea of	setting up	an independent commission to find a consensus on funding
8	2005 NEWS	USAToday	of America , but he is able to keep working by	setting up	a laptop , a printer and a stapler in his room
9	2007 MAG	PCWorld	, you can probably do better . I did , by	setting up	automatic forwarding of all my persona e-mail to Google 's
10	2002 NEWS	USAToday	circle of five gold stars on his collar , will be	setting up	his command post in accordance with prefire plans at the fire

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 9: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, *go down*

1	1995 SPOK	CNN_King	went up 2.1 percent and wages , salaries and benefits	went down	3 percent . There 's a widening gap , as well ,
2	1991 SPOK	CNN_Crossfire	you explain this guy at United Airlines who- their profits	went down	70 percent- Mr. BRINDISI : That 's in one year . That
3	1999 SPOK	NBC_Dateline	icy . (Photo-of-Patrick-o) Mr-V-MARSH : Every time I 'd	go down	a hill that was , you know , fairly steep the sled
4	1990 SPOK	ABC_Jennings	say there 's no single trick to it , but	go down	a list of improvements and a car 's mileage will go up
5	2003 NEWS	Denver	# Weight-wise , she 's halfway there and has even	gone down	a shoe size . But emotionally , she 's on the road
6	2006 NEWS	Denver	school record in the decathlon . " You had to	go down	about eight stairs to get to the front door . The distance
7	2002 MAG	NaturalHist	point the tail must stop , reverse direction , and	go down	again . This reversal could be accomplished actively , through
8	2010 ACAD	PhysicalEduc	enough in the morning to realize that I need to	go down	and get it before they get there . Coordination and
9	1996 NEWS	Atlanta	his cows " getting out of the fences " and	going down	and grazing on the banks of the railroad . # " The
10	2009 MAG	MotorBoating	- almost . " Nash , I want you to	go down	and make sure everything looks good in the engine room ; check

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 10: As dez¹⁷⁰ primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, *come down*

1	2005 SPOK	MSNBC_MeetPress	on future gasoline prices , are that the price is	coming down	a little bit ; that is , that we 'll have a
4	2003 FIC	Bk:FatOlliesBook	listen while his aide talks into the mike , then	coming down	again and making sure the podium is draped right and the sign
5	1999 SPOK	NBC_Today	at all . As a matter of fact , he	came down	and did his traditional " Woo " like he always does upon
6	2005 SPOK	CNN_Brown	people who just ignored the bureaucracy and just decided to	come down	and do what you could , even though no one -- there
7	1993 SPOK	Ind_Limbaugh	the American Heart Association . And he asked me to	come down	and drive the -- the environmentally safe beverage cart around
8	1999 SPOK	NPR_ATC	there , you know . Mr-ROBINSON : Then the admiral	came down	and explained to us what our responsibilities were .
9	2004 SPOK	ABC_GMA	It was sort of an open call for folks to	come down	and help us out and tell us how we could really make
10	2005 SPOK	CNN_SatMorn	the hills . " A few days later , residents	came down	and returned to normal life , thankful that they minded island

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 11: As dez primeiras linhas de concordâncias dos PVs, V-P-SN, *break down*

1	2009 FIC	Bk:Malice	chase down a suspect ? Wrestle him to the ground ?	Break down	a door ? Hit the deck , roll , draw your
2	1995 ACAD	BioCycle	, two volunteers went to the food vendor 's tent and	broke down	a large pile of corrugated cardboard for loading in a nearby
3	2004 SPOK	NPR_FreshAir	I was able to learn the rules of acting . You	break down	a script . You do n't walk unless you have a
4	1994 NEWS	WashPost	of control , he does a good job . # He	broke down	and cried after that 1992 loss to the Redskins even though
5	2011 ACAD	Commentary	the midst of his torrent of words , his translator actually	broke down	and cried out , " I ca n't take it anymore
6	2011 SPOK	NBC_Dateline	made a decision . He was convinced that his marriage had	broken down	and he was going to ask his wife for a divorce
7	1996 MAG	AmHeritage	Ominously , Lieutenant Koeppen in the Protos was completely	broken down	and losing time . # " I wish we were now
8	2000 MAG	GoodHousekeeping	the husband of my last roommate , " she says ,	breaking down	and weeping at the memory . After three months in
9	1996 MAG	TotalHealth	a result , they are more difficult for the body to	break down	at night , because the metabolism has slowed for sleep .
10	2004 NEWS	NYTimes	would continue to flourish precisely because it had begun to	break down	barriers . # " The problem with college athletics is the

Fonte: elaborado pela autora.

3.3 ETAPAS DE ANÁLISE

Tendo feito a seleção dos PVs, bem como a coleta de suas respectivas concordâncias, realizam-se três novas etapas, as quais tratam, especificamente, da análise dos dados; são elas:

- a) Relacionar o significado dos PVs selecionados com os sentidos e esquemas imagéticos propostos por Rudzka-Ostyn (2003);
- b) Identificar as metáforas conceituais, em especial aquelas do tipo orientacional, conforme Lakoff e Johnson (1980), que estão vinculadas aos PVs e às respectivas concordâncias coletadas e selecionadas para análise; e
- c) Averiguar qual é o mapeamento metafórico das concordâncias analisadas.

¹⁷⁰ Este quadro apresenta apenas oito concordâncias, pois, das dez primeiras ocorrências extraídas, duas delas não correspondem à definição de *Phrasal Verb* assumida na presente pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir dos procedimentos metodológicos anunciados no capítulo anterior – em especial na terceira parte, cujas etapas estipuladas tratam diretamente da análise das metáforas conceptuais presentes nos PVs –, faz-se a apresentação e a análise dos resultados obtidos os quais são discutidos em seguida.

De acordo com as etapas explicitadas no subcapítulo 3.2 do capítulo 3, propõe-se relacionar o significado dos PVs selecionados (*pick up, come up, set up, go down, come down, break down*) com os sentidos e esquemas imagéticos delineados por Rudzka-Ostyn (2003). Também se almeja identificar as metáforas conceptuais que dizem respeito aos PVs e às suas respectivas concordâncias coletadas e selecionadas para análise, além de averiguar qual é o mapeamento metafórico presente nessas concordâncias.

A opção pela escolha de apenas três PVs para a partícula *up* e três para a partícula *down*, dentre as cinquenta ocorrências mais frequentes coletadas para cada grupo, deu-se a partir das evidências encontradas em dicionários, em especial no *Macmillan Phrasal Verb Plus* (2005), que, por sua vez, trata de uma série de acepções para uma mesma construção, conforme apresentada no capítulo anterior (subcapítulo 3.2). Essas várias acepções evidenciam o alto grau de polissemia das construções abordadas e dizem respeito, por vezes, a sentidos diferentes, mas interrelacionados. Segundo Tyler e Evans (2003, p. 37 – 38), a polissemia de uma forma linguística particular é um fenômeno que está associado a múltiplos significados distintos, mas relacionados entre si. Os autores, ao explicarem o princípio da polissemia, mencionam a partícula espacial *over* como um exemplo de unidade polissêmica¹⁷¹. Contudo, é evidente que, a partir do comportamento semântico observado, esse fenômeno se aplica também a outras partículas de orientação espacial, como *up* e *down*.

Com relação à identificação das metáforas conceptuais nos PVs e às concordâncias em que eles estão inseridos – ou PVs em contexto¹⁷² –, a análise é fundamentada na TMC. No entanto, como Lakoff e Johnson (1980) não tratam especificamente de construções V-P, mas sim de um dos fenômenos que os PVs compartilham com outros tipos de construções linguísticas, os autores acabam por não delinear metáforas conceptuais exclusivamente direcionadas aos PVs e/ou às partículas *up* e *down*. Mesmo assim, a abordagem dos autores fornece um suporte adequado para se compreender as diversas acepções que um mesmo PV

¹⁷¹ No original: “[...] a particular forma, such as the English spatial particle *over*, is conventionally associated with a number of distinct but related meanings”.

¹⁷² Apesar de não se encontrar essa denominação na literatura sobre o tema, considera-se que o termo é adequado para se referir aos PVs aqui analisados e às concordâncias nos quais aparecem.

apresenta, uma vez que se sustenta nas experiências corporificadas – as quais permitem compreender um domínio mais abstrato em termos de um domínio mais concreto. Essa noção envolve conceitos centrais relacionados ao corpo humano (conforme tratado no capítulo 2) e estende-se às partículas de orientação espacial, como no caso de *up* e *down*, já que as noções “acima” e “abaixo” dizem respeito a conceitos que direcionam o sistema conceptual humano.

Retomando a revisão teórica (capítulo 2), as partículas *up* e *down* têm, como sentidos prototípicos, verticalidade ascendente e verticalidade descendente, respectivamente (RUDZKA-OSTYN, 2003; LINDNER, 1981), além de remeterem à noção de aproximação/objetivo-orientado (LINDNER, 1981). A noção e sentido de retidão só é possível porque, conforme Lakoff e Johnson (1980), o sistema conceptual humano é controlado pela posição vertical do corpo, o qual é representado em um domínio concreto/físico. A partir dessa noção corpórea, entendida neste contexto como Domínio-Fonte, podem-se criar novos significados que se dão em domínios mais abstratos, por meio das extensões metafóricas do sentido básico das partículas.

A partir das aferições até aqui levantadas, torna-se evidente a possibilidade de se identificar as metáforas conceptuais nos PVs. Além disso, uma análise dos PVs em contextos provenientes de *corpora* é bem relevante para a análise aqui proposta, uma vez que a construção de sentido não depende única e exclusivamente da partícula ou da construção V-P, mas sim do contexto no qual o PV está inserido. Também vale relembrar, uma vez que já se tratou disso no referencial teórico, que as metáforas conceptuais são motivadas por determinados conceitos, os quais normalmente são projetados do Domínio-Fonte para o Domínio-Alvo, ou seja, as metáforas conceptuais têm origem no mapeamento metafórico e os sentidos estendidos/metafóricos são compreendidos pelo mapeamento desses dois domínios – um sentido mais abstrato é compreendido em termos de um domínio mais concreto.

Com essas considerações, procura-se delinear resultados encontrados, os quais estão orientados pelos sentidos das partículas investigadas e estão dispostos em tabelas, conforme se pode verificar adiante. Esses sentidos estão vinculados a uma lista de concordâncias resultantes da extração realizada no *corpus* eletrônico COCA (subcapítulo 3.2 da metodologia proposta) e mostram que diferentes construções V-P podem apresentar sentidos em comum, além de evidenciar outras questões que serão discutidas posteriormente.

Considerando-se os levantamentos até aqui descritos, parte-se para a verificação dos dados obtidos. No que se refere às partículas *up* e *down*, estas exercem o papel de elementos constituintes de PVs, correspondendo aos seus sentidos mais básicos/prototípicos. A metaforicidade não parece ser um fenômeno presente, conforme averiguado e ilustrado na

Tabela 1. Já com relação à extensão de significado, verifica-se que um mesmo sentido pode ser motivado por diferentes metáforas conceituais – isso ocorre porque o mapeamento metafórico do DF (o mais concreto) para o DA (o mais abstrato) não depende única e exclusivamente da partícula ou da construção V-P, mas sim do contexto no qual o PV está inserido.

Os dados, dispostos em forma de tabelas, possibilitam identificar as linhas de concordância extraídas do *corpus* para cada PV selecionado; essas linhas correspondem à ordem de ocorrências, conforme apresentação feita no capítulo referente à coleta de dados (subcapítulo 3.2). Além disso, as tabelas, que a seguir podem ser observadas, mostram as metáforas conceituais que correspondem a essas concordâncias, bem como seus devidos mapeamentos. Posteriormente à apresentação dos resultados encontrados e dispostos em forma de tabelas, procura-se ilustrá-los por meio de gráficos, de modo que se possa disponibilizar uma melhor visualização dos resultados.

Para mais bem sistematizar a análise, também se utilizam algumas abreviações que orientam sua leitura e compreensão, conforme a legenda a seguir:

Conc: Concordância

MC: Metáfora Conceptual

M: Mapeamento

C: Comentário

→ : indicador do mapeamento entre DF (domínio-fonte) e DA (domínio-alvo).

Quanto à análise das concordâncias constituídas por PVs por *up* e *down*, as etapas constituem em (a) relacionar o significado dos PVs selecionados com os sentidos e esquemas imagéticos propostos por Rudzka-Ostyn (2003); (b) identificar as metáforas conceituais, em especial aquelas do tipo orientacional, conforme Lakoff e Johnson (1980), que estão vinculadas aos PVs e às respectivas concordâncias coletadas e selecionadas para análise e (c) averiguar qual é o mapeamento metafórico das concordâncias analisadas.

Os resultados apresentados a seguir dizem respeito aos PVs constituídos pela partícula *up*. No Quadro 10, as concordâncias representam o sentido 1 proposto por Rudzka-Ostyn (2003): “posição superior ou mover em direção a um lugar mais alto”:

Quadro 12: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com up (sentido 1)

Sentido:		(1) posição superior ou mover em direção a um lugar mais alto
pick up	Conc 3:	"# "But aren't you curious? "Barbara picked up a letter she'd set aside." Listen – this
	Conc 4:	his six-week rotation in psychiatry, for example, "they picked up all the patients here and moved them to Fitzsimons , "
	Conc 5:	be alarmed ; he often dozed off after eating. She picked up the tray , put it on the night table , then
	Conc 6:	heard the invaders? I had forgotten to listen. Lulwa picked up the knife , started chopping again . The onion fell away
	Conc 8:	goddess, and I slept. # In the morning I picked up my astrology books and began to study . And over every
	Conc 9:	"Oh, are we there already?" # Kelly picked up his book bag while the Navatar opened the door for him
	Conc 10:	And strength only carried him for a few minutes. He picked up the football and stepped outside , flinging it down the street
come up	Conc 2:	it soon, whenever you are ready. "My hands came up to my chest and touched the tiny breasts there. It
	C:	ocorrências não metafóricas / as concordâncias evidenciam o sentido mais prototípico da partícula <i>up</i> .

Fonte: elaborada pela autora.

Como se pode observar, a construção do significado desses PVs em contexto (uma vez que estão inseridos em linhas de concordância contextualizadas e dizem respeito a dados autênticos) ocorre a partir do uso dos significados prototípicos de suas partes, ou seja, tanto o verbo quanto a partícula são utilizados no sentido literal. Acredita-se que um dos fatos que leva esses PVs a serem utilizados prototipicamente diz respeito a carga semântica do verbo, a qual é mais saliente e sobrepõe-se em relação ao todo.

A partícula *up* indica movimento ascendente do objeto pelo qual está relacionada. O que leva a tal afirmação tem a ver com os elementos focais trajetora (TR) e marco (LM). O TR, conforme abordado nos pressupostos teóricos, refere-se a qualquer entidade que nossa atenção possa focar, seja um objeto, uma pessoa ou mesmo um sentimento ou pensamento; enquanto o LM diz respeito a coisas físicas, que geralmente são maiores, imóveis e mais fáceis de serem identificadas, se comparadas ao TR (RUDZKA-OSTYN, 2003, p. 10).

Neste sentido, para mais bem explicar como ocorre essa relação e, principalmente, para verificar como se dá a conceptualização do significado da construção V-P, ilustram-se, no Quadro 11, os elementos focais das concordâncias da Tabela 2. Esse quadro é baseado na proposta de Rudzka-Ostyn (2003, p. 10), a qual é ilustrada no capítulo 2 desta dissertação. Acredita-se que não seja necessário retomar esse quadro para todas as concordâncias

coletadas; contudo, é importante destacá-lo para que se esclareça como o TR e o LM podem ser identificados e visualizados no contexto das concordâncias. É por meio da noção de TR e LM que se pode verificar como os sentidos das partículas expressam esquemas imagéticos – o que vem ao encontro desta investigação e conduz à realização do terceiro objetivo específico proposto. Esse procedimento serve para reconhecer quais são os conceitos e domínios que constituem cada construção, além de fornecer suporte para identificar possíveis mapeamentos metafóricos.

Quadro 13: elementos focais das concordâncias da Tabela 2

CONCORDÂNCIA	TR	LM
...Barbara picked up a letter...	Barbara	a letter
...they picked up all the patients...	They	patients
...She picked up the tray...	She	Tray
...Lulwa picked up the knife...	Lulwa	Knife
...I picked up my astrology books...	I	Books
...He picked up the football...	He	Football
...My hands came up to my chest...	Hands	Chest

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o quadro 11, observa-se que, num primeiro plano, há o TR, o qual, nesses casos, diz respeito a pessoas, mas poderia constituir um domínio abstrato como um sentimento ou um pensamento, por exemplo. Esses trajetores, normalmente entidades menores, flexíveis e móveis, são associados ou localizados em termos de outras entidades, como lugares e objetos fixos, por vezes maiores, chamadas de marcos (LM), os quais constituem um domínio mais concreto.

No Quadro 12, sistematizam-se as metáforas conceptuais e como os respectivos mapeamentos metafóricos que motivam o sentido estendido 2 da partícula (“visar ou atingir um objetivo/fim/limite”).

Quadro 14: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com *up* (sentido 2)

Sentido:		(2) visar ou atingir um objetivo/fim/limite	
<i>pick up</i>	Conc 7:	<i>that evening and haggled the price down for us. She picked up our mail and delivered it herself, she got free medicine</i>	
		MC:	CAPTAR/OBTER ESTÁ PARA CIMA
		M:	verticalidade ascendente/objetivo orientado → ato de obter
<i>come up</i>	Conc 1:	<i>attack on his character, which it wasn't. He came up to me and tried to have a photo opportunity. I</i>	
	Conc 3:	<i>Lake, basking in the good aura, and a couple came up to me a few minutes ago. They were a good-looking</i>	
	Conc 8:	<i>in 2008 for the Dodgers and Padres. # "I came up here just to say thank you," Maddux said to</i>	
		MC:	PRÓXIMO ESTÁ PARA CIMA
		M:	verticalidade ascendente/objetivo orientado → ato de aproximar
<i>Set up</i>	Conc 6:	<i>' This 'll work. Trust me. I 've been setting up this joke for six years now. KOTB: All right.</i>	
		MC:	TER CONTROLE/FORÇA ESTÁ PARA CIMA
		M:	Verticalidade ascendente/objetivo orientado → controle organizacional
	Conc 9:	<i>, you can probably do better. I did, by setting up automatic forwarding of all my personal e-mail to Google's</i>	
		MC:	CRIAR/PREPARAR ESTÁ PARA CIMA
		M:	Verticalidade ascendente/objetivo orientado → ato de criar
Conc 10:	<i>Circle of five gold stars on his collar, will be setting up his command post in accordance with prefire plans at the fire</i>		
	MC:	CRIAR/PREPARAR ESTÁ PARA CIMA	
	M:	Verticalidade ascendente/objetivo orientado → ato de criar	

Fonte: elaborada pela autora.

Considerando os dados apresentados, o sentido 2 foi observado em sete concordâncias por PVs com a partícula *up*, contemplando os três PVs selecionados. Em todos os casos analisados, o sentido de *up*, juntamente com o verbo, diz respeito à extensão do significado espacial básico, referente a quando uma entidade em movimento atinge um limite, ou seja, um objetivo. Observa-se que apesar de ter-se como foco as construções do tipo V-P-SN, considera-se e analisa-se construções em que os verbos estão seguidos por uma partícula e uma preposição (V-P-Prep-SN) – é o caso do PV *come up*, concordâncias 1 e 3, cujo verbo é seguido pela partícula *up* e a preposição *to*; o motivo que leva à consideração dessa estrutura diz respeito ao seu comportamento semântico, onde a *come* e *up* constroem, juntos, um novo significado enquanto *to* apenas exerce a função de preposição, elemento que indica noção espacial, mas que é independente da unidade semântica anterior.

Nas sete concordâncias observadas, o significado de *up* é estendido metaforicamente para indicar movimento (TR) de aproximação de um objetivo ou limite (LM) de domínio abstrato. Dessa forma, o sentido metafórico observado está diretamente ligado à noção de aproximação e objetivo orientado, conforme Lindner (1981), mas tem forte relação com a noção de verticalidade ascendente, já que, de acordo com Lakoff e Johnson (1980), aquilo que está acima é melhor, maior, mais etc., conforme assumido pelas metáforas conceituais orientacionais MELHOR ESTÁ PARA CIMA, MAIS ESTÁ PARA CIMA e MAIOR ESTÁ PARA CIMA. Essa relação de objetivo orientado, que tem como base verticalidade ascendente e constitui o Domínio-Fonte, projeta-se para o Domínio-Alvo, a fim de que se possa compreender conceitos mais abstratos. Neste sentido é possível compreender o “ato de captar/obter”, “ato de aproximar”, “controle organizacional” e “ato de criar” em termos de verticalidade ascendente/objetivo orientado, que tem uma base mais concreta. Por meio dessas projeções verificadas entre os dois domínios, observa-se a motivação de metáforas conceituais, as quais foram identificadas como: CAPTAR/OBTER ESTÁ PARA CIMA, PRÓXIMO ESTÁ PARA CIMA, TER CONTROLE/FORÇA ESTÁ PARA CIMA e CRIAR ESTÁ PARA CIMA.

O próximo quadro diz respeito ao sentido 4, “mover para um nível/valor/medida superior”:

Quadro 15: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com *up* (sentido 4)

Sentido:		(4) mover para um nível/valor/medida superior	
<i>come up</i>	Conc 4:	<i>think that David Stern has moved off that number . He came up to 52 percent , and the players union was actually at</i>	
		MC:	MAIS ESTÁ PARA CIMA
		M:	verticalidade ascendente → quantidade/tamanho/intensidade

Fonte: elaborada pela autora.

No que diz respeito a esse sentido, averiguou-se apenas uma concordância, a qual tem como nódulo o PV *come up*. Trata-se de um verbo sintagmático preposicional (V-P-Prep-SN), que, mesmo não sendo no formato delimitado para a análise, é analisado por compreender o comportamento semântico investigado – trata-se da mesma questão observada nas concordâncias 1 e 3 do sentido 2 da partícula *up*, apresentada anteriormente. Esse sentido também é uma extensão metafórica do sentido prototípico da partícula *up* e é utilizado para descrever entidades abstratas – no caso da concordância acima (Conc 4), quantidade. Sendo

assim, pode-se verificar que o conceito de quantidade (DA), pode ser compreendido em termos de verticalidade ascendente, que pertence ao DF. Logo, o mapeamento metafórico observado motiva a metáfora conceptual orientacional MAIS ESTÁ PARA CIMA.

O próximo quadro diz respeito ao sentido 5, “o que está acima é mais visível/acessível/conhecido”:

Quadro 16: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com *up* (sentido 5)

Sentido:		(5) o que está acima é mais visível/acessível/conhecido	
<i>pick up</i>	Conc 1:	<i>our home?" On August 17, 1992, I picked up Hurricane Andrew's image from a Russian satellite . I tracked</i>	
	Conc 2:	<i>to death. " # Back in his office, Zelman picked up his messages . More congressional aides had called from</i>	
		MC:	CAPTAR/OBTER ESTÁ PARA CIMA
		M:	verticalidade ascendente/objetivo orientado → ato de captar/obter
<i>come up</i>	Conc 5:	<i>here. Not surprisingly, the issue of moving the trial came up. Defense attorneys for Timothy McVeigh and Terry Nichols say</i>	
	Conc 9:	<i>, then so be it. The SWAT troopers ' heads came up; something was going on , and they were getting the</i>	
	Conc 10:	<i>about it doesn't help the work . When that question came up , I was like , Here we go . Let's</i>	
		MC:	(MAIS) VISÍVEL ESTÁ PARA CIMA
		M:	Verticalidade ascendente → visibilidade/acessibilidade/conhecimento
	Conc 6:	<i>' while I was talking to my wife, and those came up. " # Susan loomed in . There were several about</i>	
	Conc 7:	<i>. GROSS : Can I ask you about the character you came up with of Fred Garvin : Male Prostitute ? Mr-AYKROYD : The</i>	
		MC:	EXISTÊNCIA ESTÁ PARA CIMA
		M:	verticalidade ascendente/objetivo orientado → ato de tornar algo possível
		C:	A concordância 6 também remete à MC “(MAIS) VISÍVEL ESTÁ PARA CIMA”, contudo, assume-se a MC “EXISTÊNCIA ESTÁ PARA CIMA” devido ao contexto no qual a concordância em questão está inserida.
<i>set up</i>	Conc 1:	<i># Staff *1/2 When a millionaire gambling magnet (Cleese) sets up a cross-country race between a group of contestants , they</i>	
	Conc 2:	<i>trains pastors to stand in judgment of the texts. This sets up the pastors for a jolt when they find themselves in the</i>	
	Conc 3:	<i>from supplying news to broadcasters , CBS responded in 1933 by setting up its own news-gathering unit . CBS News reports during World</i>	

Conc 4:	<i>ones who take care of him. "She also began setting up a support network of friends and neighbours . The phone</i>
Conc 7:	<i>to achieve . He is positive about Labour 's idea of setting up an independent commission to find a consensus on funding</i>
Conc 8:	<i>of America , but he is able to keep working by setting up a laptop , a printer and a stapler in his room</i>
	MC: CRIAR/PREPARAR ESTÁ PARA CIMA
	M: Verticalidade ascendente/objetivo orientado → ato de criar
Conc 5:	<i>. Brilliant sunlight floods over the skirt of her dress, setting up a contrast with her head , which is hidden in shadow</i>
	MC: (MAIS) VISÍVEL ESTÁ PARA CIMA
	M: Verticalidade ascendente → visibilidade/acessibilidade/conhecimento

Fonte: elaborada pela autora.

Com relação ao sentido 5, observou-se que é contemplado pelos três PVs selecionados e está intimamente relacionado com um nível mais elevado relativo às entidades abstratas, tornando-as mais visíveis, acessíveis e/ou conhecidas. Esse nível mais elevado pode ser observado em esquemas imagéticos, a partir da relação existente entre o TR e o LM envolvidos. O sentido 5 mostra-se o mais ocorrente entre os demais; dentre as trinta concordâncias com *up*, quatorze delas dizem respeito a “o que está acima é mais visível/acessível/conhecido”. Esse sentido é motivado por metáforas conceituais que se dão pela projeção de conceitos entre domínios, onde “ato de captar/obter”, “ato de tornar algo possível” são compreendidos em termos de verticalidade ascendente/objetivo orientado e “visibilidade/acessibilidade/conhecimento” em termos de verticalidade ascendente, originado as metáforas CAPTAR/OBTER ESTÁ PARA CIMA, (MAIS) VISÍVEL ESTÁ PARA CIMA, EXISTÊNCIA ESTÁ PARA CIMA e CRIAR/PREPARAR ESTÁ PARA CIMA.

Os resultados e a análise das concordâncias constituídas por PVs com *down* são detalhados a seguir; o sentido 1 corresponde a “movimento de um lugar mais alto para um mais baixo”.

Quadro 17: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com *down* (sentido 1)

Sentido:		(1) movimento de um lugar mais alto para um mais baixo
go down	Conc 3:	<i>icy. (Photo-of-Patrick-o) Mr-V-MARSH : Every time I 'd go down a hill that was , you know , fairly steep the sled</i>
	Conc 6:	<i>school record in the decathlon. "You had to go down about eight stairs to get to the front door. The distance</i>
	Conc 7:	<i>point the tail must stop, reverse direction, and go down again . This reversal could be accomplished actively, through</i>
	Conc 8:	<i>enough in the morning to realize that I need to go down and get it before they get there . Coordination and</i>
	Conc 9:	<i>his cows " getting out of the fences " and going down and grazing on the banks of the railroad . # " The</i>
	Conc 10:	<i>- almost . " Nash, I want you to go down and make sure everything looks good in the engine room; check</i>
come down	Conc 4:	<i>listen while his aide talks into the mike , then coming down again and making sure the podium is draped right and the sign</i>
	Conc 7:	<i>the American Heart Association. And he asked me to come down and drive the -- the environmentally safe beverage cart around</i>
	Conc 9:	<i>It was sort of an open call for folks to come down and help us out and tell us how we could really make</i>
	Conc 10:	<i>the hills. " A few days later, residents came down and returned to normal life, thankful that they minded island</i>
	C:	ocorrências não metafóricas / as concordâncias evidenciam o sentido mais prototípico da partícula <i>down</i> .

Fonte: elaborada pela autora.

O sentido mais prototípico da partícula *down* pode ser observado nas dez concordâncias apresentadas no Quadro 15. Nessas concordâncias, tanto a partícula quanto o verbo das construções contempladas, *go down* e *come down*, são utilizados com significado literal, expressando a relação TR-LM pelo movimento de um lugar mais alto para um mais baixo. Essa relação, prototípica, tem estreita ligação com a carga semântica do verbo, que mostra-se mais saliente e sobrepõe-se em relação ao todo. Neste sentido, não são verificados mapeamentos entre domínios distintos e, conseqüentemente, não há motivação para metáforas conceptuais. Observa-se que dentre os PVs apresentados acima, um deles (concordância 6) é representado pela estrutura V-P-Prep-SN, no entanto, a preposição *about* não influencia a

unidade semântica anterior e, portanto, trata-se de uma construção relevante para esta pesquisa, uma vez que seu comportamento semântico segue a mesma orientação delimitada para a presente investigação.

O próximo quadro refere-se ao sentido 3, “redução de intensidade, qualidade, quantidade, tamanho, grau, valor, atividade, status, força”.

Quadro 18: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com *down* (sentido 3)

Sentido:		(3) redução de intensidade, qualidade, quantidade, tamanho, grau, valor, atividade, status, força...
go down	Conc 1:	<i>Went up 2.1 percent and wages, salaries and benefits went down 3 percent . There's a widening gap , as well ,</i>
	Conc 2:	<i>you explain this guy at United Airlines who- their profits went down 70 percent- Mr. BRINDISI: That's in one year . That</i>
	Conc 4:	<i>say there's no single trick to it , but go down a list of improvements and a car 's mileage will go up</i>
	Conc 5:	<i># Weight-wise, she's halfway there and has even gone down a shoe size. But emotionally , she's on the road</i>
come down	Conc 1:	<i>on future gasoline prices, are that the price is coming down a little bit; that is, that we 'll have a</i>
		MC: MENOS ESTÁ PARA BAIXO M: Verticalidade descendente → quantidade/tamanho/intensidade
come down	Conc 5:	<i>at all . As a matter of fact , he came down and did his traditional " Woo " like he always does upon</i>
		MC: CONHECIDO ESTÁ PARA BAIXO M: Verticalidade descendente → conhecimento
come down	Conc 8:	<i>there , you know . Mr-ROBINSON: Then the admiral came down and explained to us what our responsibilities were .</i>
		MC: BAIXO STATUS ESTÁ PARA BAIXO M: Verticalidade descendente → baixo status social
break down	Conc 4:	<i>of control , he does a good job . # He broke down and cried after that 1992 loss to the Redskins even though</i>
	Conc 5:	<i>the midst of his torrent of words , his translator actually broke down and cried out , " I ca n't take it anymore</i>
	Conc 7:	<i>. Ominously, Lieutenant Koeppen in the Protos was completely broken down and losing time . # " I wish we were now</i>
break down		MC: EMOCIONAL ESTÁ PARA BAIXO M: Verticalidade descendente → sentimento/emoção
	Conc 8:	<i>the husband of my last roommate , " she says, breaking down and weeping at the memory . After three months in</i>
		MC: TRISTE ESTÁ PARA BAIXO M: Verticalidade descendente → tristeza

Fonte: elaborada pela autora.

O sentido 3 é verificado nas três construções selecionadas para análise. Esse sentido pertence a um polo oposto em relação ao sentido 4 da partícula *up* (“mover para um nível/valor/medida superior”) e é compreendido pela disposição do TR e LM relacionados. Contudo, diferentemente do sentido 4 de *up*, o qual foi verificado em apenas uma concordância, o sentido 3 de *down* ocorre em onze das concordâncias. Dentre as onze concordâncias analisadas, cinco correspondem à metáfora conceptual MENOS ESTÁ PARA BAIXO, motivada pela projeção de verticalidade descendente (DF) para quantidade, tamanho e intensidade – conceitos que dizem respeito ao DA; ou seja, a conceptualização de quantidade, tamanho e intensidade se dá a partir da noção de verticalidade descendente, que tem como base a experiência corpórea do homem.

No entanto, o domínio concreto verticalidade descendente também serve como base para se compreenderem outros conceitos metafóricos, como “conhecimento”, que tem implícito a metáfora CONHECIDO ESTÁ PARA BAIXO; “baixo status social”, que remete à metáfora BAIXO STATUS ESTÁ PARA BAIXO, sentimento e emoção, que tornam possível a metáfora EMOCIONAL ESTÁ PARA BAIXO e, por fim, tristeza, que motiva TRISTE ESTÁ PARA BAIXO.

O próximo quadro refere-se ao sentido 4 de *down*, “atingir um objetivo, realização, limite em uma escala para baixo”:

Quadro 19: Sistematização das concordâncias constituídas por PVs com *down* (sentido 4)

Sentido:		(4) atingir um objetivo, realização, limite em uma escala para baixo	
<i>come down</i>	Conc 6:	<i>people who just ignored the bureaucracy and just decided to come down and do what you could, even though no one – there</i>	
		MC:	OPOSIÇÃO ESTÁ PARA BAIXO
		M:	Verticalidade descendente → ato de opor-se a algo ou alguém
<i>break down</i>	Conc 1:	<i>chase down a suspect? Wrestle him to the ground? Break down a door? Hit the deck, roll, draw your</i>	
	Conc 2:	<i>, two volunteers went to the food vendor 's tent and broke down a large pile of corrugated cardboard for loading in a nearby</i>	
	Conc 3:	<i>I was able to learn the rules of acting. You break down a script. You do n't walk unless you have a</i>	
	Conc 6:	<i>Made a decision. He was convinced that his marriage had broken down and he was going to ask his wife for a divorce</i>	
	Conc 9:	<i>a result, they are more difficult for the body to break down at night, because the metabolism has slowed for sleep.</i>	
	Conc	<i>would continue to flourish precisely</i>	

10:	<i>because it had begun to break down barriers. # " The problem with college athletics is the</i>
MC:	DESINTEGRAÇÃO ESTÁ PARA BAIXO
M:	Verticalidade descendente/objetivo orientado → ato de desintegrar/quebrar/derrubar

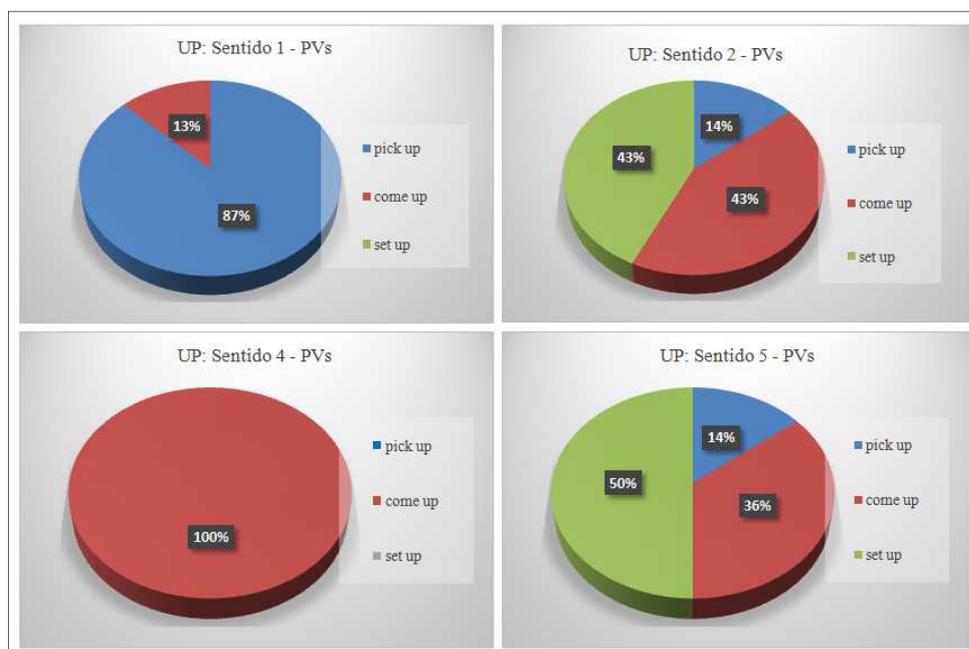
Fonte: elaborada pela autora.

O sentido 4 da partícula *down*, conforme apresentado acima, é observado em sete concordâncias, uma com o PV *come down* e seis com *break down*. Todos os casos verificados em *break down* são fundamentados conceitualmente na noção de objetivo orientado, conceito do DF que tem relação direta com a noção de verticalidade – nesse caso, descendente. Já *come down*, não se faz compreendido pelo conceito de objetivo orientado, mas está diretamente ligado à noção de verticalidade descendente. Dois tipos de mapeamentos metafóricos motivam o sentido 4: oposição (ato de opor-se a algo ou alguém) e desintegração (ato de desintegrar/quebrar/derrubar). Esses conceitos motivam as metáforas conceptuais OPOSIÇÃO ESTÁ PARA BAIXO e DESINTEGRAÇÃO ESTÁ PARA BAIXO, respectivamente; ambas são orientacionais.

Sustentando-se nos dados coletados, bem como nas observações e discussões até aqui tratadas, evidencia-se que movimentos ascendentes e descendentes são estendidos a domínios mais abstratos e acessíveis por meio do sistema conceptual humano, que, a partir da experiência corporificada, possibilita a existência de esquemas imagéticos que proporcionam a compreensão de sentidos metafóricos. Esses esquemas imagéticos são representações mentais de relações espaciais que podem ser representadas pelos elementos focais TR e LM. Observa-se também que um mesmo sentido pode ser motivado por diferentes mapeamentos metafóricos; isso ocorre porque, conforme verificado na presente análise, os conceitos são entendidos em termos de seus respectivos trajetores e marcos, motivando metáforas conceptuais distintas para um mesmo sentido.

Conforme anunciado anteriormente, a apresentação dos dados também é feita em forma de ilustração gráfica, possibilitando uma melhor visualização dos resultados. Os gráficos abaixo mostram o uso dos sentidos das partículas *up* e *down* nos PVs selecionados no *corpus*, conforme dados averiguados na análise.

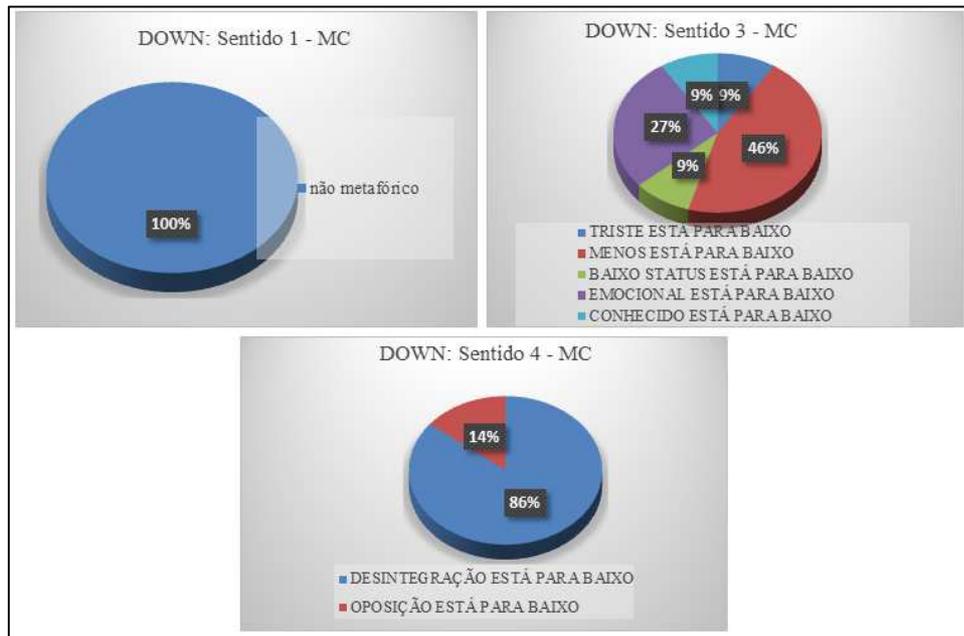
Por meio da visualização dos gráficos, é possível perceber que nem todos os sentidos foram contemplados pelos PVs selecionados, conforme mostra a Figura 22.

Figura 22: Sentidos da partícula *up*

Fonte: elaborada pela autora.

De acordo com a figura, procura-se ilustrar quais dos PVs selecionados para análise contemplam os sentidos da partícula *up* propostos por Rudzka-Ostyn (2003). Tomando tal consideração, observa-se que o sentido 1 (“posição superior ou mover em direção a um lugar mais alto”), sentido mais prototípico da categoria, ocorre apenas com os PVs *pick up* e *come up*; os 87% referentes ao PV *pick up* representam o uso dessa construção V-P em sete concordâncias, enquanto os 13% dizem respeito ao uso de *come up* em apenas uma concordância, dentre as coletadas e analisadas. O sentido 2 (“visar ou atingir um objetivo/fim/limite”) é contemplado pelas três construções, todavia há mais ocorrências com *come up* e *set up* se comparado a *pick up*. O sentido 4 (“mover para um nível/valor/medida superior”) não mostrou-se muito recorrente, tanto que é representado por apenas um dos PVs entre as concordâncias analisadas, *come up*. No que diz respeito ao sentido 5, o mais recorrente dos sentidos, pode ser verificado pelo uso dos três PVs selecionados, em especial pela construção *set up*. Os gráficos ilustrados na Figura 22 não apresentam os sentidos 3 e 6, já que estes não foram verificados pelo uso dos PVs selecionados em suas respectivas concordâncias coletadas para análise.

A Figura 23, a seguir, mostra a mesma relação da Figura 22 - quais são os sentidos contemplados pelo uso dos PVs - porém, trata dos sentidos relacionados à partícula *down*.

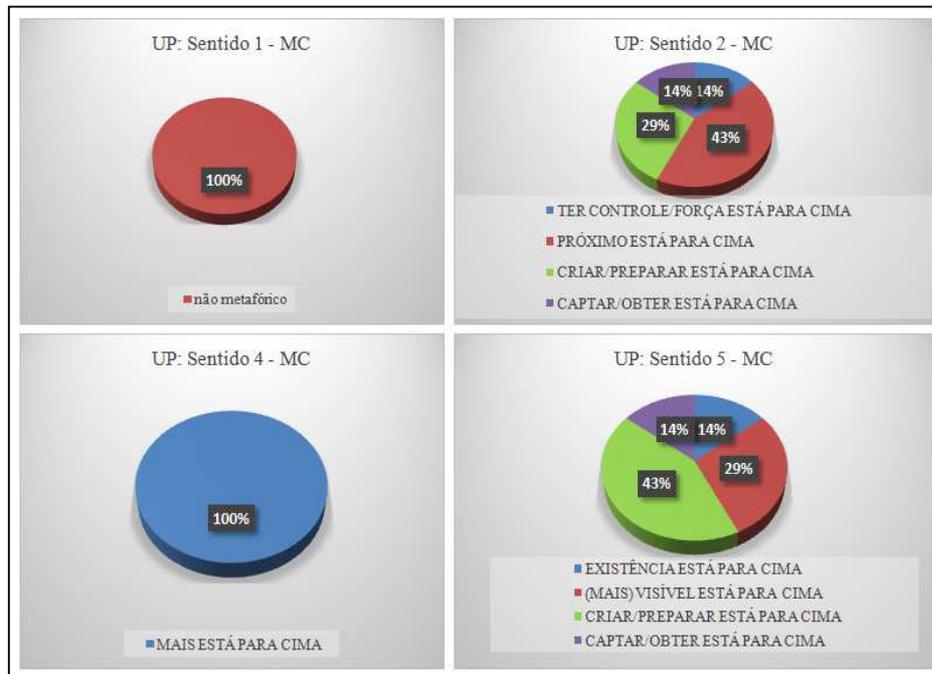
Figura 23: Sentidos da partícula *down*

Fonte: elaborada pela autora.

Com relação aos PVs constituídos pela partícula *down*, pode-se observar que apenas três sentidos foram verificados, o sentido 1 (“movimento de um lugar mais alto para um mais baixo”), o sentido 3 (“redução de intensidade, qualidade, quantidade, tamanho, grau, valor, atividade, status, força, etc.”) e o sentido 4 (“atingir um objetivo, realização, limite em uma escala para baixo”). Os sentidos 2, 5 e 6 não foram contemplados entre os dados analisados. O sentido 1 pôde ser observado pelo uso dos PVs *go down* e *come down*, sendo que o primeiro deles ocorre em maior escala. O sentido 3 é identificado pelo uso dos três PVs selecionados e representa onze concordâncias entre as vinte e oito selecionadas para análise. Já o sentido 4, representado pelos PVs *break down* e *come down*, mostra que a primeira dessas construções é utilizada mais frequentemente.

No que diz respeito aos gráficos seguintes, procura-se mostrar a relação dos sentidos averiguados no *corpus* analisado e as metáforas conceptuais que a eles correspondem. Como se pode verificar, um dado sentido pode ser motivado por uma ou mais metáforas; isso ocorre porque uma determinada metáfora não se limita a um único sentido e, além disso, porque as metáforas conceptuais não motivam os sentidos *in isolation*, uma vez que dizem respeito ao contexto geral de que os PVs e seus diferentes sentidos fazem parte.

Figura 24: Os sentidos de *up* e as metáforas correspondentes

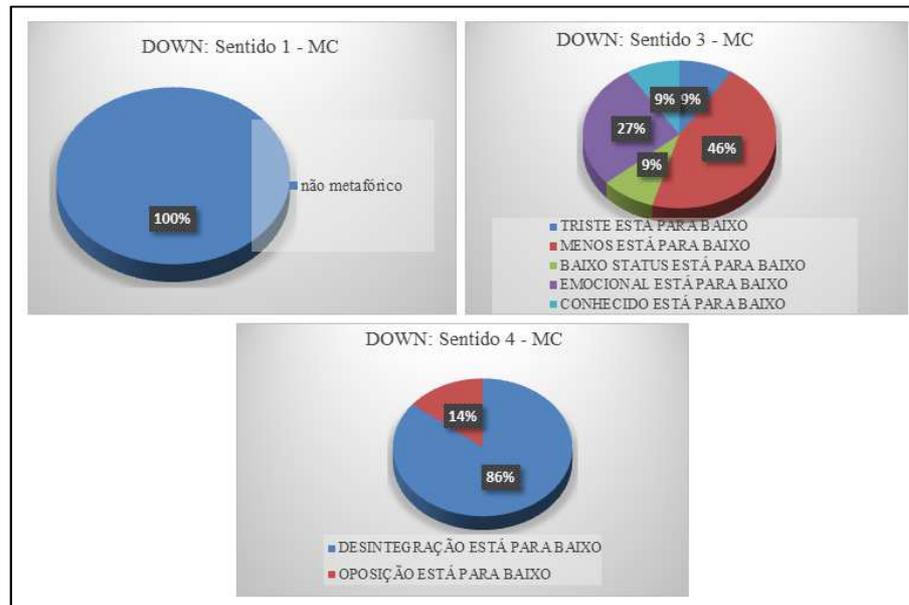


Fonte: elaborada pela autora.

Conforme pode-se observar, a Figura 24 diz respeito à relação do uso dos PVs constituídos por *up* e suas respectivas metáforas conceptuais orientacionais. Essas metáforas são resultado do mapeamento entre conceitos de um DF e um DA, onde os conceitos mais abstratos são compreendidos em termos de verticalidade ascendente e, por vezes, também apresentando a noção de objetivo orientado, conforme assume Lindner (1981).

Essa mesma relação ocorre para as construções V-P, cuja partícula é *down*. Contudo, neste caso, os conceitos mapeados metaforicamente têm como fonte o conceito espacial verticalidade descendente e, por vezes, estão relacionados à noção de objetivo orientado. Conforme ilustrado pela Figura 25, o sentido 3, se comparado aos demais, mostra maior variedade de metáforas conceptuais, ou seja, um maior número de mapeamentos envolvendo diferentes conceitos foi observado quando utilizado no sentido de redução de intensidade, qualidade, quantidade, tamanho, etc.

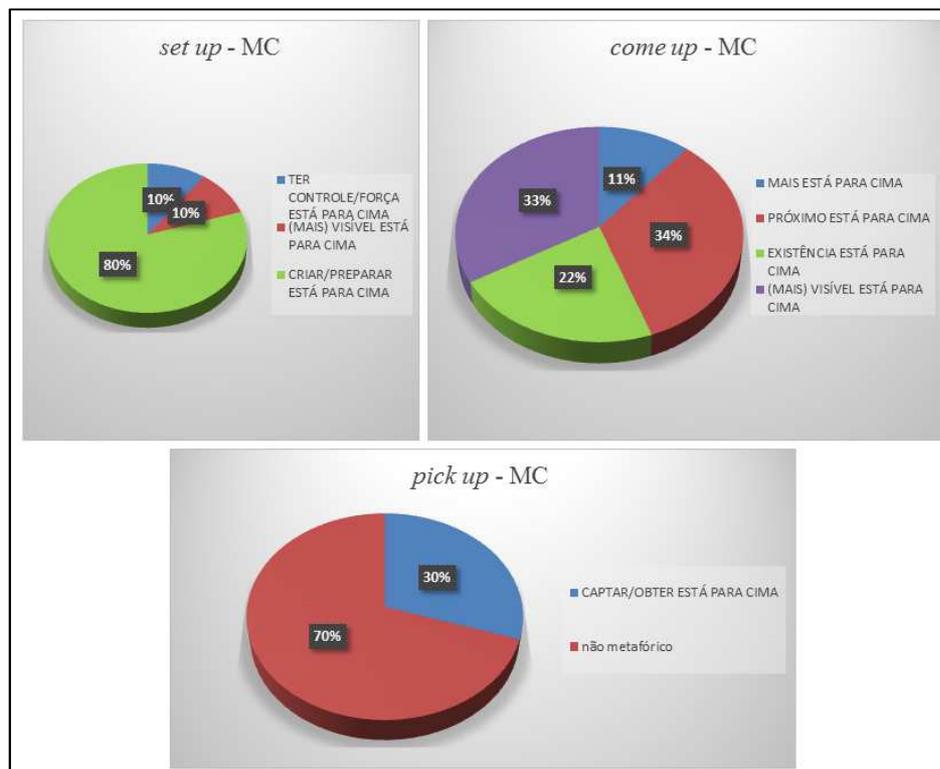
Figura 25: Os sentidos de *down* e as metáforas correspondentes



Fonte: elaborada pela autora.

A seguir, ilustra-se a relação de cada PV selecionado com as metáforas conceptuais que a eles estão vinculadas no *corpus* investigado.

Figura 26: Metáforas conceptuais para os PVs *set up*, *come up* e *pick up*

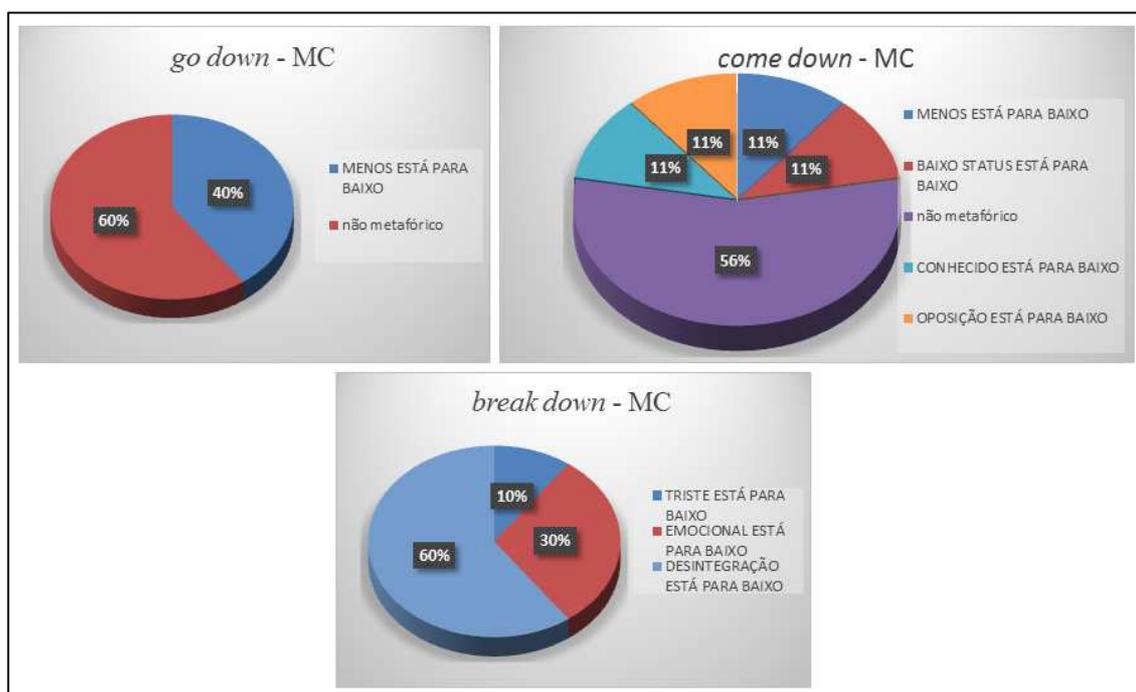


Fonte: elaborada pela autora.

A verificação da relação que há entre os PVs e as metáforas conceptuais conduz à identificação de quais são os conceitos, pelo menos os mais ocorrentes, que mais são utilizados metaforicamente pelas construções V-P selecionadas para a análise. Neste sentido, pode-se dizer que o PV *set up*, ou melhor, as concordâncias constituídas pelo PV *set up*, compreendem conceitos como “controle organizacional”, “visibilidade/acessibilidade/conhecimento” e “ato de criar”, sendo que este último mostra-se o mais ocorrente entre os demais e origina a metáfora CRIAR/PREPARAR ESTÁ PARA CIMA. No que diz respeito ao PV *come up*, verificou-se o uso de conceitos abstratos como “quantidade/tamanho/intensidade”, originando MAIS ESTÁ PARA CIMA, “ato de aproximar”, que leva à metáfora PRÓXIMO ESTÁ PARA CIMA, “ato de tornar algo possível”, o qual origina a metáfora EXISTÊNCIA ESTÁ PARA CIMA e, por fim, “visibilidade/acessibilidade/conhecimento”, que, assim como os demais conceitos, são compreendidos em termos de verticalidade ascendente, fornecendo suporte para a metáfora (MAIS) VISÍVEL ESTÁ PARA CIMA. Já *pick up*, mostra-se não metafórico na grande maioria dos casos analisados, compreendendo apenas o conceito “ato de captar/criar” em termos da orientação espacial verticalidade, originando a metáfora conceptual CAPTAR/OBTER ESTÁ PARA CIMA.

A identificação das metáforas conceptuais que estão relacionadas aos PVs também se dão para as construções constituídas por *down*, conforme ilustra a Figura 27. Neste sentido, observa-se que o PV *go down*, é na sua maioria, utilizado de acordo com o sentido prototípico, isto é, não metafórico, o que representa 60% dos dados analisados, enquanto 40% corresponde ao uso metafórico do conceito “quantidade/tamanho/intensidade”, o qual é compreendido em termos de verticalidade descendente e origina a metáfora conceptual MENOS ESTÁ PARA BAIXO. O PV *come down* mostra-se vinculado a quatro metáforas conceptuais, porém, mais da metade (56%) diz respeito ao uso do sentido prototípico da partícula. Já *break down*, diferentemente dos demais, é utilizado apenas no sentido metafórico e é utilizado para tratar de conceitos como “tristeza”, “sentimento/emoção” e “ato de desintegrar/quebrar/derrubar”, originando as metáforas conceptuais TRISTE ESTÁ PARA BAIXO, EMOCIONAL ESTÁ PARA BAIXO e DESINTEGRAÇÃO ESTÁ PARA BAIXO.

Figura 27: Metáforas conceituais para os PVs *go down*, *come down* e *break down*



Fonte: elaborada pela autora.

A análise aqui ilustrada evidencia que os PVs, na sua maioria, são metafóricos, e que essa metaforicidade tem forte relação com a semântica das partículas que constituem a construção V-P – isso não quer dizer que o significado da construção em si dependa exclusivamente da partícula, já que o verbo também contribui significativamente com o todo; contudo, essa investigação foca sua atenção mais especificamente nas partículas dos PVs, *up* e *down*, evidenciando que a compreensão de como se dá a conceptualização dos significados metafóricos das partículas nos PVs leva a uma melhor interpretação dessas construções.

A contribuição do verbo e da partícula ocorre em diferentes graus, principalmente quando um desses elementos é utilizado de modo figurado, ou seja, idiomático. Conforme abordado no capítulo 2, a metaforicidade e a idiomaticidade estão diretamente relacionadas, apesar de que, conforme Kövecses e Szabó (1996, p. 334), nem todas as expressões linguísticas metafóricas baseadas em metáforas conceituais são idiomáticas. Entretanto, a maioria das expressões idiomáticas é metafórica. É por esse viés que se diz que as metáforas conceituais são inerentes à linguagem, conforme afirmam Lakoff e Johnson (1980); esse é um dos motivos que faz com o presente trabalho assumo o estudo das metáforas como fio condutor para se compreender algumas das peculiaridades que caracterizam os PVs.

No que diz respeito aos sentidos 3 e 6 de *up* (“norte” e “cobrir uma área completamente/atingir um limite máximo”) e aos sentidos 2, 5 e 6 de *down* (“tempo e movimento orientados geograficamente”, “sul” e “movimento de comer ou escrever”,

respectivamente), acredita-se que não foram verificados nas concordâncias coletadas porque dizem respeito a conceitos menos gerais e, portanto, menos ocorrentes em relação aos demais.

Com relação à origem das metáforas conceptuais apresentadas como resultado da análise dos dados, procurou-se identificá-las através de mapeamentos metafóricos, os quais foram demonstrados nas tabelas apresentadas anteriormente. Todas as metáforas identificadas são do tipo orientacional, o que parece lógico, uma vez que *up* e *down* são partículas de orientação espacial. Isso não quer dizer que se ignoram os outros tipos de metáforas conceptuais, mas que, como afirmam Lakoff e Johnson (1980, p. 264), todas as metáforas conceptuais são estruturais e ontológicas, sendo muitas delas orientacionais. Nesse sentido, procurou-se identificar as metáforas do tipo orientacional, sem desmerecer as demais que se correlacionam. Algumas das metáforas identificadas são recorrentes em estudos teóricos prévios. Sendo assim, o Quadro 5, ilustra as metáforas encontradas já previstas na literatura, bem como aquelas que não foram encontradas em estudos anteriores.

Quadro 20: Comparação entre as metáforas conceptuais encontradas neste trabalho e as metáforas encontradas em estudos prévios

Metáforas conceptuais originadas pelos mapeamentos feitos durante a análise dos dados:	Metáforas conceptuais originadas pelos mapeamentos feitos durante a análise dos dados e que foram averiguadas na literatura:
CAPTAR/OBTER ESTÁ PARA CIMA	TER CONTROLE/FORÇA ESTÁ PARA CIMA ¹⁷³
PRÓXIMO ESTÁ PARA CIMA	MAIS ESTÁ PARA CIMA ¹⁷⁴
CRIAR/PREPARAR ESTÁ PARA CIMA	MENOS ESTÁ PARA BAIXO ¹⁷⁵
(MAIS) VISÍVEL ESTÁ PARA CIMA ¹⁷⁶	CONHECIDO ESTÁ PARA BAIXO ¹⁷⁷
EXISTÊNCIA ESTÁ PARA CIMA ¹⁷⁸	BAIXO STATUS ESTÁ PARA BAIXO ¹⁷⁹
OPOSIÇÃO ESTÁ PARA BAIXO	EMOCIONAL ESTÁ PARA BAIXO ¹⁸⁰
DESINTEGRAÇÃO ESTÁ PARA BAIXO	TRISTE ESTÁ PARA BAIXO ¹⁸¹

Fonte: elaborada pela autora.

¹⁷³ No original: HAVING CONTROL OR FORCE IS UP (LAKOFF & JONHSON, 1980)

¹⁷⁴ No original: MORE IS UP ((LAKOFF & JONHSON, 1980)

¹⁷⁵ No original: LESS IS DOWN (LAKOFF & JONHSON, 1980)

¹⁷⁶ Esta metáfora conceptual tem forte relação com DESCONHECIDO ESTÁ PARA CIMA (UNKNOWN IS UP – LAKOFF & JOHNSON, 1980), contudo ela envolve conceitos como ‘visibilidade’ e ‘acessibilidade’ que não são tão bem delineados pela metáfora proposta por Lakoff e Johnson.

¹⁷⁷ No original: KNOW IS DOWN (LAKOFF & JONHSON, 1980)

¹⁷⁸ EXISTÊNCIA ESTÁ PARA CIMA tem forte relação com a metáfora EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE (EXISTENCE IS VISIBILITY) tratada por Grady, 1997.

¹⁷⁹ No original: LOW STATUS IS DOWN (LAKOFF & JONHSON, 1980)

¹⁸⁰ No original: EMOTIONAL IS DOWN (LAKOFF & JONHSON, 1980)

¹⁸¹ No original: SAD IS DOWN (LAKOFF & JONHSON, 1980)

O próximo capítulo traz as considerações finais deste trabalho, retomando os pontos principais da pesquisa realizada, abordando suas limitações e apontando possíveis pesquisas futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho procurou-se demonstrar que a linguística cognitiva em geral, e a semântica cognitiva em particular, pode fornecer o suporte necessário para compreender os fenômenos que norteiam as construções V-P. Esses fenômenos comportam, por exemplo, questões relacionadas à idiomaticidade, composicionalidade, opacidade, polissemia e metaforicidade, sendo que, esta última, recebeu destaque na presente pesquisa, uma vez que tinha-se como foco investigar a metaforicidade dos PVs constituídos pelas partículas *up* e *down*. A principal motivação deste trabalho foi a complexidade semântica dos PVs, em especial suas extensões de significado, as quais têm origem metafórica e estão fortemente ligadas à dificuldade que aprendizes de inglês como língua estrangeira têm em relação à compreensão e ao uso das construções V-P. Nesse sentido, percebeu-se que é possível compreender e explicar os fenômenos que norteiam a construção do significado dos PVs afastando-se de abordagens normalmente conhecidas como tradicionais, que, para tratar dessas construções no ensino, normalmente utilizam listas de verbos para memorização.

Por questões de delimitação do tema, esta pesquisa tratou exclusivamente dos PVs constituídos pelas partículas *up* e *down*, já que parecem estar entre as mais recorrentes no uso da língua inglesa; conforme abordado no capítulo 2, Rudzka-Ostyn (2003, p. 75 e 104) afirma que a partícula *up* é a mais usada na língua inglesa e *down* ocupa a quarta posição como partícula mais utilizada. Seus usos frequentes se explicam pela experiência cotidiana (física e abstrata) que se tem em relação a movimentos ou posições para cima e para baixo. Além disso, priorizou-se a investigação de PVs no formato V-P-SN, já que estes são apontados como os mais idiomáticos se comparados às estruturas V-SN-P (RUDZKA-OSTYN, 2003; CAPPELLE, 2005). Contudo, construções do tipo V-P-Prep-SN também foram analisadas entre os dados coletados, já que estas apresentaram o mesmo comportamento semântico das estruturas delimitadas, a princípio, para análise – o verbo e a partícula, juntos, motivando um novo significado, enquanto o significado da preposição mostrou-se independente da unidade semântica anterior.

Com relação a questão da idiomaticidade, sabe-se também que o fenômeno diz respeito a sentidos figurados, que, na sua maioria, são oriundos de sentidos mais básicos – fator que reflete nos objetivos específicos estipulados neste trabalho, referentes à identificação das metáforas conceituais que motivamos sentidos de suas partículas, à averiguação do modo como ocorrem seus respectivos mapeamentos metafóricos e como esses sentidos expressam esquemas imagéticos. A idiomaticidade é um “prato cheio” para uma análise futura. Questões

relacionadas a esse fenômeno nas construções V-P podem ser melhor exploradas e, conseqüentemente, refletirão na melhor compreensão e interpretação dos PVs. Ao tratar da idiomaticidade dos PVs, não se pode negar o fator da composicionalidade, que pode ser medido pela contribuição do verbo e da partícula, a qual é variável, apresentando-se em diferentes graus, ou seja, o sentido idiomático de uma determinada expressão pode apresentar níveis variáveis, tanto de composicionalidade quanto de idiomaticidade, onde o aumento da presença de um implica na diminuição do outro. Portanto, fica o interesse por uma investigação que vai além do campo semântico das partículas, adentrando-se também no mundo dos verbos, o que conduziria a um estudo mais profundo e levaria em conta uma revisão da literatura mais abrangente, onde se consideraria outros autores, como Cérnak (1988), Gibbs (1992), Gibbs (1995), Fernando (1996), Cacciari (1993), Pitt e Katz (2000), entre outros.

Retomando à questão dos sentidos das partículas, deu-se um destaque considerável ao estudo desenvolvido por Rudzka-Ostyn (2003), uma investigação de grande valia; contudo, a autora, ao abordar a importância das metáforas conceptuais no que tange à formação dos PVs, acaba por não explorá-las. Nesse sentido, a investigação realizada na presente pesquisa, em especial no que diz respeito à verificação dos mapeamentos metafóricos e das metáforas conceptuais relacionadas aos PVs em concordâncias, pode agregar à proposta de caráter pedagógico de Rudzka-Ostyn, de modo que se possa contribuir com o ensino-aprendizagem de construções V-P metafóricas a partir da conscientização do aprendiz quanto às metáforas conceptuais relacionadas. Conseqüentemente, busca-se oferecer subsídios que possibilitem uma maior compreensão desse fenômeno linguístico.

No que se refere à Teoria da Metáfora Conceptual, utilizada como base teórica nesta investigação, reitera-se que a teoria não trata especificamente de PVs e, além disso, sofre críticas por apresentar algumas lacunas. Porém, a partir deste trabalho, foi possível evidenciar que por meio da TMC, teoria central para esta pesquisa, aliada a outras teorias, aqui consideradas periféricas, mas que conduzem à compreensão dos fenômenos que norteiam os PVs, as metáforas conceptuais podem ser verificadas nas construções V-P, já que sua metaforicidade é bastante recorrente. Essas metáforas verificadas são de caráter orientacional – o que não quer dizer que deixem de apresentar características ontológicas e estruturais, conforme definições de Lakoff e Johnson (1980) e Kövecses (2010). Além disso, destaca-se que, conforme defendido por Lindner (1981), Cappelle (2005), Tyler e Evans (2003) e Rudzka-Ostyn (2003), a contribuição semântica da partícula de um PV tem papel essencial na

significação do todo, que, juntamente com o verbo, apresenta forte grau idiomático em muitos casos.

Convém também mencionar as limitações desta pesquisa. A primeira delas diz respeito à identificação dos sentidos que não foram verificados nas concordâncias analisadas. Acredita-se que o sentido “norteda partícula *up*, assim como o sentido “cobrir uma área completamente/atingir um limite máximo”, poderia ser verificado caso houvesse um número maior de concordâncias coletadas para um mesmo PV, como, por exemplo, para o tipo *go up*. A mesma suposição se faz para os sentidos “tempo e movimento orientados geograficamente” e “sul”, propostos para a partícula *down* e que normalmente ocorre em construções do tipo *go down*. Já em relação ao sentido “movimento de comer ou escrever”, também delineado para PVs constituídos pela partícula *down*, pressupõe-se que, por mais que a partícula contribua para o significado da construção V-P, o sentido do verbo seria mais saliente – casos que possivelmente indicam tal aspecto são: *copy down, write down, jot down, note down, put down, swallow down, take down etc.*

A segunda limitação está relacionada à extração de apenas PVs no formato V-P. O que ocorre é que, mesmo que o *corpus* disponha da ferramenta de etiquetagem morfosintática, assim como do ferramental *pos list* (que se refere a uma lista de comandos relativos às classes gramaticais), para se fazer a extração dos dados, a revisão manual não pode ser dispensada, pois verificaram-se dois casos, dentre as concordâncias selecionadas para análise, cuja construção não correspondia ao formato de PV que se desejava extrair .

Por fim, a última limitação verificada diz respeito à necessidade de melhor contextualização de algumas das concordâncias no momento da análise. Neste sentido, a fim de que se pudesse ter certeza do contexto das ocorrências verificadas, foi necessário consultar o texto correspondente na íntegra, quando este estava disponível *online*.

Como perspectiva para estudos futuros, destaca-se a relevância de se investigar a relação entre metafóricidade e idiomaticidade dos PVs, não somente no formato V-P-SN, mas também as ocorrências com V-SN-P, verificando-se como esses dois grupos se diferenciam no que se refere à idiomaticidade. Sugere-se, também, que o fenômeno dos PVs seja estudado a partir de outros fenômenos diretamente relacionados à sua complexidade, tais como a polissemia.

Além disso, acredita-se que este estudo dar-se –ia como melhor apoio teórico , em especial para professores de língua estrangeira-ínglês, se houvesse uma investigação complementar ao material aqui abordado , tratando do grau de contribuição composicional dos elementos que constituem os PVs, ou seja, tanto do verbo quanto da partícula. Por fim, fornecer orientações

de cunho didático para trabalhar atividades em sala de aula que despertem nos aprendizes de inglês noções básicas relacionadas à semântica cognitiva e à TMC, para, posteriormente, levar os alunos a inferirem os mapeamentos metafóricos que dizem respeito às construções V-P, conduzindo-os a um processo de aprendizagem repleto de significação .

REFERÊNCIAS

- BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BIBER, Douglas. What can a corpus tell us about registers and genres? In: O'KEEFFE, Anne; MCCARTHY, Michael. **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. New York: Routledge, 2010. p. 241-254.
- BOLINGER, Dwight. **The Phrasal Verb in English**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1971.
- BLOW UP. In: MICHAELIS. **Dicionário de Phrasal Verbs: Inglês-Português**. Clóvis Osvaldo Gregorim; Mark G. Nash. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- CAPPELLE, Bert. **Particle Patterns in English: a comprehensive coverage**. 2005. 500 f. PhD thesis (Doctor in de Taal- en Letterkunde: Germaanse Talen)–Faculteit Letteren, Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/1432972/Particle_patterns_in_English_A_comprehensive_coverage. Acesso em: 4 set. 2014.
- CASSIARI, Cristina. The Place of Idioms in a literal and metaphorical world. In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. 27 – 56.
- CÉRMAK, Frantisek. On the substance of idioms. **Folia Linguistica**, Berlim, v. 22, n. 3, p. 413 – 438, 1988.
- CHOMSKY, Noam. **Rules and representations**. New York: Columbia University Press, 1980.
- DAVIES, Mark. **The Corpus of Contemporary American English: 450 million words, 1990-2012**. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coca/>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- _____. The 385+ million word Corpus of Contemporary American English (1990-2008+): design, architecture, and linguistic insights. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 14:2, p. 159-190, 2009. Disponível em: <<https://benjamins.com/#catalog/journals/ijcl.14.2.02dav/details>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- Dirven, R. & Taylor, J. The conceptualisation of vertical space in English: The case of Tall. In B. Rudzka-Ostyn (Ed.). **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 379–402
- EVANS, Vyvyan. **A Glossary of Cognitive Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- _____; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERNANDO, Chitra. **Idioms and Idiomaticity**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FILLMORE, Charles J. & KAY, Paul. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the What's X doing Y? construction. *Language*, [S.l.], v. 75, n. 1, 1999. p. 1-33.

FRASER, Bruce. **Idioms within a transformational grammar**. Foundations of language. Cambridge, v. 6, p. 22-42, 1970.

FRASER, Bruce. **The Verb-Particle Combination in English**. New York: Academic Press, 1976.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **Introducing Cognitive Linguistics**. In.: _____; _____ (Eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GEERAERTS, Dirk, GRONDELAERS, Stefan e BAKEMA, P. **The structure of lexical variation**. Meaning, naming, and context. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.

GIBBS, Raymond. What do idioms really mean? **Journal of memory and language**. Orlando, v. 31, p. 485 – 506, 1992.

_____. Idiomaticity and human cognition. In: EVERAERT, martin. (ed) **Idioms: structural and psychological perspectives**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995, p. 97 – 116.

_____. Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, sceptical questions, future challenges. **D.E.L.T.A.** 22/Especial: 1-20, 2006.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: **The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic actions**. *Cognitive Linguistics*, 1, 323–340. 1990

GRADY, Joseph. E. Theories are buildings revisited. *Cognitive Linguistics*, 8-4, p. 267-290, 1997.

GRONDELAERS, Stefan; GEERAERTS, Dirk; SPEELMAN, Dirk. **A case for a cognitive corpus linguistics**. In: *Methods in Cognitive Linguistics*. 2007. p. 149 – 169.

GUÉRON, Jacqueline. 1990. Particles, prepositions, and verbs. In: Joan Mascaró and Marina Nespó (Eds.). **Grammar in Progress: Glow Essays for Henk van Riemsdijk**. (Studies in Generative Grammar, 36.) Foris: Dordrecht, 153-66.

HARLEY, Heidi and NOYER, Rolf. 1998. Mixed nominalizations, short verb movement and object shift in English. In: Pius N. Tamanji and Kiyomi Kusumoto (Eds.). **Proceedings of the North East Linguistic Society (NELS) 28**. Amherst: GLSA Publications, 143-57.

HODGSON, Elaine Carvalho Chaves. **Breaking down and Building up: metáforas conceituais e ensino/aprendizagem de verbos de duas ou mais palavras**. 203 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

KATZ, Jerrold J. **Compositionality, idiomaticity, and lexical substitution**. A Festschrift for Morris Halle. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1973.

_____.; POSTAL, Paul. . Semantic interpretation of idioms and sentences containing them. **Quarterly Progress Report of the MIT Research Laboratory of Electronics** 70, 1963. p. 275-82.

KEMMER, S. & BARLOW, M. Introduction. In: M. BARLOW; M.; S. KEMMER, S., Usage-based models of language (vii–xxviii). Stanford: CSLI, 2000.

KOVÁCS, Éva. **The Traditional vs. Cognitive Approach to English Phrasal Verbs**. [S.l., 2008?].

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.

_____; SZABÓ, Péter. Idioms: a view from cognitive semantics. **Applied Linguistics**, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 326-355, 1996. Disponível em: <<http://applied-oxfordjournals-org.ez101.periodicos.capes.gov.br/content/17/3/326.full.pdf+html>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. Originalmente publicado em 1987.

_____; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003. Originalmente publicado em 1980.

_____._____. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. 1987. **Foundations of Cognitive Grammar**. Volume 1 Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LEME, Andreza da Costa. **Idiomatidade e composicionalidade das expressões idiomáticas da língua inglesa: o significado na interface semântico-pragmática-etimológica**. 166 f. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LINDNER, Susan. **A lexico-semantic analysis with verb-particle constructions with UP and DOWN**. 1981. 260 f. Tese de Doutorado. Universidade da Califórnia, San Diego, 1981.

LIPKA, Leonhard. **Semantic Structure and Word-Formation: Verb-Particle Constructions in Contemporary English**. (International Library of General Linguistics, 17.) München: Fink, 1972.

MACMILLAN Phrasal Verbs Plus. Oxford: Macmillan, 2005.

MACHONIS, PETER A. Transformations of verb phrase idioms: Passivization. particle movement, dative shift. *American Speech*, [S.l.], v. 60, 1985. p. 291-308.

MICHAELIS. **Dicionário de Phrasal Verbs: Inglês-Português**. Clóvis Osvaldo Gregorim; Mark G. Nash. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A.; WASOW, Thomas. Idioms. **Language**, v. 70, n. 3, p. 491-538, set. 1994. Disponível em: <<http://www-jstor-org.ez101.periodicos.capes.gov.br/stable/416483>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

O'KEEFFE, Anne; MCCARTHY, Michael. **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. New York: Routledge, 2010.

PALMER, Frank Robert. **The English Verb**. 2. ed. New York: Longman, 1987. p. 215-239.

PITT, David; KATZ, Jerrold. Compositional Idioms. **Language**. Stanford, v. 76, n. 2, p. 409 – 432, 2000.

RUDZKA-OSTYN, Brygida. **Word Power: phrasal verbs and compounds**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

SCHULZE, R. (1988). A short story of down. In W. Hüllen & R. Schulze (Eds.), **Understanding the lexicon: Meaning, sense and world knowledge in lexical semantics** (pp. 394–410). Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

SROKA, Kazimierz A. **The Syntax of English Phrasal Verbs**. (Janua Linguarum, Series Practica, 129.) The Hague: Mouton, 1972.

TAGNIN, Stella E.O.; VIANA, Vander (Org.). **Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: HUB, 2011.

_____. Glossário de Linguística de Corpus. In: _____; VIANA, Vander (Org.). **Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: HUB, 2011.

_____. **O jeito que a gente diz**. São Paulo: DISAL, 2013.

TALMY, Leonard. 2003. A typology of event integration in language. Abstract for a talk given in the CSLI Coglunch series, Stanford University, 22 May 2003. Disponível em: <<http://www-csli.stanford.edu/events/Coglunch/Abstracts/talmy-052203.txt>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

TYLER, Andrea; EVANS, Vyvyan. **The semantics of English prepositions: spatial scenes, embodied meanings and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

VAN DER LINDEN, Erik-Jan. **Incremental processing and the hierarchical lexicon**. Computational Linguistics, [S.l.], v. 18, 1992. p. 219-238.